



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Literaturas Africanas I

Volume 1

Claudia Amorim
Christian Fischgold
Mayara Matos



GOVERNO DO
Rio de Janeiro

SECRETARIA DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

www.cederj.edu.br

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Marilvia Dansa de Alencar

Coordenação do Curso de Letras

UFF - Lívia Maria de Freitas Reis Teixeira

Material Didático

Elaboração de Conteúdo

Claudia Amorim

Christian Fischgold

Mayara Matos

Direção de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Coordenação de Design Instrucional

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo da Cunha

Paulo Vasques de Miranda

Supervisão de Design Instrucional

Aroaldo Veneu

Design Instrucional

Ana Cristina Andrade

Gustavo Malheiros

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

Revisão Linguística e Tipográfica

Elaine Bayma

Licia Matos

Maria Elisa Silveira

Yana Gonzaga

Ilustração

Vinicius Mitchell

Capa

Vinicius Mitchell

Programação Visual

Alexandre d'Oliveira

Camille Moraes

Cristina Portella

Filipe Dutra

Larissa Averbug

Produção Gráfica

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Copyright © 2015, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

A5241

Amorim, Cláudia.

Literaturas Africanas I: volume 1. / Claudia Amorim, Christian Fischgold, Mayara Matos. – Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2015.
242 p.: il. 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-458-0034-7

1. Literatura africana. 2. Cultura africana. I. Fischgold, Christian. II. Matos, Mayara. 1. Título.

CDD:896

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Social

Gabriell Carvalho Neves Franco dos Santos

Instituições Consorciadas

CEFET/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica

Presidente: Alexandre Sérgio Alves Vieira

IFF - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Reitor: Jefferson Manhães de Azevedo

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Reitor: Luis César Passoni

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Ruy Garcia Marques

UFF - Universidade Federal Fluminense

Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor: Roberto Leher

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Reitor: Ricardo Luiz Louro Berbara

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

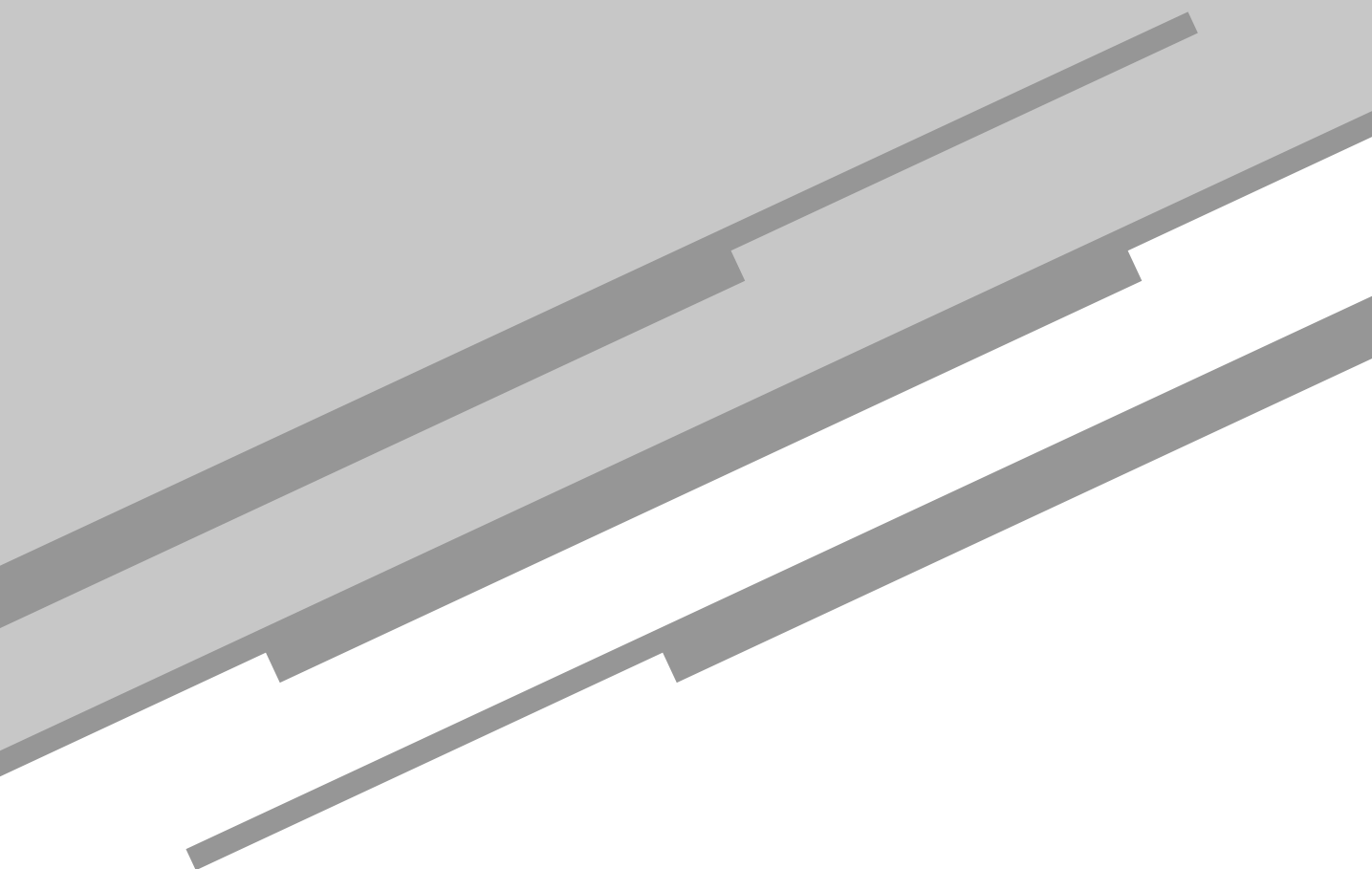
Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

Sumário

Aula 1 • O continente africano	7
<i>Claudia Amorim</i>	
Aula 2 • A África de língua portuguesa	35
<i>Claudia Amorim</i>	
<i>Christian Fischgold</i>	
Aula 3 • A cultura e a literatura em Angola: período colonial.....	69
<i>Claudia Amorim</i>	
<i>Christian Fischgold</i>	
Aula 4 • A cultura e a literatura em Moçambique: período colonial.....	97
<i>Claudia Amorim</i>	
<i>Christian Fischgold</i>	
Aula 5 • A cultura e a literatura em Guiné-Bissau: Guiné Portuguesa no período colonial	121
<i>Claudia Amorim</i>	
<i>Christian Fischgold</i>	
Aula 6 • A cultura e a literatura no arquipélago de Cabo Verde: período colonial.....	145
<i>Claudia Amorim</i>	
<i>Christian Fischgold</i>	
Aula 7 • A cultura e a literatura no arquipélago de São Tomé e Príncipe.....	173
<i>Claudia Amorim</i>	
<i>Mayara Matos</i>	
Aula 8 • Oratura: relações entre oralidade e literatura nos países africanos de língua portuguesa.....	209
<i>Claudia Amorim</i>	
<i>Mayara Matos</i>	
Referências.....	233

Aula 1

O continente africano



Claudia Amorim

Meta

Apresentar o objeto de estudo da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, bem como o continente em que esta literatura se desenvolve, considerando seus aspectos linguísticos, étnicos, históricos e políticos.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar a multiplicidade política, étnica, linguística e cultural do continente africano;
2. conceituar o objeto de estudo desta disciplina.

África: que lugar é esse?

Observe a imagem a seguir:



Figura 1.1: Safári na África.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sabi_sabi_game_drive.jpg

Essa imagem poderia ilustrar um guia de viagem que incluísse um safári em uma savana africana ou uma reportagem sobre uma região de conflito na África. Poucas pessoas associariam essa imagem a algum espaço fora do continente africano, não é? Isso porque já compõe o nosso imaginário a noção de que África é um espaço perigoso, com uma farta vegetação que exige de nós, ocidentais, uma parafernália que nos permita sair de qualquer situação perigosa rapidamente, como um carro adequado, roupas, chapéus etc.

Você já deve ter visto reportagens na televisão ou mesmo programas humorísticos em que a África é retratada como uma grande floresta, onde habitam animais selvagens como leões, hienas, tigres, elefantes etc. As cenas, provavelmente, contavam com um veículo próprio para safári, uma vegetação rasteira, algumas árvores e um repórter vestido como um explorador.



Figura 1.2: Homem queniano.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Kenyan_man_2.jpg

As poucas pessoas que viviam na região não contavam com luz elétrica ou água encanada. O conceito de vestuário da população também se mostra bastante diferente do que estamos acostumados. Em alguns casos, as pessoas têm seus lábios alargados, pescoços alongados por argolas, usam vestimentas feitas de palha, as mulheres mantêm os seios expostos... Enfim, tudo o que passa pelas nossas cabeças é, no mínimo, bastante diferente da nossa paisagem cotidiana ocidental.

A cena que habita nosso imaginário não é nova, na verdade, ela é bastante antiga... E o objetivo desta aula é justamente ampliá-la. Afinal, há povos com costumes diferentes dos ocidentais na África, há leões também. Mas não há só isso...

Veja o que Joseph Ki-Zerbo fala sobre o estudo da História da África:

Portulano

Coleção de mapas encadernados em forma de livro, em que se descrevem portos de mar, sua profundidade, suas marés, modo de entrar e de sair deles etc.

A África tem uma história. Já foi o tempo em que nos mapas-múndi e **portulanos**, sobre grandes espaços, representando esse continente então marginal e servil, havia uma frase lapidar que resumia o conhecimento dos sábios a respeito dele e que, no fundo, soava também como um alibi: *Ibi sunt leones*. Aí existem leões. Depois dos leões, foram descobertas as minas, grandes fontes de lucro, e as “tribos indígenas” que eram suas proprietárias, mas que foram incorporadas às minas como propriedades das nações colonizadoras (KI-ZERBO, 2010).



Joseph Ki-Zerbo (21 de junho de 1922 – 4 de dezembro de 2006), político e historiador de Burkina Faso, participou da construção dos oito volumes da coleção História Geral da África, publicação encomendada pelos países africanos à Unesco em 1964 e traduzida para a língua portuguesa em 2010. Ki-Zerbo é o editor do volume I. Sua compreensão profunda do passado da África é base para uma filosofia política que procura estabelecer a estrutura para um trajeto de desenvolvimento genuinamente africano.

De acordo com Joseph Ki-Zerbo, a justificativa “Aí existem leões” não cabe mais na sociedade contemporânea para explicar o tamanho desconhecimento do continente africano. Descobriu-se ouro nesse território. As terras foram exploradas. Uma parcela da população mundial foi afetada pela intervenção europeia através do tráfico negreiro. Ou seja: os leões existentes lá não foram empecilho para a exploração do continente. Então, por que seriam para o estudo desse continente?

Ao longo desta aula, tenha em mente a seguinte pergunta: será que um território de 30 milhões de km² apresenta as mesmas características étnicas, linguísticas, físicas e culturais?

África: um continente múltiplo

Tal como acontecia com a quase globalidade dos afro-americanos, para ele [Daniel] África era qualquer coisa de atrasado, ruim, horrível, cuja referência convinha evitar sempre que possível. Nunca, antes de chegar à universidade, ouvira dizer algo de positivo ou de interessante sobre o continente. No fundo, acreditava também ele que o africano continuava a vestir couro de leão e dormia em cima de árvores, tal como se via nos filmes do Tarzan.

[...] Fora igualmente Mark quem primeiro lhe falara da outra África, aquela que nunca aparecia nos meios de comunicação e da qual tão pouco se sabia (SILA, 2002, p. 203-204).



Abdulai Sila (1958-), escritor guineense contemporâneo, iniciador de uma corrente ficcional original e autor do que é considerado o primeiro romance guineense, *Eterna Paixão* (1994). Seus outros livros são *A última tragédia* (1995), *Mistida* (1997), *As orações de Mansata* (2007) e *Dois tiros e uma gargalhada* (2013).

A personagem Daniel, do romance *Eterna paixão*, de Abdulai Sila, é um norte-americano negro que, ao ingressar na universidade, depara-se com a “outra África”. Antes do estudo minucioso feito por ele, sua noção do continente era semelhante à percepção da maioria das pessoas no Brasil: algo de “atrasado”, “ruim” e “horrível”. Vamos fazer um caminho semelhante ao que foi feito por Daniel antes de conhecer a literatura desse continente.

Para alguns, poderá parecer óbvio, mas temos que ressaltar um fato essencial antes de continuarmos: a África é um continente que contém 54 países. Isso significa que cada território nacional apresenta fronteiras, dentro das quais os Estados definem suas próprias constituições e formas de governo.

Observe cuidadosamente o mapa político da África e tente localizar os países sobre os quais você já ouviu alguma notícia ou referência.

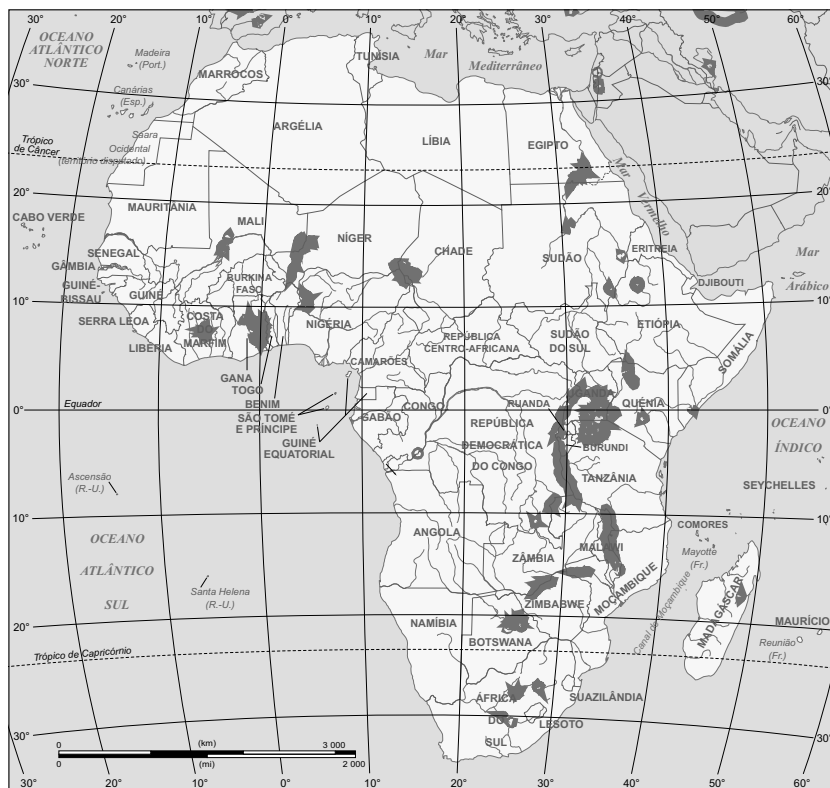


Figura 1.3: Mapa político da África.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:African_continent-pt.svg

Acredito que você se lembre de alguns nomes por causa de jornais, telejornais, novelas, Olimpíadas ou Copa do Mundo de futebol. Você identificou algum país sobre o qual você nunca tinha ouvido falar? Ficou surpreso em descobrir que países sobre os quais você está acostumado a ouvir ficam na África?

Burundi e Marrocos já foram cenários de telenovelas brasileiras. Egito e Líbia têm feito parte dos telejornais por causa de questões políticas. Somália e Etiópia são países que sempre lembram pobreza e fome. África do Sul foi o país-sede da Copa do Mundo de 2010. Camarões e Nigéria têm seleções de futebol que competem até com times europeus. O Quênia exporta para São Paulo os campeões da corrida de São Silvestre.

Talvez você saiba mais sobre a África do que imagina!

Os países que existem hoje não refletem a realidade cultural do continente. Na verdade, as fronteiras que existem hoje são consequência da colonização e da **Conferência de Berlim**.

Conferência de Berlim

Realizada entre 19 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, teve como objetivo organizar, na forma de regras, a ocupação da África pelas potências coloniais e resultou em uma divisão que não respeitou nem a história, nem as relações étnicas e mesmo familiares dos povos do continente. Como consequência disso, as nações africanas comportam diversas diferenças étnicas, culturais e religiosas em seus atuais territórios.



É importante ressaltar que a heterogeneidade no continente africano não surgiu com a colonização; a multiplicidade cultural e religiosa já estava presente nos reinos da Antiguidade, como os do Congo ou do Monomotapa, por exemplo.

Regiões africanas

Observe os poemas a seguir:

Poema do mar

Jorge Barbosa

O Mar!
cercando
prendendo as nossas Ilhas,
desgastando as rochas das nossas Ilhas!
Deixando o esmalte do seu salitre nas faces dos pescadores,
roncando nas areias das nossas praias,
batendo a sua voz de encontro aos montes,
baloçando os barquinhos de pau que vão por estas costas...

Antes

Costa Andrade

Não sei se era tristeza se era o vento
O que secava as árvores e o capim
E avermelhava os olhos dos calados
Semicerrava os olhos da coragem
E sombreava os rostos revoltados.

Em julho no Lubango

Manuel Rui

Há uma bruma matinal até o sol ser todo
Luz que se filtra em uma calma azul
sem nuvem o céu se faz de um infinito
para além dos largos ombros das colinas



Jorge Barbosa (1902-1971), escritor cabo-verdiano. A publicação de seu livro *Arquipélago*, em 1935, foi um marco para o nascimento da poesia cabo-verdiana, e por isso é considerado o pioneiro da moderna poesia do país.



Costa Andrade (1936-), escritor angolano, membro fundador da União dos Escritores Angolanos, foi um dos editores da coleção Autores Ultramarinos da Casa dos Estudantes do Império, que desempenhou um papel decisivo na divulgação das literaturas africanas de língua portuguesa, especialmente da literatura angolana.



Manuel Rui (1941-), escritor angolano, autor de poesia, contos, romances e obras para o teatro; membro fundador da União dos Artistas e Compositores Angolanos, da União dos Escritores Angolanos e da Sociedade de Autores Angolanos. É autor da letra do Hino Nacional de Angola.

Releia os trechos dos poemas e tente imaginar o cenário contido nos textos.

São muito diferentes uns dos outros, não é? Isso é esperado de um espaço tão grande e tão diverso como a África.

Para ajudar na compreensão do espaço, a África costuma ser regionalizada, segundo a localização geográfica dos países, em cinco grupos: a África Setentrional (ou Norte), a África Ocidental, a África Central, a África Oriental e a África Meridional (ou Sul).

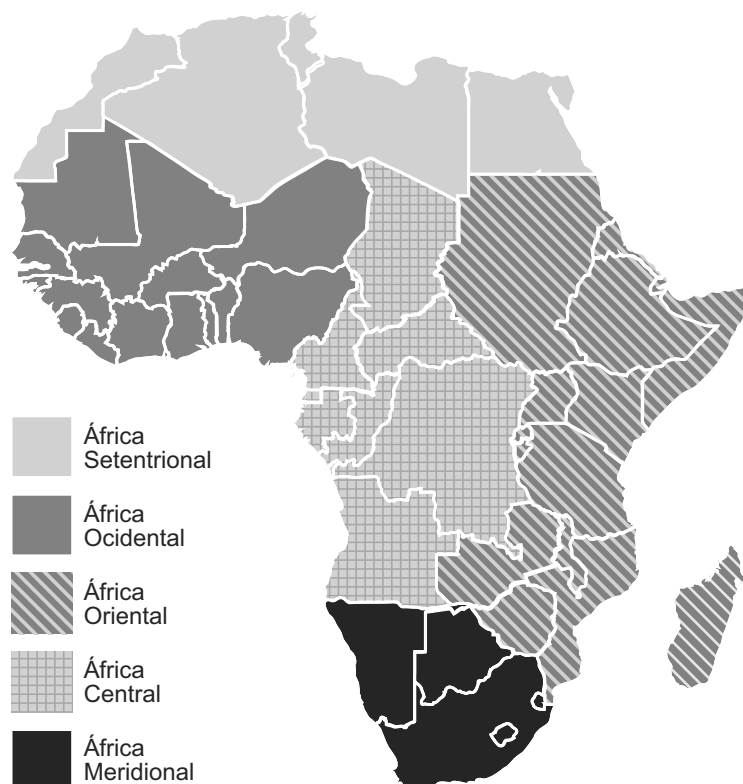


Figura 1.4: Divisão por regiões.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Africa-regions.png>



Figura 1.5: Costa de Argel, capital da Argélia, no norte da África.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Algiers_coast.jpg



Figura 1.6: Mesquita Muhammad Ali, no Cairo, Egito.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Alabastermoschee.jpg>

É preciso observar que o continente africano é rico em sua diversidade. Não existe apenas uma África, mas várias Áfricas contidas em um continente, da mesma maneira que a história dos povos africanos não é exatamente a mesma de uma região para a outra, embora haja semelhanças. É preciso, então, olhar para a África para apreender a sua diversidade.



Assista à palestra “O perigo da História única”, proferida pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie, na conferência TED.

Acesse: http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1



Figura 1.7: Homem da medicina popular na Nigéria.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igbo_medicine_man.jpg

Com base naquilo que você leu, assinale F para as declarações falsas e V para as declarações verdadeiras:

- () O mapa político da África contemporânea reflete claramente as escolhas dos africanos, bem como sua divisão social.
- () Cada país possui diversos povos diferentes em seu território, com costumes, culturas e crenças específicas.
- () Os 54 países da África mantêm leis comuns a todas as nações a fim de que haja unidade no continente.

Resposta comentada

Como será que você respondeu? Neste primeiro momento, acredito que você já consiga responder corretamente sem nem retornar ao texto. A sequência que responde a atividade é F-V-F. Observando o mapa político e comparando com o mapa das regiões, você encontrará uma informação que sempre gera dúvida: há um país chamado África do Sul e há a região Sul da África (ou África Meridional); também há a República centro-africana e a região da África Central. Sempre que precisar, retorne a esses mapas. A geografia dos países sempre é refletida pelas artes, em especial, pela literatura.

Povos da África x países da África

Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro (KI-ZERBO, 2010).

De acordo com Joseph Ki-Zerbo, o estado de pobreza em que se encontram vários países da África tem a ver com o histórico de exploração colonial. A colonização também foi a responsável pelo mapa político atual. Como você já leu, a Conferência de Berlim não respeitou as **etnias** africanas quando estabeleceu o mapa que temos hoje.

Etnia

Coletividade de indivíduos que se diferencia por sua especificidade sociocultural, refletida principalmente na língua, na religião e nas maneiras de agir.



Figura 1.8: Mulher queniana com vestimenta tradicional.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Kenyan_woman_2.jpg

Vários povos e até mesmo famílias tiveram seu território dividido por fronteiras políticas. E mais, povos inimigos constituíram o mesmo país. Como você pode imaginar, isso gerou uma série de problemas!

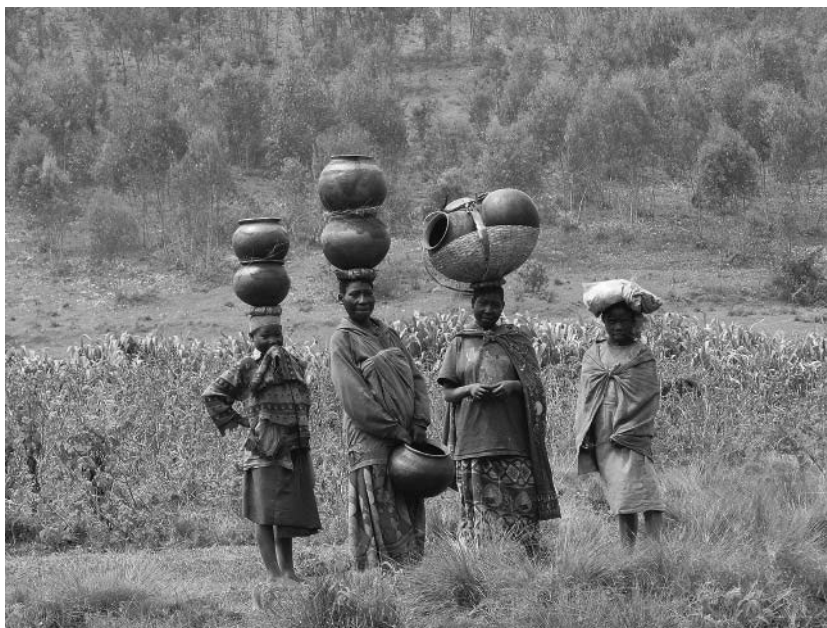


Figura 1.9: Mulheres da etnia Batwa, no Burundi.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Batwa_women_in_Burundi.jpg



Se puder, assista aos filmes *Hotel Ruanda* (2004, dirigido por Terry George) e *Invictus* (2009, dirigido por Clint Eastwood).

O primeiro conta o genocídio ocorrido em Ruanda entre abril e julho de 1994. As duas etnias que vivem no país – hutus e tutsis – entraram em um grave conflito que culminou com o extermínio de 500 mil pessoas, em um intervalo de três meses!

Acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=dhQJpX27AdQ>.

Invictus conta a estratégia adotada pelo primeiro presidente negro da África do Sul, Nelson Mandela, para estabelecer a unidade do país após o fim do regime de **apartheid**.

Apartheid (separação)

Regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da grande maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca.



Figura 1.10: Nelson Mandela.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Nelson_Mandela-2008_\(edit\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Nelson_Mandela-2008_(edit).jpg)

Os filmes indicados no box exemplificam alguns dos conflitos étnicos presentes na África, tanto na relação entre negros e brancos, como na África do Sul, quanto entre etnias negras, como em Ruanda. Contemporaneamente, todas as etnias são mestiças, ou seja, não há alguém que pertença a uma única etnia. Logo, algumas rivalidades usam a questão étnica como uma desculpa para algo que, na verdade, é relacionado ao poder.

A convivência das diversas etnias em um único país não acarretou apenas problemas. A mestiçagem também causa fatos positivos, haja vista o povo brasileiro! Em geral, os países apresentam culturas muito ricas, uma vez que mesclam crenças, costumes e rituais. Em um mesmo país, convivem, às vezes, mais de dez povos diferentes.

Apesar da existência de conflitos até os dias de hoje, na história dos países africanos, é possível observar que a maioria das nações conseguiu passar por cima das diferenças étnicas e combater o colonialismo lado a lado, a fim de conquistar um bem comum: a independência.

Atividade 2

Atende ao objetivo 1

Assinale V para as afirmativas verdadeiras e F para as declarações falsas:

- () Todas as etnias africanas sempre viveram harmonicamente. Foi a presença europeia no continente que desencadeou conflitos entre elas.
- () Os povos africanos não mantinham contato uns com os outros até a chegada dos europeus. Mesmo vivendo no mesmo território, não havia casamento entre pessoas de etnias diferentes ou trocas culturais.
- () As lutas pelas independências dos países africanos precisou ignorar diferenças histórico-culturais, a fim de conquistar um bem maior e comum a todos.

Resposta comentada

Mais uma atividade bem simples, não é? Apenas a última assertiva é verdadeira, as demais são falsas (F-F-V).

Não dá para dizer que “*todas* as etnias africanas *sempre* viveram harmonicamente”. Nem todas, nem sempre. Os reinos africanos da Antiguidade travaram batalhas, venceram e perderam conflitos, conquistaram territórios e subjugaram povos. Isso reverbera consequências até hoje. Sendo assim, é fácil identificar que os contatos entre os povos eram constantes, mesmo muito antes da colonização europeia.

E que língua eles falam?



Pensando na quantidade de povos diferentes e nas dezenas de países, bem como em seus modelos de colonização, você deve estar se perguntando: “é que língua eles falam?”

Cada povo (ou etnia) tem sua própria língua, ou seja, são faladas centenas de línguas nativas no continente. Por causa da colonização, além das línguas africanas, há também as europeias, como o inglês, o francês, o alemão, o português e o espanhol. O árabe também é língua oficial de, pelo menos, sete países, além de ser língua litúrgica das etnias muçulmanas.

Algumas línguas também surgiram por meio do contato entre Europa e África, ao longo da colonização. São as chamadas **línguas crioulas** ou **crioulos**.

Você talvez já tenha ouvido falar de crioulo como a língua falada no Haiti. Como o crioulo surge do contato entre povos distintos, você já deve imaginar que o crioulo falado no Haiti não é igual a nenhum daqueles falados na África.

Alguns desses crioulos, hoje em dia, se tornaram línguas oficiais. O *africâner*, que surgiu como língua de contato, é, hoje, uma das línguas oficiais da África do Sul. O crioulo cabo-verdiano, por sua vez, está em vias de se tornar uma das línguas oficiais de Cabo Verde.

Línguas crioulas

Linguagens originárias da necessidade de comunicação forçada entre povos falantes de duas ou mais línguas diferentes. Desse contato, originalmente, surge o chamado *pidgin*, língua formada normalmente a partir de uma base (entenda-se por isso a língua de maior prestígio social, em geral a língua europeia) e geralmente composta de uma estrutura simples, adaptada apenas às necessidades de comunicação entre esses povos. A língua crioula, então, é uma evolução do *pidgin*.



Figura 1.11: Vista da Ilha de São Vicente, em Cabo Verde.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sao_Vicente.jpg

Diante da multiplicidade de falas e povos, os países estabeleceram algumas línguas oficiais, em geral, a língua do colonizador. Alguns países, entretanto, declararam também algumas línguas nativas ou línguas crioulas como oficiais, de acordo com o perfil étnico do país.

África de língua portuguesa

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
(CAMÕES, *Os Lusíadas*, I, 2)

Em *Os Lusíadas*, Luís de Camões se propõe a cantar os feitos dos reis que conseguiram dilatar a *Fé* e o *Império*. Junto com a fé católica e o império português, os navegadores também levaram a língua portuguesa por todo o mundo.

As cinco ex-colônias portuguesas na África adotaram o português como língua oficial após suas respectivas independências. Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe são os países cujas literaturas serão o objeto de estudo desta disciplina.

Retorne ao mapa político da África e localize os países de língua portuguesa.



Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) é uma organização internacional formada por países lusófonos, que busca o “aprofundamento da amizade mútua e da cooperação entre os seus membros”.

Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop) é a expressão usada para fazer referência aos cinco países africanos que foram colônias de Portugal e que conquistaram a independência entre 1974 e 1975.

Atividade 3

Atende ao objetivo 1

Leia atentamente o texto.

Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos

Nessa hora de quase cinco horas as folhas **xaxualhavam** baixinho e a sombra estendida estava boa, fresca, parecia era água de **muringue**. Sentado nas pedras do fumo, Zeca Santos esperava Delfina mirando, ansioso, a porta da fábrica. Tinha combinado com a pequena, nesse dia ela ia pedir para sair mais cedo, iam dar encontro, Zeca queria adiantar essas falas do baile de sábado. Delfina **merengara** muito bem com ele e quando o conjunto, depois, rebentou com a música do “**Kabulu**”, ninguém mais lhes agarrou, quase o baile ia ficar só deles dois, toda a gente parada a assistir-lhes, vaidosos e satisfeitos (VIEIRA, 1982, p. 25-26).

Xaxulhar

Balançar fazendo ruído; farfalhar; rumorejar.

Muringue

Moringa; cântaro, pote de barro para água.

Merengar

Dançar merengue (ritmo musical).

Kabulu

Coelho (das fábulas); música original do conjunto Ngola Ritmo.



José Luandino Vieira, pseudônimo literário de José Vieira Mateus da Graça (Vila Nova de Ourém, 4 de maio de 1935), é um escritor angolano. Foi cofundador da União dos Escritores Angolanos, entidade da qual também foi secretário-geral (1975-1980 e 1985-1992), e secretário-geral adjunto da Associação dos Escritores Afroasiáticos (1979-1984). Vencedor do Prêmio Camões 2006, recusou recebê-lo por motivos pessoais.

1. Destaque do texto uma construção ou palavra que lhe tenha parecido estranha.

2. Consulte o vocabulário disponível e responda: a significação da expressão destacada ficou mais fácil ou relembrou algo a você?

3. Sabendo que o escritor Luandino Vieira é angolano, explique, a partir de suas deduções, por que o ficcionista escolhe escrever de modo que, ao ouvido brasileiro, soe estranho?

Resposta comentada

Espero que a leitura do poema tenha suscitado a curiosidade para saber o significado de xaxualhar ou Kabulu. Ao ler a palavra *muringue*, talvez você tenha pensado “será que foi escrito errado?”. Parece errado ao ouvido e à leitura brasileira, mas esses são usos bastante comuns em Angola. Luandino Vieira escreve o português falado em seu país. Algumas palavras são pronunciadas e escritas diferentemente de como as conhecemos.

Espero que você tenha respondido na pergunta 1 com qualquer uma ou todas as palavras do vocabulário (xaxualhar, *muringue*, merengar ou kabulu); outra resposta possível é “iam dar encontro” ou, ainda, “pedras

negras do fumo”. Para a pergunta 2, certamente você notou que as palavras *muringue* e *merengar* se relacionavam diretamente a algo já conhecido: *moringa* e *merengue*. As demais palavras e expressões não têm um significado que se relacione ao português brasileiro.

A resposta esperada para a pergunta 3 é “Luandino tentou representar a fala das pessoas de seu país”. É importante que você identifique que a literatura de um país tem a ver com identidade e isso passa também pelo modo de falar e escrever. Ao retratar o português angolano na escrita, Luandino Vieira consegue explicitar e valorizar algumas das características de seu povo.

Cultura e religião

Aconteceu em Gã-Biafada

– Carregas contigo uma grande desgraça, **praga** do teu pai e da tua mãe, pois partiste sem a sua bênção, deixando desgraça na tabanca! [...] Foram os defuntos do **djorson** da tua mãe que me enviaram. Entenderam que merecem ter um sinal, tu e Saliu, por isso, encontraram esta *moransa*. Os dois hão-de passar por muitas dificuldades e tentações, mas devem resistir sempre! Dar-vos-ei três ovos se **Se n’ah-n’ah, pastro** sagrado, que só canta à meia-noite de cada sexta-feira. Os ovos deverão ser atirados ao chão ou contra qualquer obstáculo que se vos opuser. Quem deve segurar os ovos é Saliu; terá de fazê-los com toda a segurança, para que nenhum deles se parta antes da hora certa! Levarão também sete bolas de farinha de arroz, pilada por três **katanderas** da **baloba** do *djorson* da mãe de Saliu!... Quem guardará as bolas de farinha será Lamarana, e deverá fazê-lo com todo o cuidado, sem deixar que se partam nem se misturem. As bolas de farinha serão utilizadas só em caso de extrema necessidade, tal como os ovos, e alternadamente. [...] Este é o preço da vossa escolha... o preço da felicidade (SEMEDO, 2000, p. 31-32).

Praga

Maldição.

Djorson

Linhagem, geração.

Se n’ah-n’ah

Onomatopeia do canto de pássaros de grande porte, usado para nomeá-los.

Pastro

Pássaro.

Katanderas

Virgens servideiras das balobas; moças chamadas pelos espíritos para cuidarem das balobas.

Baloba

Cabana que serve de templo para os deuses irans.



Odete Semedo (1959-), escritora da Guiné-Bissau, é atualmente investigadora, na capital guineense, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, para as áreas de Educação e Formação.

O conto “Aconteceu em Gã-Biafada” relata a história de Saliu e Lama-rana, dois jovens que se apaixonaram e fugiram para se casar. Por isso, foram amaldiçoados por suas famílias. O trecho destacado é a fala de uma anciã enviada pelos espíritos dos antepassados para que eles possam se reconciliar com as famílias e conquistar a felicidade.

Você deve ter reparado que a “receita” da felicidade inclui um ritual: carregar os ovos do pássaro, visitar a baloba para conseguir as bolas de farinha de arroz.

A interferência dos antepassados e a relação com a família descritas no trecho são bastante diferentes do que temos no Brasil, não é? Esses são traços de cultura. Ao longo das aulas, você terá a chance de ler trechos de contos, romances, novelas e poemas que refletem culturas diferentes entre si e diferentes da nossa. As crenças tradicionais se fazem presentes em diversas formas de arte.

Como você deve se lembrar, os portugueses navegaram a fim de expandir “a Fé e o Império”; por causa disso, o cristianismo é uma das grandes religiões do continente. Veja o mapa e a tabela a seguir.



Figura 1.12: Mapa religioso africano. Destaque para a religião predominante no território.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Religion_distribution_Africa_crop.png

Tabela 1.1: Panorama religioso africano por região

Região	Total da população	% Cristão	% Muçulmano	% Crenças tradicionais	% Hindu	% Bahai	% Judeu	% Agnóstico	% Outros
África Central	118.735.099	81.25%	9.64%	7.98%	0.1%	0.38%	0.0%	0.57%	0.19%
África Oriental	302.636.533	63.87%	21.83%	13.09%	0.49%	0.35%	0.0%	0.0%	0.44%
Norte da África	209.948.396	9.0%	87.6%	2.2%	0.0%	0.0%	0.0%	1.1%	0.44%
Sul da África	50.619.998	82.0%	2.2%	9.7%	2.1%	0.7%	0.1%	2.7%	0.3%
África Ocidental	274.271.145	35.70%	48.13%	15.73%	0.0%	0.07%	0.0%	0.31%	0.06%
Total	956.211.171								

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o_na_%C3%81frica

Como você deve ter observado, as crenças tradicionais africanas não são predominantes no continente. Hoje em dia, elas convivem com outros tipos de religião. No entanto, há traços das crenças tradicionais que permanecem mesmo depois do ingresso do indivíduo a outra religião. Por exemplo, mesmo em uma família cristã é comum que o sepultamento seja feito sob a orientação cristã e segundo o ritual tradicional, uma prática muito conhecida do brasileiro: o sincretismo.

Conclusão

O objetivo desta aula é, como vimos, perceber a multiplicidade de culturas que compõem o continente africano. Não há apenas uma África, mas várias, com costumes, ritos, línguas, religiões diferentes, ou seja, há várias culturas na África, e a sua diversidade deve ser conhecida e respeitada.

Há também uma história que une essas diversas culturas; uma história de dominação política e militar que começa com a chegada dos europeus ao continente. Para se entender a África de língua portuguesa, objeto do nosso estudo, é preciso conhecer, antes de tudo, as singularidades das diversas culturas desse continente, que se mostra extremamente rico em sua diversidade.

Atividade final

Atende ao objetivo 1

Poema da infância distante

Noémia de Sousa

A Rui Guerra

Catembe

Cidade natal de Noémia de Sousa, região litorânea.

Tuta

Espécie de ave nativa.

Nembo

Seiva de árvore com as propriedades do látex; goma.

Gala-gala

Espécie de lagarto encontrado em Moçambique.

Xitambela

Coleóptero voador, popularmente conhecido como besouro ou escaravelho.

Quando eu nasci na grande casa à beira-mar,
era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico.
Gaivotas pairavam, brancas, doidas de azul.
Os barcos dos pescadores indianos não tinham regressado ainda
arrastando as redes peçadas.
[...]
Meus companheiros de pescarias
por debaixo da ponte,
com anzol de alfinete e linha de guita,
meus amigos esfarrapados de ventres redondos como cabaças,
companheiros de brincadeiras e correrias
pelos matos e praias da **Catembe**
unidos todos na maravilhosa descoberta de um ninho de **tutas**,
na construção de uma armadilha com **nembo**,
na caça aos **gala-galas** e beija-flores,
nas perseguições aos **xitambelas** sob um sol quente de Verão...

Figuras inesquecíveis da minha infância arrapazada,
 solta e feliz:
 meninos negros e mulatos, brancos e indianos,
 filhos da **mainata**, do padeiro,
 do negro do bote, do carpinteiro,
 vindos da miséria do **Guachene**
 ou das casas de madeira dos pescadores,
 Meninos mimados do posto,
 meninos frescalhotes dos guardas-fiscais da Esquadriha
 irmanados todos na aventura sempre nova
 dos assaltos aos cajueiros das machambas,
 no segredo das maçalas mais doces,
 companheiros na inquieta sensação do mistério da “Ilha dos navios perdidos”
 onde nenhum brado fica sem eco.
 Ah, meus companheiros acorados na roda maravilhada
 e boquiaberta de “**Karingana wa karingana**”
 das histórias da **cocwana** do **Maputo**,
 em crepúsculos negros e terríveis de tempestades
 (o vento uivando no telhado de zinco,
 o mar ameaçando derrubar as escadas de madeira da varanda
 e casuarinas, gemendo, gemendo,
 oh inconsolavelmente gemendo,
 acordando medos estranhos, inexplicáveis
 das nossas almas cheias de **xituculumucumbas** desdentadas
 e reis **Massingas** virados jiboias...)
 Ah, meus companheiros me semearam esta insatisfação
 dia a dia mais insatisfeita.
 [...]
 Se hoje o sol não brilha como do dia
 em que nasci, na grande casa,
 à beira do Índico,
 não me deixo adormecer na escuridão.
 Meus companheiros me são seguros guias
 na minha rota através da vida.

Mainata

Termo usado para designar homem ou mulher que lava e passa a roupa.

Guachene

Bairro periférico de Maputo.

Karingana wa karingana

Fórmula iniciática de contação de histórias, equivalente a “era uma vez”.

Cocwana

Termo respeitoso para se referir às pessoas de mais idade.

Maputo

Capital de Moçambique.

Xituculumucumba

Bicho-papão de um olho só.

Massingas

Etnia que habitava Moçambique.

Eles me provaram que “fraternidade” não é mera palavra bonita
escrita a negro no dicionário da estante:
ensinaram-me que “fraternidade” é um sentimento belo, e possível,
mesmo quando as epidermes e a paisagem circundante
são tão diferentes.
Por isso eu CREIO que um dia
o sol voltará a brilhar, calmo, sobre o Índico.
[...]
Um dia,
o sol iluminará a vida.
E será como uma nova infância raiando para todos.



Noémia de Sousa (1926-2003), poetisa e jornalista moçambicana, possui obra dispersa por muitos jornais e revistas. Colaborou em publicações como *Mensagem* (CEI), *Mensagem* (Luanda), *Itinerário*, *Notícias do Bloqueio* (Porto, 1959), *O Brado Africano*, *Moçambique 58*; *Vértice* (Coimbra), *Sul* (Brasil). Como jornalista de agências de notícias internacionais, viajou por toda a África durante as lutas pela independência de vários países.

1. Destaque, da segunda estrofe, as pessoas que compõem a memória da infância do eu lírico.

2. A terceira estrofe traz uma prática tradicional. Identifique-a.

3. A quarta estrofe traz o maior aprendizado obtido pelo eu lírico. Identifique-o.

Resposta comentada

Logo no primeiro parágrafo, o eu lírico localiza geograficamente seu espaço através da referência ao “Índico”. Moçambique difere dos demais países africanos de língua portuguesa principalmente por “estar virado para o Índico”. Há uma grande influência do oriente em seu território e, conseqüentemente, em sua cultura. O “Poema da infância distante” traz a presença dos indianos, como um dos seus traços.

A multiplicidade étnica e social marca a infância do eu lírico, cujo grupo é formado por crianças pobres do Guachene, crianças abastadas, por serem filhos de militares (“Esquadrilha”, “posto”), filhos de profissionais liberais como o padeiro e o carpinteiro e aqueles pertencentes a várias origens étnicas: brancos, indianos, negros e mulatos. Espero que você tenha respondido isso na pergunta 1.

Os três primeiros versos da terceira estrofe descrevem um hábito comum em toda a África: sentar em roda para ouvir uma pessoa mais velha contar histórias. Eis a resposta da pergunta 2. Vale destacar que a contação da cocuana abarca narrações sem data de criação e também as novas histórias. Quando ela narra as aventuras dos reis Massingas, por exemplo, há referência à função de guardadora da História. Ao falar das xituculumucumbas, está evocando o entretenimento. A referência ao telhado de zinco e às escadas de madeira aponta para o tempo em que o poema foi escrito, uma vez que descreve as casas de Moçambique.

A pergunta 3 é respondida pela palavra “fraternidade”. O poema aponta para a unidade em meio à diversidade e para a fraternidade descoberta pela criança. A fraternidade não é apenas uma palavra, segundo o eu lírico; mais do que isso, é um sentimento experimentado e um comportamento adquirido. A fraternidade consegue ultrapassar diferenças epidérmicas, sociais e geográficas, de modo que os amigos da infância funcionam como “porto seguro” para o eu lírico.

Resumo

Antes de se conhecerem as literaturas africanas de língua portuguesa, será preciso ter em mente que a África é um continente com 54 países.

Cada país possui características próprias, leis, constituição e formas de governo independentes dos demais países.

O mapa político da África não coincide com o mapa étnico; as fronteiras políticas foram definidas durante a Conferência de Berlim, em 1884 e 1885.

Para estudo, pode-se dividir a África, geograficamente, em cinco áreas: a África Setentrional (ou Norte), a África Ocidental, a África Central, a África Oriental e a África Meridional (ou Sul).

O cenário atual africano é consequência, principalmente, dos séculos de colonização e exploração por parte dos povos europeus que chegaram à África no século XIV. Além disso, a convivência de várias etnias no mesmo território gerou conflitos em alguns países, como o que ocorreu recentemente em Ruanda.

Alguns líderes políticos, como Nelson Mandela, sobressaíram-se por conseguirem manter a unidade política e a paz, apesar das diferenças culturais.

As lutas dos países africanos pela independência, iniciadas ao longo do século XX, precisaram ignorar as diferenças étnicas, históricas e culturais, a fim de conquistar um bem maior.

Há centenas de línguas africanas faladas no continente, além de algumas línguas europeias e do árabe.

Crioulo (ou língua crioula) é o termo linguístico usado para denominar uma língua que nasceu do contato entre duas ou mais línguas.

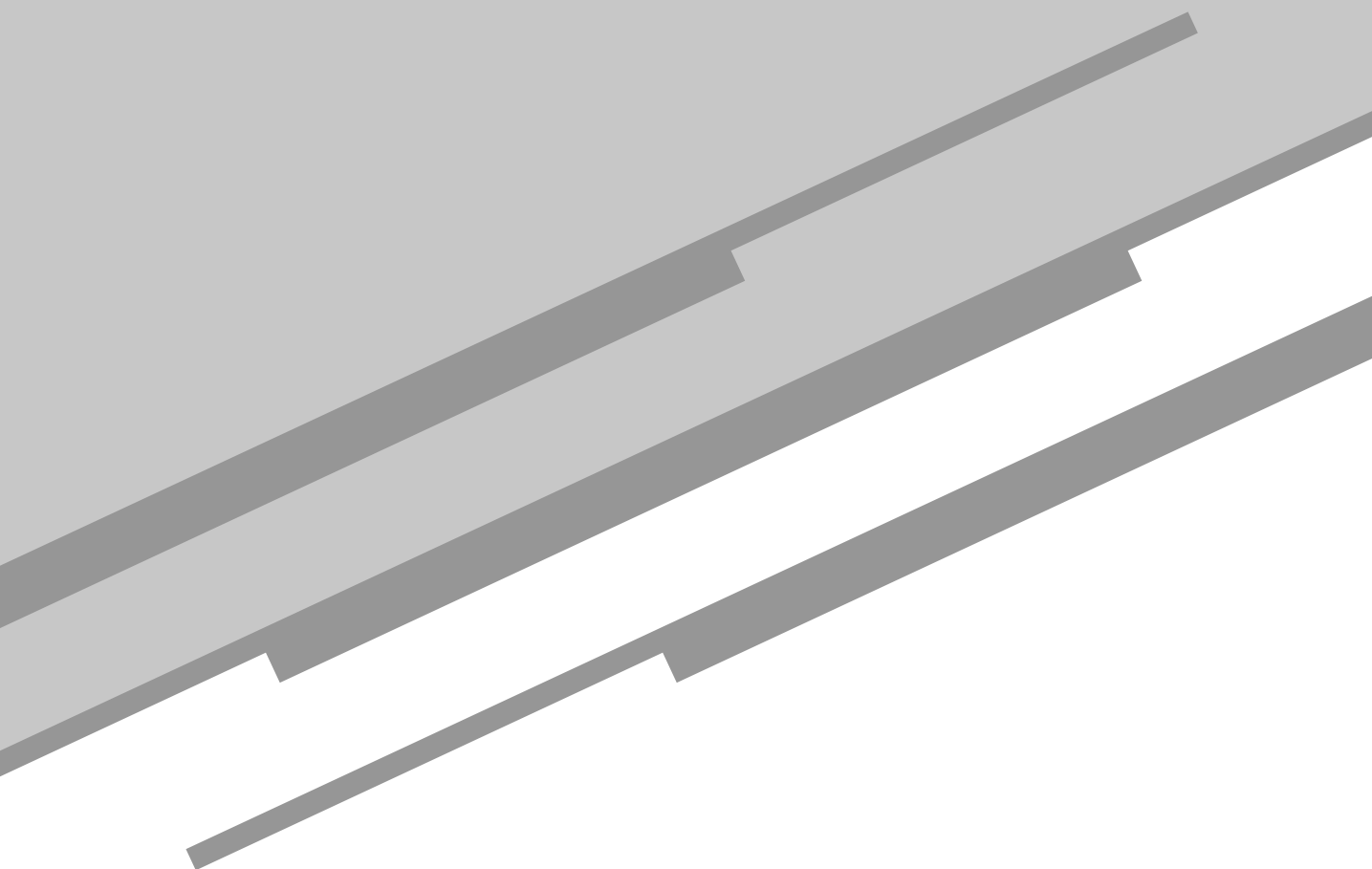
Algumas línguas crioulas já se tornaram línguas oficiais de países africanos.

Após a independência, os cinco países africanos que foram colônia de Portugal adotaram o português como língua oficial. São eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

O continente africano é extremamente rico em sua diversidade cultural e religiosa, contando com várias religiões, dentre as quais se destacam o islamismo e o cristianismo, que são as que têm mais fiéis no continente. Contudo, ambas as crenças convivem com os cultos tradicionais e ancestrais dos vários povos africanos.

Aula 2

A África de língua portuguesa



Claudia Amorim
Christian Fischgold

Meta

Apresentar o objeto de estudo da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, bem como o continente em que esta literatura se desenvolve, com particular ênfase aos países de língua oficial portuguesa, considerando suas mudanças culturais, históricas e políticas.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. conhecer genericamente os países africanos de língua portuguesa;
2. entender como se desenvolveram histórica e culturalmente as relações entre as ex-colônias e o império colonial português.

Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Observe a imagem a seguir:

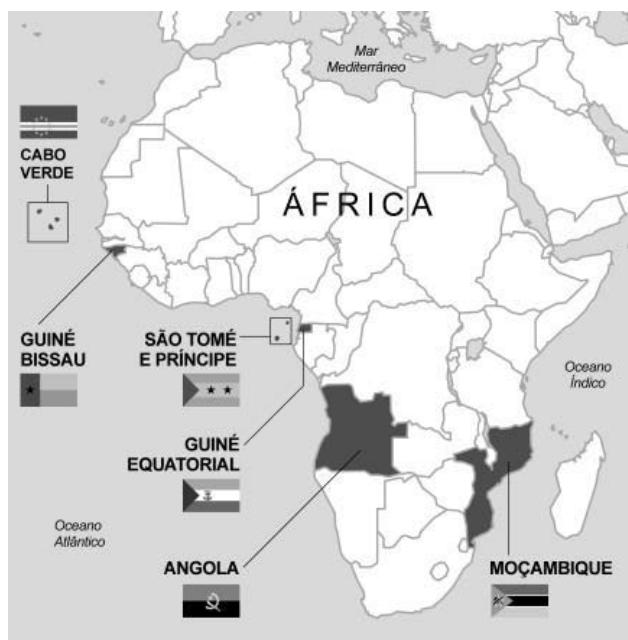


Figura 2.1: Mapa da África.

Fonte: <http://projetoafricadetodosnos.blogspot.com.br/2011/09/africa-que-fala-portugues.html>

O processo de ocupação territorial do continente africano por potências europeias tem início em meados do segundo milênio. Neste período, eram inúmeras as tribos de etnias distintas que ocupavam o continente.

A partir do século XIII, com a fundação do reino do Congo, alguns livros e pesquisadores datam o início de um período chamado *pré-colonial*, que se caracterizaria por ser anterior ao contato dos africanos com povos europeus.

Esse período se estenderia até 1490, quando são relatados os primeiros contatos com portugueses em solo africano, sendo estes os primeiros europeus a ocupar militarmente o continente. Esse período de ocupação é denominado *período afro-português* e dura até o ano de 1575.

Normalmente, quando pesquisamos um livro de história português, a história do continente africano inicia-se com a chegada do colonizador europeu. Já em alguns livros de pesquisadores africanos nota-se uma tendência a evidenciar a história anterior à chegada do colonizador.

Paulo Dias de Novais

Primeiro governador geral da província da região que hoje é Angola.

Sudaneses

Dividiam-se em três subgrupos: iorubas, gegês e fanti-ashantis. Esse grupo era originário do que hoje é representado pelos países africanos da Nigéria, Benim (antiga República do Daomé) e da antiga região da Costa do Ouro.

A data de 1575 é convergente em estudos de ambas as procedências. Dois dos fatores para isso são o desenvolvimento do tráfico de escravos e a instalação em Luanda do primeiro governador de Angola, **Paulo Dias de Novais**, ambos os fatos ocorridos nesse ano.

Durante esses cinco séculos de ocupação portuguesa na África, a cultura do colonizador se misturou, ainda que timidamente, com a do colonizado, malgrado os esforços dos europeus em impor a cultura dominante. Antes da chegada do europeu à África, quase nada se sabia sobre o modo de vida ou sobre a organização dos grupos étnicos que lá viviam, porém é inegável que a cultura secular e ágrafa desses povos permaneceu viva durante a ocupação e se difundiu por outros territórios ocupados pela nação lusa, como o Brasil, por exemplo, que recebeu um grande número de escravos provenientes da África, especialmente do Congo, da Guiné e de Angola (grupo étnico banto) e da Nigéria, Daomé e Costa do Marfim (grupo étnico **sudanês**).



Os bantos são diferentes etnias que eram dos territórios que hoje formam os seguintes países: Angola, parte de Camarões, Congo, Guiné e parte de Moçambique.

A maior parte dos escravos negros que veio para o Brasil era de etnias bantas (congo, benguela, ovambo, cabinda, angola, macua, angico etc.). Muito do vocabulário atual do português falado no Brasil, por exemplo, tem origem banta, mais especificamente, do idioma quimbundo, uma das línguas nacionais de Angola.

No mapa, podemos ver a procedência desses grupos.



Figura 2.2: Grupos bantos e sudaneses na África.

Fonte: <http://conscienciaafro.blogspot.com.br/2010/10/africa-procedencia-dos-bantos-e-dos.html>

Breve panorama da África lusófona



Figura 2.3: Ceuta (Marrocos).

Renascimento

Termo utilizado para identificar o período da história da Europa aproximadamente entre fins do século XIV e início do século XVII. O período foi marcado por transformações em muitas áreas da vida humana, que assinalam o final da Idade Média e dão início à Idade Moderna.

Tariq Ziyad

Estrategista do exército omíada (membro dos omíadas, dinastia de califas que governou o império muçulmano de 661 a 750 e que, destronada pelos abássidas, transferiu-se para a Espanha), provavelmente de origem berbere, que comandou, em 711, a conquista da Península Ibérica, ocupada até então pelos visigodos.

Berbere

Grupo étnico nômade de origem camita que habita o norte da África desde a pré-história, vivendo hoje principalmente nas regiões montanhosas (Atlas e Rif no Marrocos, Cabílias e Aurès na Argélia) e em parte do grande deserto.

No ano de 1415, os portugueses tomaram dos mouros, em apenas um dia de combate, a cidade de Ceuta, no Marrocos. Essa importante vitória da cristandade sobre os “infies”, já nos primórdios do **Renascimento**, guarda um significado simbólico também por ter sido exatamente de Ceuta que **Tariq** e o seu exército de 7 mil **berberes** partiram no ano de 711 para invadir a Península Ibérica, permanecendo nela durante sete séculos.



Para além do espírito cruzadístico dessa empreitada, a conquista de Ceuta foi o primeiro passo do caminho que levou os navegadores portugueses da Península Ibérica ao Extremo Oriente e ao Brasil no final do século XV e início do século XVI.

A cidade de Ceuta era o ponto de chegada das rotas comerciais oriundas do sul da Berbéria e das caravanas com o ouro proveniente da Guiné. Essas riquezas encontradas em Ceuta fizeram com que os portugueses inferissem que havia outras maiores espalhadas em alguns pontos do continente africano. Na intenção de dominar esse comércio, a política de expansão portuguesa adotou a exploração da África em detrimento da ocupação de territórios ao longo do Mediterrâneo.

Assim, a expansão portuguesa teve início no norte da África, seguiu para o sul ao longo da costa ocidental africana, alcançando as ilhas do Atlântico, e depois avançou pela costa oriental do continente africano ao longo do oceano Índico, em direção ao Oriente e ao Extremo-Oriente, chegando finalmente à região do Atlântico Sul com a colonização do Brasil.



Figura 2.4: Regiões do Atlântico Norte e do Atlântico Sul.

A colonização das ilhas do Atlântico e da costa africana

Nos anos seguintes à tomada de Ceuta, os navegadores portugueses empreenderam seu movimento para o sul, chegando em:

- 1418, à ilha de Porto Santo;
- 1419, à ilha da Madeira;
- 1427, aos Açores;
- 1460, às ilhas de Cabo Verde;
- 1470, às ilhas de São Tomé e Príncipe, todas desabitadas.

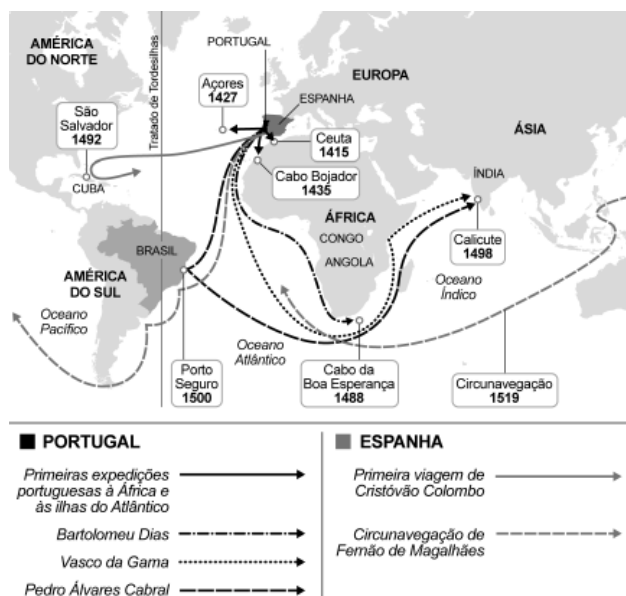


Figura 2.5: Rotas marítimas portuguesas e espanholas.

Fonte: <http://profellingtonalexandre.blogspot.com.br/>

Nos primeiros arquipélagos – Porto Santo, Madeira e Açores –, o clima favorecia a ocupação e o trabalho na terra, e ali se estabeleceram, então, as primeiras colônias de povoamento. Nos demais arquipélagos – Cabo Verde e São Tomé e Príncipe –, os portugueses fundaram colônias de plantação, não se preocupando com o povoamento da região.

Nas terras continentais, no ano de 1446, os portugueses alcançaram a Guiné-Bissau (a que colonizaram com o nome de Guiné Portuguesa) e, em 1483, chegaram à região que hoje se conhece como Angola. Em 1488, Vasco da Gama, influenciado pela viagem de Bartolomeu Dias, partiu da Praia do Restelo em Lisboa, onde está atualmente a Torre de Belém, avançando para o sul até alcançar o oceano Índico. Antes que o propósito de sua viagem se concluísse, as caravelas portuguesas aportaram em Moçambique no ano de 1489.



Bartolomeu Dias (1450-1500) foi um navegador português que ficou célebre por ter sido o primeiro europeu a navegar para além do extremo sul da África, “dobrando” o Cabo das Tormentas – que recebeu, depois deste feito, o nome de Cabo da Boa Esperança – e chegando ao oceano Índico a partir do Atlântico.

Em cada lugar em que as caravelas portuguesas aportavam, um padrão de pedra com as armas e o brasão português era fincado. O padrão simbolizava a posse oficial do território. Essa medida da Coroa portuguesa visava desencorajar intrusos e reforçar o senhorio sobre as terras ocupadas.

O império colonial português nas ilhas e nas terras africanas

A extensão do império português no Oriente e no Extremo-Oriente obrigou a Coroa portuguesa à fragmentação das possessões portuguesas na África. O alto custo da manutenção em algumas cidades do Marrocos fez com que a Coroa abandonasse a região. Os gastos numerosos com a defesa da costa da África, especialmente com os ataques de corsários e comerciantes de outros países europeus, enfraqueceram a Coroa portuguesa. Porém, mesmo com esses revezes, nos séculos seguintes, o império colonial português se sustentou e as colônias portuguesas na África continuaram a ser sistematicamente exploradas. Para garantir as terras na África, a Coroa portuguesa concedia as terras, por um período de tempo limitado (cerca de três gerações), aos colonos que desejassem explorá-las. Ao fim desse período, a concessão deveria ser renovada. Os colonos tinham como tarefa defender os interesses portugueses nas terras além-mar e pagar por essa concessão como produto dos territórios que lhes eram confiados. No entanto, gradativamente, o mundo dos senhores ia se misturando com o dos africanos e indianos locais, alterando as relações de poder.



Corsários eram piratas que, por missão ou carta de corso (ou “de marca”) de um governo, eram autorizados a pilhar navios de outra nação (guerra de corso), aproveitando o fato de as transações comerciais basearem-se, na época, na transferência material das riquezas. Os corsos eram usados como um meio fácil e barato para enfraquecer o inimigo, uma vez que perturbavam as suas rotas marítimas. Com os corsos, os países podiam enfraquecer os seus inimigos sem suportar os custos relacionados à manutenção e construção naval.

A partir de 1575, com a instalação em Luanda do primeiro governador-geral da província de Angola – Paulo de Novais –, outro negócio começou a ganhar força: o tráfico de escravos. A chegada do primeiro governante enviado da metrópole à colônia está ligada à intensificação do tráfico de escravos.

Por volta de 1648, os portugueses ocuparam os locais estratégicos no comércio de escravos, que se tornou indispensável a todas as colônias da América. A economia de plantação – especialmente na América – demandava uma maior exportação de escravos africanos que se tornou sistemática ao longo dos anos. Entre os anos de 1502 e 1860, 9,5 milhões de africanos foram deportados para o continente americano e, no século XVIII, com a descoberta do ouro em Minas Gerais e a necessidade de extraí-lo, muitos africanos da região de Angola foram enviados ao Brasil.

A Guiné portuguesa foi inicialmente a principal fornecedora de mão de obra escrava para o continente americano, sendo depois substituída por Angola, país que manteve essa posição até o século XVIII. Nos fins desse mesmo século e durante o século XIX, a região do Golfo da Guiné ocupou a supremacia do tráfico negreiro que havia sido de Angola no século anterior, e a feitoria de São Jorge da Mina, em Gana, foi o principal porto de escoamento de escravos para a América.

Atividade 1

Atende ao objetivo 2

Com base naquilo que você leu, assinale F para as declarações falsas e V para as declarações verdadeiras:

- () O tráfico de escravos se inicia no século XV e se intensifica no século XVI.
- () 1575 foi um ano importante para as colônias portuguesas por causa da instalação do primeiro governador-geral da província.
- () O século XV foi o século das descobertas portuguesas na costa africana.

Resposta comentada

Como será que você respondeu? Neste primeiro momento, acredito que você já consiga responder corretamente sem nem retornar ao texto. Como percebemos, a maioria dos livros sobre o continente africano escritos por historiadores portugueses inicia-se com a chegada dos navegadores europeus ao continente. Os livros de historiadores africanos privilegiam uma história anterior à chegada dos europeus. No entanto, duas datas convergem em livros de diferentes autores: o ano de 1575 é considerado o ano da intensificação do tráfico de escravos. Uma das causas desse processo é a instalação do primeiro governador-geral da província em 1575. O século XV foi o ano em que Portugal chegou pela primeira vez à costa africana, primeiro chegando às ilhas ao longo da costa ocidental da África e depois ao continente. Assim, a resposta correta é F, V, V.

O século XIX**O século XIX em Portugal**

No princípio do século XIX, com a expansão do capitalismo industrial, as potências europeias ocuparam a maior parte do continente africano, intensificando a exploração econômica e o domínio político sobre a região. A partir de 1880, a competição entre as metrópoles europeias pelo domínio dos territórios africanos se intensifica.

O século XIX europeu foi extremamente complexo e conflituoso em razão das guerras, das invasões, dos conflitos entre liberais e conservadores, do aparecimento das primeiras manifestações grevistas de trabalhadores, do surgimento de ideologias, como o comunismo, que propunham uma renovação total da sociedade por meio da implementação da ditadura do proletariado, além de uma radical mudança no modo de vida dos homens que viviam nas grandes cidades, fruto da urbanização acelerada, do aparecimento de fábricas, da luz elétrica, da abertura das grandes vias que cortavam a cidade e modificavam de modo célere a paisagem urbana.

Durante o século XIX, Portugal passava por algumas transformações que certamente alterariam a vida do homem urbano e rural. No início desse século, a fuga de D. João VI, ocorrida em 1808, em razão da iminente invasão das tropas napoleônicas a Portugal, abre uma brecha na guerra de sucessão do reino, disputado pelo liberal D. Pedro IV (D. Pedro I, do Brasil) e pelo conservador D. Miguel. Logo após esse acontecimento, a perda da maior colônia pelo reino (o Brasil), em 1822, direciona o olhar colonialista do reino para o continente africano.



D. João VI de Portugal (1767-1826) foi rei do Reino Unido de Portugal e Brasil. Um dos últimos representantes do absolutismo, D. João VI viveu em um período tumultuado, e seu reinado nunca conheceu paz duradoura. Foi obrigado a fugir de Portugal quando as tropas napoleônicas invadiram o país.

D. Pedro I (1798-1834) foi o fundador e primeiro monarca do Império do Brasil. Nascido em Lisboa, Pedro I foi o quarto filho do rei Dom João VI de Portugal e da rainha Carlota Joaquina. Quando Portugal foi invadido por tropas francesas em 1807, veio com sua família para o Brasil.

Dom Miguel I de Portugal (1802-1866) foi rei de Portugal entre 1828 e 1834, tendo sido o terceiro filho do rei D. João VI e de D. Carlota Joaquina.

O seu reinado é altamente controverso na história de Portugal. Segundo o partido constitucionalista, D. Miguel foi um usurpador do título monárquico de sua sobrinha, D. Maria da Glória, filha de D. Pedro I do Brasil. Por sua vez, o chamado partido mi-

guelista contra-argumentava em defesa própria que D. Pedro I perdera o direito à Coroa portuguesa e à designação de um sucessor (no caso, sua filha, Maria da Glória) desde o momento em que erguera armas contra Portugal, declarando a independência do Brasil e se tornando o imperador desse novo país.

A primeira década do século XIX em Portugal é marcada pelo processo de desagregação das estruturas do antigo regime. Nesse período, temos:

1804 – assinatura, em Lisboa, de um tratado pelo qual Napoleão reconhece a neutralidade de Portugal durante a guerra entre França e Inglaterra.

1807 – partida do rei D. João VI e da corte para o Brasil, fato inédito nos regimes coloniais.



No período pós-revolucionário, os exércitos napoleônicos, ávidos de sentimentos imperialistas, invadem a Europa como mensageiros da trilogia *liberdade, igualdade e fraternidade*. No âmbito desse comportamento paradoxal, os franceses penetram em terras portuguesas no ano de 1807.

A partir de 1820, com o pronunciamento militar do Porto, o qual se assumiu inicialmente como um golpe de Estado nacionalista contra a opressiva presença da Inglaterra em solo português, criaram-se as condições propícias para a instauração do liberalismo em Portugal. Temos, então, o primeiro de muitos movimentos políticos, de duração razoavelmente curta, que se revezariam no poder em Portugal no século XIX. Tal época caracterizaria o que se nomeou **vintismo**.

Em razão das intensas transformações por que passava Portugal no início do século XIX, a África portuguesa também sofrerá mudanças significativas. Com a independência do Brasil, em 1822, Portugal se viu pressionado a enfrentar as demais potências europeias para assegurar seus “direitos” sobre os territórios africanos ocupados.

Vintismo

Movimento que durou de 1820 a 1823. Propunha o fim do absolutismo e foi responsável pela elaboração da Constituição de 1822, o mais antigo texto constitucional português e um documento avançado para a época.

Absolutismo

Organização política na qual o soberano concentra todos os poderes do Estado em suas mãos.

Menos de um ano depois, identificados com a velha ordem **absolutista** e unidos em torno do infante D. Miguel e da rainha Carlota Joaquina, os absolutistas desencadeiam uma série de golpes contrarrevolucionários que levam D. João VI a revogar as cortes liberais. O objetivo era restaurar o prestígio da realeza. Em 3 de junho de 1823, a Constituição é abolida por D. João VI, causando uma emigração em massa de muitos liberais portugueses para o exílio, como Almeida Garrett, Silva Carvalho, Ferreira Borges, Luiz Soriano, entre outros.



Carlota Joaquina (1775-1830) foi imperatriz do Brasil entre 1825 e 1826. Ficou conhecida pela sua personalidade forte e porque foi isolada no Palácio de Queluz, nos arredores de Lisboa, por ter conspirado contra seu marido.

Assim, o início do século XIX em Portugal assiste à criação de duas propostas de regimento para a vida em sociedade em Portugal. A partir de então, todas as disputas se deram dentro desse campo de forças: a Constituição e a Carta Constitucional, com o absolutismo cada vez mais perdendo força.

Mais uma vez, em menos de um ano marcado por reviravoltas, D. Miguel parte para o exílio em Viena, em 1824, sob a pressão dos parlamentaristas que tentavam o restabelecimento da Constituição de 1822.

Portugal, na primeira metade do século XIX, era instável. As disputas se acirravam, e as vitórias e derrotas aconteciam em prazos que não ultrapassavam um ano, na maioria dos casos. Sob o signo da instabilidade, aconteciam e gestavam grandes mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais que teriam reflexo nas colônias africanas.

Pressionado pela política europeia, Portugal extingue o tráfico negreiro no Império em 1842 e, em 1869, declara o fim da escravidão, embora esse tráfico continuasse a ser feito durante os anos seguintes em menores proporções. Nas colônias, a política de exploração das riquezas tinha seguimento e, para tanto, Portugal precisou instituir uma legislação trabalhista que obrigava o nativo ao trabalho forçado nas plantações de algodão ou nas obras públicas.

O século XIX nas colônias africanas

Em meados do século XIX e até o início do século XX, houve uma intensificação da política colonial em solo africano, o que aceleraria a crise entre as potências europeias. Em relação às colônias portuguesas na África, essa intensificação foi fruto de uma série de fatores, entre os quais se podem citar a busca de melhores condições de vida para os portugueses mais pobres, especialmente os do norte do país e os constantes conflitos político-econômicos que se sucederam durante todo o século XIX.

Paralelamente à fomentação de imigração para as colônias de um contingente de portugueses empobrecidos que, nelas, teriam alguns incentivos econômicos, Portugal avançou em sua política **assimilacionista** sobre as colônias africanas, particularmente sobre Angola, com a criação, em 1845, do Boletim do Governo-Geral da Província de Angola, órgão de natureza oficial responsável por dar notícias da colônia.

Paralelamente às pressões externas e ao longo do século XIX, a vida nos territórios africanos mudava lentamente. A essa altura, uma população mestiça e burguesa, ainda que em número reduzido, ia se formando nas colônias do ultramar, reivindicando melhores condições para essas terras. Apareceram os primeiros assimilados que recebiam uma educação mais formal. Nessa época, alguns poucos jornais circulavam pelas mais importantes cidades da África portuguesa, instaurando a necessidade de uma educação nas regiões mais importantes do ultramar.

Assimilacionismo

Política da metrópole que consistia em dotar alguns nativos de uma educação ocidentalizada. Por isso, tem início a criação de escolas e a promoção de algumas “vantagens” aos nativos, que seriam uma espécie de “colaboradores” do regime.

A Conferência de Berlim

A partir de 1880, a competição entre as metrópoles europeias pelo domínio dos territórios africanos se intensificou. As demais nações europeias, interessadas em repartir a África, pressionaram Portugal a abrir mão de alguns de seus territórios. Na Conferência de Berlim, de 1885, Portugal perdeu o Congo e teve que se contentar com o enclave de Cabinda, região próxima a Angola. No entanto, apesar desse recuo, Portugal é, no fim do século XIX, senhor de dois milhões de quilômetros quadrados do território africano.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Assinale V para as afirmativas verdadeiras e F para as declarações falsas:

- () O século XIX português foi um século de tranquilidade e prosperidade.
- () A Constituição de 1822 e a Carta Constitucional de 1826 são dois pilares políticos importantes no século XIX português.
- () *Assimilados* eram inicialmente os descendentes de portugueses nascidos na África.

Resposta comentada

Como observamos, o século XIX português foi um período de grande instabilidade política, econômica e social, em virtude dos embates entre apoiadores da Constituição de 1822 e da Carta Constitucional de 1826 e os adeptos do absolutismo que apoiavam D. Miguel. Esses embates se estenderam, ao menos, pela primeira metade do século XIX.

É a partir da segunda metade do século XIX que Portugal intensifica a política assimilacionista em suas colônias na África, para atender especialmente a certos nativos que, descendentes de portugueses, reivindicavam melhores condições de vida nas cidades, e visando à manutenção do poder imperial nas colônias, com a instrução dos assimilados que poderiam colaborar com o regime.

O século XX

O final do século XIX e início do XX nas colônias portuguesas na África foram marcados por uma dualidade complexa. Se, após a Conferência de Berlim (1884-1885), iniciou-se o lançamento das bases da ofensiva colonial com o aumento da população branca vinda de Portugal como parte da política de colonização do solo africano por esse país, há de se considerar, em contrapartida, a intensa produção de jornais e periódicos iniciada com o lançamento do Boletim Oficial, em Angola. Contudo, essa incipiente imprensa permanece controlada por uma elite letrada e por europeus que se identificam com os povos colonizados.

No livro *História da imprensa em Angola*, A. Borges de Melo relata uma profusão de publicações no país desde a virada do século XIX para o século XX até as décadas de 1960 e 1970. A maioria dessas publicações teve vida curta, algumas tendo apenas um ou dois números lançados. Não é a longevidade dessas publicações, no entanto, que define sua importância. A despeito da vida curta, esses periódicos foram relevantes na construção de discurso divergente ao discurso oficial, especialmente a partir da instauração do Estado Novo Português, em 1933, quando se intensificaram o embate discursivo e a repressão ao povo angolano.



Estado Novo Português foi um regime político autoritário de Estado que vigorou durante 41 anos sem interrupção, desde a aprovação da Constituição de 1933, que aprofundou a ditadura iniciada em 1926, até sua derrubada em 25 de abril de 1974, com a Revolução dos Cravos.

Uma das causas que permitiu que a imprensa angolana permanecesse eminentemente em mãos de angolanos foi o fraco desenvolvimento econômico e social da potência colonizadora, o que aparece em diversos outros estudos sobre a situação das colônias africanas e ressalta uma das diferenças entre Portugal e Inglaterra quanto à relação com suas colônias. De todo modo, esse é o primeiro momento importante para a literatura e para a expressão escrita nas colônias portuguesas em solo africano. Nesse momento, em continuidade à produção jornalística de fins do século XIX, ocorre o lançamento de dois periódicos que, em diversos estudos, são referidos como instrumentos que marcaram a cultura e a literatura angolanas do início do século XX: *Luz e Crença* (1902) e *Angolense* (1907).

Após a Conferência de Berlim, além das redefinições fronteiriças, outra profunda mudança foi provocada pela colonização europeia em solo africano. As sociedades africanas eram basicamente orais, e suas tradições, história e religiosidade eram transmitidas através da fala. Toda a cultura de uma etnia ou grupo, ou seja, os discursos que a caracterizavam fundamentavam-se na oralidade. Nas antigas colônias portuguesas na África, as primeiras manifes-

tações discursivas através do suporte escrito são originárias do século XIX e foram produzidas por uma pequena elite letrada, essencialmente branca ou mestiça, de funcionários públicos, pequenos comerciantes, jornalistas.

Veremos mais profundamente a importância da adoção da escrita e sua relação com a oralidade nas próximas aulas.

Nativismo

Movimento de afirmação identitária de valorização da diferença que preconizava a valorização das culturas e expressões “nativas”. Teve no lançamento do dicionário kimbundu-português, escrito por Assis Júnior, seu primeiro grande símbolo em Angola.

Paralelamente, às pressões externas, ao longo do século XIX, a vida nos territórios africanos mudava lentamente. A essa altura, uma população mestiça e burguesa, ainda que em número reduzido, vai se formando nas colônias do ultramar, reivindicando melhores condições para essas terras. Aparecem os primeiros assimilados, nome pelo qual eram identificados os descendentes de portugueses, geralmente mestiços, nascidos na África, que recebiam uma educação formal. Nessa época, alguns poucos jornais circulavam pelas mais importantes cidades da África portuguesa, instaurando a necessidade de uma educação nas regiões mais importantes do ultramar (AMORIM; PALADINO, 2010, p. 16).

Negritude

Termo que aparece pela primeira vez escrito por Aimé Césaire, em 1938, no seu livro de poemas *Cahier d'un retour au pays natal*, e está intimamente associado ao trabalho reivindicativo de um grupo de estudantes africanos em Paris, nos princípios da década de 1930, de que se destacam como principais responsáveis e dinamizadores Léopold Sédar Senghor (1906), Aimé Césaire (1913) e Léon Damas (1912).

Os movimentos negros de autoafirmação

No início do século XX, há o surgimento de três importantes movimentos: o **nativismo**, o **pan-africanismo** e a **negritude**. O surgimento desses movimentos, no fim do século XIX (nativismo) e na primeira metade do século XX (pan-africanismo e negritude), foi fundamental para a disseminação de ideias e a estruturação das diversas lutas anticoloniais que aconteceriam décadas mais tarde em várias das colônias europeias na África.

O *nativismo* seria o responsável por uma primeira consciência de uma cultura nativa, anterior à do colonizador, cujo resultado mais visível em Angola é a elaboração de um dicionário Kimbundu-Português, por António de Assis Junior (1887-1960). O *pan-africanismo* propunha a unidade africana e o estreitamento dos laços entre os povos do continente. Forjado nas ideias do martinicano Aimé Césaire (1913-2008), do senegalês Léopold Senghor (1906-2001) e do ganês Léon Damas (1912-1978), o conceito de *negritude* indica que todos os africanos e todos os povos de ascendência africana têm um patrimônio cultural comum, e os escritores ligados a esse movimento esforçaram-se para restabelecer os laços entre diversos componentes do mundo negro. Para Mazrui, “o conceito/movimento de negritude seria uma variante cultural do pan-africanismo enquanto consciência coletiva dos negros” (MAZRUI, 2010, p. 901).

Pan-africanismo

Ideologia que propõe a união de todos os povos da África como forma de potencializar a voz do continente no contexto internacional. Foi popular entre os intelectuais africanos e ganhou força ao longo das lutas pela independência das diversas colônias do continente africano na segunda metade do século XX.

Esses movimentos ganharam força e expressão em importantes congressos realizados no continente europeu na primeira metade do século XX. Os três primeiros organizados pelo escritor e sociólogo americano W.E.B. Du Bois (1868-1963) em:

1. Paris (1919);
2. Londres/Bruxelas/Paris (1921);
3. Londres/Lisboa (1923).

Esses congressos eram o palco principal dos intensos debates acerca das ideias nativistas e pan-africanistas entre estudantes africanos e europeus e que se refletiria nas décadas seguintes. Em 1932, o lançamento da revista *Légitime Defense*, em Paris, por estudantes da Martinica, instaura uma ideologia da revolta que seria precursora do movimento *negritude*.



Assis Júnior foi um advogado, jornalista e escritor angolano. Foi preso diversas vezes acusado de ser um dos responsáveis pelo Movimento Nativista. Integrou a Liga Angolana e foi o primeiro presidente da Liga Nacional Africana, em 1930. Elaborou o primeiro dicionário kimbundu-português e escreveu o livro *O Segredo da Morta – crônicas de costumes angolenses*.



William Edward Burghardt “W.E.B.” Du Bois (1868-1963) foi um sociólogo, historiador, ativista, autor e editor estadunidense. O primeiro afro-americano a obter um doutorado. Du Bois ganhou proeminência nacional como líder do Movimento do Niágara, um grupo de ativistas afro-americanos que lutava por direitos iguais para os negros. Foi também um importante nome na organização dos primeiros congressos pan-africanistas em solo europeu nas primeiras décadas do século XX.

À medida que o movimento negritude ganha força com a disseminação de seus conceitos e ideias nas décadas de 1930/1940, uma série de publicações acerca da poesia e da literatura produzidas nos países colonizados é lançada. Em se tratando dos países de língua portuguesa, temos em:

1953 – lançamento, em Lisboa, do primeiro *Caderno de poesia negra de expressão portuguesa*, organizado pelo ensaísta angolano Mário Pinto de Andrade (1928-1990) e pelo poeta são-tomense José Tenreiro (1921-1963). Constavam desta antologia os poetas Alda do Espírito Santo (1926-2010) e Francisco Tenreiro (1921-1963), de São Tomé, Agostinho Neto (1922-1979), António Jacinto (1924-1991) e Viriato Cruz (1928-1973), de Angola, e Noémia de Sousa (1926-2002), de Moçambique.

1956 – em Paris, o Primeiro Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros, com a participação de Aimé Césaire, Frantz Fanon, Léopold Senghor, Mário Pinto de Andrade, Cheikh Anta Diop, entre outros, que repercute igualmente na África de língua portuguesa.

1958 – lançamento da *Antologia de poesia negra de expressão portuguesa*, organizada por Mário Pinto de Andrade, que além dos poetas do primeiro *Caderno*, incluiria autores de Cabo Verde, Guiné Bissau e Brasil.

As ideias pan-africanistas e, principalmente, os conceitos de negritude, alavancados pela grande repercussão dos textos de Césaire e Fanon, lidos no Primeiro Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros (1956), foram de importância fundamental no desenvolvimento de uma ideologia de resistência e libertação dos povos colonizados. Mário Pinto de Andrade, para além de sua importante fala neste Congresso, seria um dos encarregados de levar essas ideias aos intelectuais angolanos.

Em 1967, já em meio à resistência armada em solo angolano, Mário Pinto de Andrade lançaria em Argel a *Antologia temática de poesia africana*.

A particularidade do nosso caso reside no facto de que a maturação ideológica concomitante com a radicalização das formas de luta, a própria explosão do instrumento linguístico tendendo a uma independência semântica, e sobretudo o comprometimento do sujeito-poeta nas batalhas populares permitiram lançar as bases da identificação do autor com o seu público (ANDRADE apud SANCHES, 2012, p. 192).

Apesar de toda diversidade étnica e linguística no continente, havia em comum, entre os diversos povos envolvidos nas lutas pela independência, a defesa de um nacionalismo após a criação dos estados, o que representava uma ideologia antagônica ao colonialismo, na medida em que este constituía a negação da cultura autóctone e um rebaixamento econômico, social e psicológico da população colonizada.

O homem-fome, o homem-insulto, o homem-tortura
Que a qualquer momento pode ser abusado e espancado
a murros, ou morto – sim, matá-lo – sem a ninguém dar contas nem
apresentar desculpas

[...] E finalmente chego!

E observo de novo esta vida arrastada, esta vida não, esta morte,
esta morte sem sentido nem piedade, esta morte em que a grandeza
lastimavelmente ecoa, a brilhante pequenez desta morte, esta
morte que se arrasta de pequenez em pequenez; estas pazadas de
pequenas sofreguidões ao conquistador; estas pazadas de pequenos
lacaio ao grande selvagem, estas pazadas de alminhas ao Caribe
de três almas (CÉSAIRE, 2012, p. 35).

O poema de Césaire intitulado “Cahier d’un retour au pays natal”, publicado em 1939, é um dos marcos de uma nova resistência retórica. “As sociedades africanas foram se transformando pouco a pouco em sociedades negras, cujos laços com a África variam de caso para caso.” (BOAHEN, 2010, p. 914).

Na África de língua portuguesa, os movimentos do nativismo, do pan-africanismo e da negritude também ganhavam força, e as ideias defendidas pelos movimentos se faziam presentes na produção literária que, no início do século XX, já apresentava um rosto, cujo esboço havia sido desenhado no século anterior. É certo que, em algumas colônias portuguesas, a produção discursiva textual, enriquecida agora pelas ideias apregoadas pelos movimentos a que nos referimos, fosse mais visível do que em outras. Das colônias portuguesas em continente africano, a que mais nitidamente se destacava em compasso especialmente com o movimento da negritude era Angola.

A produção cultural de Angola foi intensa desde meados do século XIX. A literatura e a poesia que utilizavam expressões nativas ganhavam contornos nas primeiras décadas do século XX. Os intelectuais angolanos

das décadas de 1930 e 1940 participavam e frequentavam os congressos e debates pan-africanistas e, ao retornar, espalhavam as ideias entre os angolanos, mestiços e europeus identificados com Angola, especialmente os de Luanda.

Na primeira metade do século XX, alteraram-se as formas como a alteridade era percebida, questionando-se, assim, a superioridade unilateral da civilização ocidental sobre as civilizações não ocidentais. Essa superioridade mal disfarçada em algumas obras canônicas da literatura europeia como *Coração das trevas* e *Fardo do homem branco*, alimentada por uma produção antropológica que visava facilitar o processo colonizador preparando o imaginário deste para o que o esperava, começa a ser questionada à medida que adentrava o conhecimento de outras culturas.



Coração das trevas é um romance escrito por Joseph Conrad e publicado em 1902. É amplamente considerado uma obra importante da literatura inglesa.



“O fardo do homem branco” é um poema escrito pelo poeta inglês Rudyard Kipling e publicado originalmente em 1899. A obra trata das conquistas imperiais estadunidenses e foi utilizada como justificativa para uma visão da política imperialista como um nobre empreendimento.

Sobre esse tema, havia um embate no campo do pensamento, especialmente na França, em que, de um lado, estava o sociólogo Roger Caillois (1913-1978), que concebia fundamentalmente as relações colonizador-colonizado de forma hierárquica e grosseira, e de outro lado estava o antropólogo Michel Leiris (1901-1990), que havia afirmado ser “pueril pretender hierarquizar a cultura”.

Em 7 de março de 1950, em uma apresentação na Associação dos trabalhadores científicos (seção ciências humanas), Michel Leiris lembrava que “a etnografia surge estreitamente ligada ao facto colonial, independente da vontade dos etnógrafos” (LEIRIS apud SANCHES, 2012, p. 200).

Nós, cuja especialidade é *compreender* as sociedades colonizadas a que nos ligamos por motivos frequentemente alheios à estrita curiosidade científica, temos o dever de ser como que os seus advogados naturais em face da nação colonizadora a que pertencemos: na medida em que existe alguma hipótese de sermos ouvidos, devemos estar constantemente preparados para assumir o papel de defensores dessas sociedades e das suas aspirações, mesmo que tais aspirações se choquem com os interesses apresentados como nacionais e sejam motivo de escândalo (LEIRIS apud SANCHES, 2012, p. 202).

Todos esses temas estavam em debate nos círculos europeus e chegavam até os povos africanos de colonização portuguesa através de uma pequena elite letrada, a maioria formada por estudantes da Casa dos Estudantes do Império (CEI), e por conta dos congressos pan-africanistas que aconteciam na Europa. Criada em 1944, substituindo a Casa de Angola (criada um ano antes), a “CEI se transforma em um foro de debates e conagração dos estudantes das colônias portuguesas. Estabelecia-se dentro da metrópole um espaço africano, onde se começa a questionar a práxis colonial” (PADILHA, 1995, p. 133). Foi em solo europeu que se travaram grandes debates sobre o tema, dentre eles os vários congressos pan-africanistas citados anteriormente. Esses congressos foram importantes por defender a libertação das colônias africanas das potências europeias e tinham entre seus participantes diversos membros da Casa dos Estudantes do Império.



Roger Caillois (1913-1978) foi um sociólogo, crítico literário e ensaísta francês.



Michel Leiris (1901-1990), escritor e etnólogo francês, escreveu o livro *A África fantasma*, que retrata uma leitura pessoal do dia a dia do grupo de pesquisadores da primeira iniciativa francesa de investigação etnográfica na África. Essa missão instituiu a pesquisa de campo à prática antropológica francesa.



A CEI – Casa dos Estudantes do Império –, e especialmente a CEI de Lisboa (havia outra em Coimbra), reunia os estudantes das colônias portuguesas na África que haviam conseguido ingressar em faculdades portuguesas. Os estudantes, em sua maior parte, eram mestiços, descendentes de portugueses nas colônias e/ou filhos de funcionários públicos, comerciantes que haviam enriquecido ou que prestavam algum serviço ao Império. Essas casas funcionavam como um ponto de reunião de jovens estudantes oriundos de vários territórios do ultramar, especialmente dos países africanos.

Para espalhar as ideias que chegavam da Europa, os escritores dos países de língua portuguesa adotaram estratégias de comunicação com o objetivo de driblar a repressão do Estado Novo de Salazar. Segundo Pires Laranjeira, em seus *Ensaio afro-literários* (2005), essa estratégia implicava:

- recusa aos modelos expressivos identificados com a dominação política;
- instauração da legibilidade de uma mensagem codificada;
- elaboração de um código comum acessível ao destinatário ideal e não a todos os receptores reais (os repressores e a censura).

A mudança na produção discursiva do colonizado, que questionava a legitimidade da colonização, causa um grande impacto nos impérios coloniais e uma desconcertante mudança de perspectiva na relação entre

Ocidente e não Ocidente, com a repercussão dos textos produzidos por Frantz Fanon, Aimé Césaire e Léopold Senghor, dentre outros.

Para Edward Said, esse período “se assemelha no âmbito da significação a duas transformações anteriores: a redescoberta da Grécia, durante o período humanista da Renascença europeia, e a ‘Renascença oriental’, a grandiosa apropriação europeia do Oriente”.

Diferente de editar os clássicos gregos em 1460 ou ler gramáticos sânscritos na década de 1810, os intelectuais ocidentais percebem que estão lendo nativos que combatem seu exército e escrevem na língua do colonizador recorrendo a conceitos de Hegel, Marx e Freud para incriminar a própria civilização que os gerou (SAID, 1999, p. 252).



Edward Said foi um dos mais importantes intelectuais palestinos, crítico literário e ativista da causa palestina. Sua obra mais importante é *Orientalismo*, publicada em 1978 e traduzida em 36 línguas, além de ser considerada como um dos textos fundadores dos estudos pós-coloniais.

Atividade 3

Atende ao objetivo 2

1. Cite uma das causas que permitiram que a imprensa angolana permanecesse em mãos de angolanos.

2. Qual o primeiro momento importante para a literatura e a expressão escrita em Angola?

3. Cite os três movimentos de autoafirmação dos povos negros surgidos nos séculos XIX e XX.

Resposta comentada

Uma das causas que permitiu que a imprensa angolana permanecesse eminentemente em mãos de angolanos seria o fraco desenvolvimento econômico e social da potência colonizadora, o que aparece em diversos outros estudos sobre a situação das colônias africanas e ressalta uma das diferenças entre Portugal e Inglaterra quanto à relação com suas colônias. De todo modo, esse é o primeiro momento importante para a literatura e a para a expressão escrita nas colônias portuguesas em solo africano.

Angola é a primeira colônia portuguesa a ter uma produção escrita, com o lançamento de periódicos, dois deles de grande importância – *Luz e crença* e *Angolense*, ambos da primeira década do século XX –, e do dicionário kimbundu-português, de Assis Júnior, que também publicou a narrativa *O segredo da morta – crônica de costumes angolenses*.

Os três movimentos de autoafirmação da cultura negra em fins do século XIX e início do século XX são: nativismo, pan-africanismo e o movimento negritude.

A independência dos cinco países africanos lusófonos

Ao longo desses cinco séculos de domínio português nas colônias da África, houve muitas tentativas de resistência dos povos locais, mas a supremacia bélica dos portugueses, aliada às disputas políticas entre as diversas etnias das regiões ocupadas, favoreceu o domínio lusitano, dando lugar ao Império Colonial Português que abrangia não só os territórios na África, mas também na América do Sul, com o Brasil, e, ainda, na Índia e na Ásia.

Como afirma Kabengele Munanga (1986), quando os primeiros europeus desembarcaram nas terras africanas, encontraram estados organizados politicamente, mas essa organização não foi capaz de reverter a ocupação

européia, pois o desenvolvimento técnico dos estados africanos, incluída a tecnologia de guerra, era inferior ao dos portugueses.

A guerra colonial durou treze anos – de 1961 a 1974 – e pôs fim à ocupação portuguesa no território africano. Essa guerra ficou conhecida, ainda, entre os portugueses, como Guerra do Ultramar ou Guerra da África. Entre os povos dos territórios ocupados, duas denominações foram adotadas: Guerra de Libertação Nacional e Guerra pela Independência.

A República portuguesa e o golpe militar de 1926

No início do século XX, a situação das colônias africanas lusófonas não se alterou muito em relação ao século anterior. Segundo Enders (1997, p. 69), para “Portugal, como para as outras potências europeias, a colonização supõe a conquista, o desenvolvimento de uma economia de exportação e a submissão da mão de obra indígena para o trabalho e para o imposto”. Com isso, o trabalho de exploração das terras africanas, sem nenhum investimento econômico, continuou e se agravou com o início das duas grandes guerras mundiais.

A curta vida da República portuguesa, que surgiu em 1910 e foi derrubada pelo golpe militar de 1926, pôe fim às pretensões dos republicanos, inaugurando um longo período ditatorial marcado por perseguições de toda ordem, retrocesso político e econômico, com reflexos graves nas colônias ultramar. Em 1928, Antonio de Oliveira Salazar – um professor de Coimbra – foi convidado a assumir a Pasta das Finanças do país e, a partir dessa data, inaugurou-se um período difícil da história de Portugal. É o início da ditadura salazarista, nome pelo qual ficou conhecido o regime ditatorial em Portugal, que teve início em 1926 e só terminou em 1974, com a Revolução dos Cravos.



Antonio de Oliveira Salazar (1889-1970) foi um ditador português. Figura de destaque e promotor do Estado Novo (1933-1974) e da sua organização política, Salazar dirigiu os destinos de Portugal entre 1932 e 1968.



Revolução dos Cravos: movimento social, ocorrido a 25 de abril de 1974, que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, vigente desde 1933.



Se puder, assista ao filme *Capitães de abril* (2000), de Maria de Medeiros. A história é baseada no golpe de Estado militar, que ocorreu em Portugal, em 25 de abril de 1974.

Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Pide)

Polícia existente em Portugal entre 1945 e 1969, de caráter fundamentalmente político. As funções da Pide eram bastante abrangentes, sendo especialmente marcantes as suas atuações nos setores dos serviços de estrangeiros, fronteiras e segurança do Estado.

Entre 1929 e 1933, Salazar acumulou os Ministérios das Finanças e das Colônias e, com mão de ferro, tomou medidas duras contra a enfraquecida oposição. Em 1932 instaurou o *Ato Colonial*, que instituiu o trabalho forçado para os nativos das colônias, obrigando a população negra a servir por um determinado período de sua vida ao Estado ou a um patrão europeu. Esse Ato Colonial era, na verdade, uma reedição do trabalho forçado instituído no século XIX pela Coroa portuguesa aos nativos dos territórios africanos ocupados. Além disso, a ditadura salazarista criou a polícia política portuguesa – PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado), mais tarde conhecida como **Pide (Polícia Internacional de Defesa do Estado)**, que também teve sua área de atuação nas colônias do ultramar, especialmente nos anos 1960, quando se inicia um movimento de grande revolta nas colônias contra a política da metrópole.

Além do trabalho forçado nas colônias africanas, instituído pelo Ato Colonial, o regime português continuou a explorar vorazmente suas riquezas, especialmente algodão, cana-de-açúcar, café, petróleo, entre outros produtos. Os lucros obtidos com essa exploração eram revertidos para a metrópole, ao passo que as colônias amargavam uma situação de penúria e ausência de perspectiva.

O descontentamento com essa política de exploração aumentou visivelmente na década de 1950 e, durante essa mesma época, já eram conhecidas na África as ideias do Movimento da Negritude.

Nesse ínterim, a situação de alguns dos territórios africanos colonizados por franceses ou ingleses, por exemplo, ganhava outro estatuto. Alguns novos países independentes surgiam na África, acelerando o processo de descolonização. Todas essas lutas eram estimuladas pela ação do Movimento da Negritude que defendia a valorização dos negros e de sua cultura e pelas lutas dos negros norte-americanos contra o racismo.

A grande insatisfação com a política salazarista para as colônias, a disseminação das ideias do Movimento da Negritude, a luta dos negros norte-americanos contra o racismo e a independência de países africanos colonizados pela França e pela Inglaterra foram os propulsores dos movimentos independentistas nas províncias ultramarinas portuguesas.

A criação dos movimentos pela independência das colônias na África portuguesa

Na esteira desses acontecimentos, em meados da década de 1950, surgia, na Guiné Portuguesa, o **PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde)**, cujo líder era Amílcar Cabral e, em Angola o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), sob a liderança do poeta Agostinho Neto. Na década seguinte, em 1962, um ano após o início da guerra pela independência em Angola, surgia em Moçambique a Frelimo (Frente Nacional de Libertação de Moçambique), sob o comando de Eduardo Mondlane.



O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) foi, inicialmente, um movimento de luta pela independência de Angola, transformando-se em um partido político após a Guerra de Independência de 1961-1974. Conquistou o poder em 1974/75. Um de seus fundadores e membros mais destacados foi o poeta António Agostinho Neto (1922-1979) que, após a independência em 1975, tornou-se o primeiro presidente de Angola até 1979.

Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC)

Também conhecido pela sigla PAIGC, foi o movimento que organizou a luta pela independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Um de seus fundadores e membros mais importantes foi Amílcar Lopes Cabral (1924-1973).



A Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) é um partido político oficialmente fundado em 1962 (como movimento nacionalista), com o objetivo de lutar pela independência de Moçambique do domínio colonial português. Um dos fundadores e primeiro presidente do partido foi o antropólogo Eduardo Chivambo Mondlane (1920-1969). O dia da sua morte, quando foi assassinado por uma encomenda-bomba, é celebrado em Moçambique como o *Dia dos heróis moçambicanos*.

Todos esses movimentos africanos pela independência têm, entre seus líderes escritores, poetas, jornalistas e outros intelectuais, muitos dos quais antigos estudantes da Casa do Estudante do Império (CEI), que acabou se tornando um local estratégico e decisivo para a tomada de consciência e organização dos jovens estudantes africanos, em sua maioria angolanos, que se aliaram aos estudantes e intelectuais portugueses contrários ao regime fascista. Centro de articulação política e resistência, a CEI de Lisboa também funcionou como um espaço para o surgimento de uma literatura de valorização das raízes africanas.

Na entrada dos anos 1960, a situação nas colônias portuguesas do ultramar se torna mais difícil, forçando-as à luta armada pela conquista da independência. Nesse momento, à exceção de São Tomé e Príncipe e de Cabo Verde, cuja contribuição para os movimentos de independência constituiu em enviar guerrilheiros para engrossarem a luta armada das outras colônias, Angola, Guiné Portuguesa e Moçambique iniciam sua guerra pela independência.

O movimento armado é deflagrado em Angola quando, no norte do país, um grupo de agricultores protesta violentamente contra a política de plantação compulsiva de algodão, queimando armazéns de algodão e escorraçando os compradores. O regime salazarista responde à revolta

com violência e, em fevereiro de 1961, em Luanda, capital de Angola, um grupo organizado do MPLA toma de assalto a prisão da cidade para libertar os líderes do movimento. Munidos de catanas e de algumas poucas armas automáticas, o movimento não logra bons resultados, e a repressão que a ele se segue é extremamente dura.

Em razão desses acontecimentos, alguns antigos colonos brancos que haviam chegado recentemente a Angola conseguem permissão do regime para invadir os bairros nos quais moravam os negros (os musseques) e ali atacar qualquer um que considerassem suspeito. Desse episódio, resultaram muitas mortes, em sua maioria de jovens assimilados. Reagindo a essa matança, os movimentos organizados em Angola responderam com a luta armada que se disseminou também por outras regiões da chamada África lusófona, como a Guiné Portuguesa (1963) e Moçambique (1964). É o início da *Guerra Colonial*.



A Guerra Colonial durou treze anos em Angola (1961-1974), onze anos na Guiné (1963-1974) e dez anos em Moçambique (1964-1974).

Durante essa época, cerca de 800 mil jovens portugueses foram mobilizados para a guerra na África, onde permaneciam em média 29 meses, ou seja, quase 10% da população portuguesa e 90% da juventude masculina da época estiveram diretamente envolvidas com os conflitos na África. Do lado africano, a mobilização do contingente masculino foi massiva. Muitos se envolveram na guerra por motivações político-ideológicas, outros se aliaram às guerrilhas, aliciados pelas necessidades que se criaram em razão especialmente da falta de mantimentos. Essa guerra também propiciou que, em Portugal, as forças contrárias ao regime se unissem aos oficiais – especialmente tenentes e capitães – do Movimento das Forças Armadas (MFA), que iniciaram, na madrugada do dia 25 de abril de 1974, uma revolução para derrubar o regime ditatorial e pôr fim à guerra na África. Esse movimento ficou conhecido como *Revolução dos Cravos*.

Conclusão

A guerra na África marcou o início do fim do império colonial português e foi um dos fatores que propiciou a queda da ditadura salazarista. No entanto, um legado cultural, para além da língua portuguesa – oficialmente adotada pelos países africanos já independentes – consolidou-se nos cinco países do Palop (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Certos traços da cultura portuguesa e a adoção e o uso da língua portuguesa nesses países, ainda que modificada e enriquecida pelas diversas línguas locais, são exemplos de como a cultura portuguesa enraizou-se nos territórios africanos anteriormente ocupados.

===== **Atividade final** =====

Atende aos objetivos 1 e 2

1. Quantos anos durou a guerra colonial dos países africanos de língua portuguesa?

2. Quem eram os integrantes da CEI?

3. Como ficou conhecido o movimento que destituiu Salazar e Caetano?

Resposta comentada

Através do texto, já conseguimos entender como se deu o processo de independência dos países africanos de língua portuguesa. Após 14 anos de Guerra Colonial, o governo português cedeu aos pedidos por independência das colônias.

Um dos grandes focos de resistência era a CEI – Casa dos Estudantes do Império – que reunia os estudantes das colônias portuguesas na África que haviam conseguido ingressar em faculdades portuguesas.

O ano de 1974 marcou o fim do regime Salazar/Caetano, e fez com que as forças contrárias se unissem aos oficiais – especialmente tenentes e capitães – do Movimento das Forças Armadas (MFA), que iniciaram, na madrugada do dia 25 de abril de 1974, uma revolução para derrubar o regime ditatorial e pôr fim à guerra na África. Esse movimento ficou conhecido como Revolução dos Cravos.

Resumo

O processo de ocupação territorial do continente africano por potências europeias teve início em meados do segundo milênio. Em 1575, instala-se o primeiro governador-geral da colônia portuguesa, Paulo Dias de Novais.

A expansão portuguesa teve início no norte da África, seguiu para o sul ao longo da costa ocidental africana. Com a instalação, em 1575, do primeiro governador-geral da província em Angola, o tráfico negreiro se intensificaria. Por volta de 1648, os portugueses ocuparam os locais estratégicos no comércio de escravos, que se tornou indispensável a todas as colônias da América.

No princípio do século XIX, com a expansão do capitalismo industrial, as potências europeias ocuparam a maior parte do continente africano, intensificando a exploração econômica e o domínio político sobre a região.

O século XIX europeu foi extremamente complexo e conflituoso em razão de guerras, invasões e dos conflitos entre liberais e conservadores.

A primeira década do século XIX em Portugal foi marcada pelo processo de desagregação das estruturas do antigo regime. O *vintismo* foi o primeiro, de muitos movimentos políticos, de duração razoavelmente curta, que se revezaria no poder, no século XIX em Portugal.

Os movimentos pró-Constituição e pró-Carta Constitucional foram importantes porque ditaram os embates políticos em Portugal no século XIX.

Nesse mesmo século, Portugal avançou na política assimilacionista sobre as colônias africanas.

O final do século XIX e o início do século XX marcaram a intensificação da colonização europeia em solo africano e a produção de jornais e periódicos nas colônias portuguesas.

No início do século XX, surgem três importantes movimentos de autoafirmação das sociedades negras: o *nativismo*, o *pan-africanismo* e a *negritude*. Esses movimentos foram fundamentais para a tomada de consciência da condição do negro africano em suas terras. O intercâmbio de ideias entre os países africanos colonizados, a visibilidade da condição do negro – propiciada pelas publicações poéticas e literárias das colônias na metrópole (no caso português, na Casa do Estudante do Império) – e o contato com as ideias socialistas e libertárias desencadearam movimentos de independência em várias colônias na África.

A partir da década de 1950, uma série de publicações de poesia e literatura produzida nos países de língua portuguesa colonizados é lançada. A CEI (Casa do Estudante do Império) é um importante centro divulgador dessas publicações. Além disso, a CEI funcionava como um ponto de reunião de jovens estudantes oriundos de vários territórios do ultramar, especialmente dos países africanos. Além disso, o discurso científico sofria modificações. Na primeira metade do século XX, a antropologia e a etnografia passaram por uma transformação que alterou as formas como a alteridade era percebida.

A mudança discursiva do homem colonizado, que questionava a legitimidade da colonização, causou um grande impacto nos impérios coloniais.

A Guerra Colonial – ou guerra pela independência das colônias africanas de língua portuguesa – durou 13 anos e pôs fim à ocupação portuguesa no território africano. A guerra também influenciou a queda do regime salazarista e o fim do Estado Novo em Portugal. Contudo, mesmo com cinco séculos de conflitos entre o colonizador e o colonizado, um legado cultural, para além da língua portuguesa, consolidou-se nos cinco países dos Palop.

Aula 3

A cultura e a literatura em
Angola: período colonial

*Claudia Amorim
Christian Fischgold*

Meta

Apresentar o objeto de estudo da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, bem como o país em que esta literatura se desenvolve, Angola, considerando seus aspectos culturais, históricos e políticos.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. interpretar a multiplicidade política, étnica, e cultural de Angola no período colonial;
2. analisar como se desenvolveu a literatura em Angola no período colonial.

Angola: que lugar é esse?

Observe a imagem a seguir:

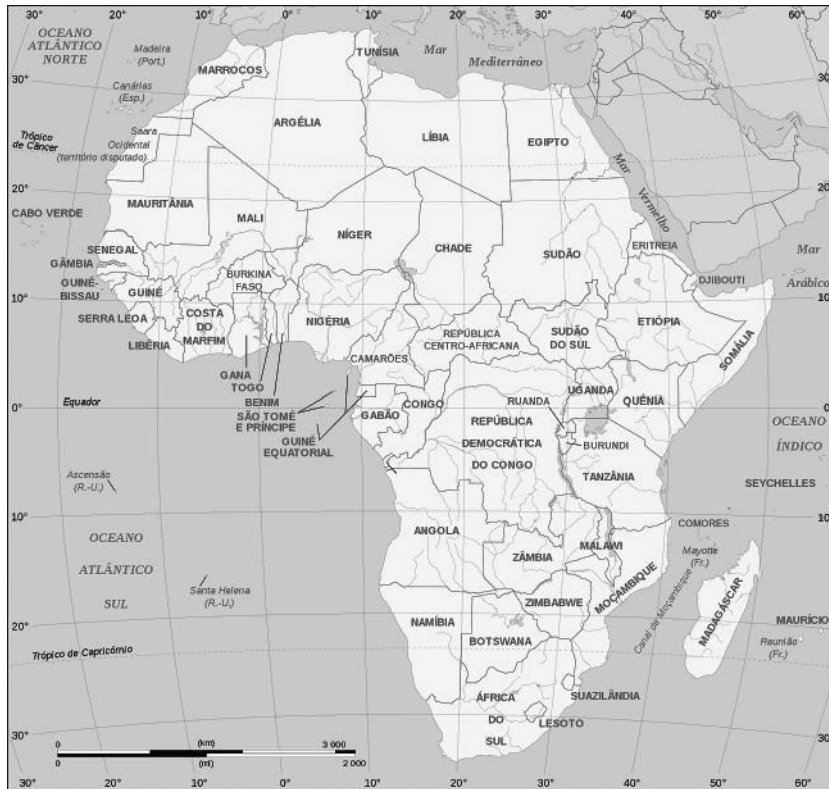


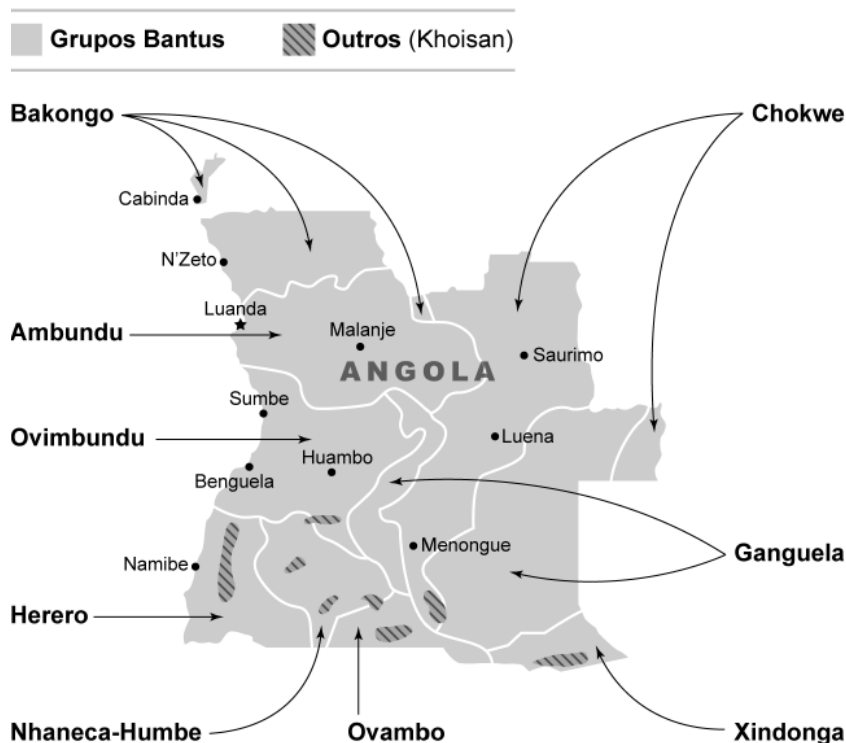
Figura 3.1: Mapa da África.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:African_continent-pt.svg

Angola, oficialmente República de Angola, é um país da costa ocidental do continente africano, cujo território principal é limitado a norte e a nordeste pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo oceano Atlântico. É um dos países que mais escravos enviou ao Brasil, e as marcas de sua cultura podem ser reconhecidas em aspectos religiosos, musicais, artísticos e linguísticos na cultura brasileira.

GRUPOS ÉTNICOS DE ANGOLA

Distribuição geográfica em 1970



Ovimbundu

Etnia bantu de Angola. Eles constituem aproximadamente 1/3 da população do país. Os seus subgrupos mais importantes são os mbalundu (bailundos), os wambo (huambo), os bieno, os sele, os ndulu, os sambo e os kakonda (caconda).

Ambundu

Segundo maior grupo étnico angolano, representando cerca da quarta parte da população do país. A sua língua é o kimbundu ou quimbundo. Os seus subgrupos mais importantes são os luanda (ou axiluanda), os ambundu em sentido restrito, os kissama (quissama), os hungo, os libolo, os kibala (quibala), os ngola, os bângala (ou imbangala), os songo, os chinje e os minungo.

Figura 3.2: Grupos étnicos de Angola distribuídos no território.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Angola_Ethnic_map_1970-pt.svg

Após a Conferência de Berlim, os limites de Angola foram definidos arbitrariamente pelas potências colonizadoras europeias. Essas fronteiras impuseram a diferentes etnias a convivência dentro de um mesmo limite territorial. Essa imposição foi uma das causas dos diversos conflitos étnicos ocorridos no território após a independência, principalmente entre as etnias **ovimbundu** e **ambundu**.

A Conferência de Berlim, realizada entre 19 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, teve como objetivo organizar, na forma de regras, a ocupação da África pelas potências coloniais e resultou em uma divisão que não respeitou nem a história, nem as relações étnicas e mesmo familiares dos povos do continente. Como consequência disso, as nações africanas comportam diversas diferenças étnicas, culturais e religiosas em seus atuais territórios.

A Literatura em Angola

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente (BOKAR apud BÂ, 1977, p. 35).



Tierno Bokar (1875-1939) foi um sábio que nasceu em 1875 em Segou, junto ao rio Níger, no seio de uma família religiosa. Por causa da colonização, teve que emigrar com sua família até Bandiagara, no Mali. Mestre espiritual muçulmano do início do século XX, ficou famoso por sua mensagem de tolerância religiosa e de amor universal.



Amadou Hampaté Bâ (1901-1991) é um dos maiores pensadores da África do século XX, tendo recolhido inúmeras histórias ao longo de sua vida; descobriu a biblioteca oral de Tierno Bokar e escreveu seus ensinamentos e sua relação com o sábio no livro *O sábio de Bandiagara*, escrito em 1957.

A epígrafe do líder espiritual malinês Tierno Bokar (1875-1939), citada por Amadou Hampaté Bâ (1901-1991), remete à substituição da oralidade pela escrita, enquanto forma discursiva, por povos africanos ocorrida na virada para o século XX. Essa substituição deu-se no decorrer dos séculos XIX e XX. Essa escrita, que se formava, absorveu diversas características da oralidade.

Bokar e Hampaté Bâ negam que o saber e o conhecimento do homem só possam ser representados pela escrita. Dizer que não tinham cultura era uma das afirmações do poder colonial para justificar a dominação e a opressão dos povos colonizados.

O poder colonial impôs aos povos colonizados o mesmo sistema cultural e linguístico. A mudança de suporte da oralidade para a produção escrita, ainda que a oralidade não fosse radicalmente extinta, resultaria em uma profunda alteração nos diversos países que iniciaram a sua relação com a escrita. O colonizado africano encontrava-se em uma comunicabilidade problemática, uma vez que era necessário expressar-se por escrito na língua do colonizador, mas não havia leitores que estivessem aptos a ler nesta língua. Para facilitar a imposição de seus códigos, as potências colonizadoras intensificaram a perseguição às pessoas que memorizavam e transmitiam a história e a cultura de seus povos, os **tradicionalistas**.

Tradicionalistas

Profissionais treinados em memorização e transmissão oral da história e costumes da comunidade. Pertencem à estrutura tradicional dessas sociedades. No processo de colonização, que se intensificou em fins do século XIX e início do século XX, houve uma significativa sobreposição da transmissão escrita sobre a oral, nos meios letrados urbanos.

O poeta e ficcionista angolano Manuel Rui Monteiro também aborda a complexidade das relações entre esses dois universos culturais que formam a identidade angolana. Para Rui Monteiro, a oralidade africana é carregada de signos que são percebidos de forma individual e subjetiva por quem os recebe. Ele é um tradicionalista.

E agora? Vou passar o meu texto oral para a escrita? Não. É que a partir do momento em que eu transferir para o espaço da folha branca, ele quase morre. Não tem árvores. Não tem ritual. Não tem as crianças sentadas segundo o quadro comunitário estabelecido. Não tem som. Não tem dança. Não tem braços. Não tem olhos. Não tem bocas. O texto são bocas negras na escrita, quase redundam num mutismo sobre a folha branca.

O texto oral tem vezes que só pode ser falado por alguns de nós. E há palavras que só alguns de nós podem ouvir. No texto escrito posso liquidar este código aglutinador. Outra arma secreta para combater o outro e impedir que ele me descodifique para depois me destruir. (MONTEIRO, 1987, p. 357).



Manuel Rui Monteiro (1941-) é um dos principais ficcionistas angolanos, é autor de poesia, contos, romances e obras para o teatro. É ainda autor da letra do Hino Nacional de Angola. Nasceu no Huambo, tendo vivido durante anos em Coimbra onde

se licenciou em Direito. Em Portugal, foi advogado e membro da direção da revista *Vértice*, de que foi colaborador. Regressou a Angola em 1974, onde ocupou diversos cargos políticos, tendo sido ministro da Informação do Governo de Transição.

No texto de Manuel Rui Monteiro observamos que o autor confere à oralidade um traço cultural elevado e distinto, mais rico, inclusive, que a escrita, em suas múltiplas possibilidades.

Poesia em solo angolano

Leia o poema de Maia Ferreira com atenção.

À minha terra!

(No momento de avistá-la depois de uma viagem.)

De leite o mar – lá desponta
 Entre as vagas sussurrando
 A terra em que cismando
 Vejo ao longe branquejar!
 É baça e proeminente,
 Tem d'África o sol ardente,
 Que sobre a areia fervente
 Vem-me a mente acalantar.
 Debaixo do fogo intenso,
 Onde só brilha formosa,
 Sinto n'alma fervorosa
 O desejo de a abraçar:
 É a minha terra querida,
 Toda d'alma, – toda – vida, –
 Qu'entre gozos foi fruída
 Sem temores, nem pesar.
 Bem vinda sejas ó terra,
 Minha terra primorosa,
 Despe as galas – que vaidosa
 Ante mim queres mostrar:
 Mesmo simples teus fulgores,
 Os teus montes tem primores,
 Que às vezes falam de amores
 A quem os sabe adorar!
 Navega pois, meu madeiro

Nestas águas d'esmeraldas,
Vai junto do monte ás faldas
Nessas praias a brilhar!
Vae mirar a natureza,
Da minha terra a beleza,
Que é singella, e sem fereza
Nesses plainos d' além-mar!
De leite o mar, – eis desponta
Lá na extrema do horizonte,
Entre as vagas – alto monte
Da minha terra natal;
É pobre, – mas tão formosa
Em alcantis primorosa,
Quando brilha radiosa,
No mundo não tem igual!

Esse poema de Maia Ferreira está contido no livro *Esportaneidades de minh'álma*, lançado em 1849. Trata-se do primeiro livro impresso em solo africano. É também o primeiro livro escrito por um angolano. Maia Ferreira era um mulato, filho de comerciantes portugueses. Seu poema demonstra um amor pela terra, que ainda não tinha os limites territoriais impostos pela Conferência de Berlim.



Maia Ferreira (1827-1881) é um escritor angolano, nascido em Luanda – local de nascimento confirmado pelo seu biógrafo e historiador Carlos Pacheco. É autor do primeiro livro editado em Angola, intitulado *Esportaneidades de minh'álma*, e datado de 1849. Trata-se de um livro de poemas. Maia Ferreira, pertencia a uma família de comerciantes portugueses instalada há muito na colônia.



Figura 3.3: Griot em sua ação de contar histórias.

As tradições orais marcam a poesia e a literatura angolanas nos séculos XIX e XX. É simbólico que o primeiro livro escrito, impresso e lançado em território angolano tenha sido o livro de poemas de Maia Ferreira, que o dedica às senhoras africanas.

Após a Conferência de Berlim (1890) inicia-se a colonização efetiva do solo africano, momento em que ocorre, então, o primeiro movimento de intelectuais em solo angolano, mais exatamente na virada do século XIX para o século XX. O movimento intitulado *Intelectuais de Angola* ocupou a escrita jornalística do país nesse período. Foram diversos jornais e revistas criados na segunda metade do século XIX e intensificados em fins desse mesmo século. Contudo, a maioria teve vida curta, apenas um ou dois números. Essas publicações, no entanto, foram responsáveis pela difusão das ideias e pela consolidação da escrita de uma pequena elite mestiça angolana.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Com base naquilo que você leu, assinale F para as declarações falsas e V para as declarações verdadeiras:

- () O saber só existe quando escrito. Toda a tradição oral constitutiva das culturas dos povos africanos é destituída de saber.
- () Os tradicionalistas foram perseguidos por serem os responsáveis por memorizar a história e a cultura de seus povos.
- () O primeiro movimento de intelectuais angolanos surge na virada do século XIX para o século XX.

Resposta comentada

Como será que você respondeu? Neste primeiro momento, acredito que você já consiga responder corretamente sem nem retornar ao texto. A sequência que responde a atividade é F-V-V. Observamos que o poder colonial desconsiderava a tradição oral e perseguia os tradicionalistas como forma de facilitar a imposição de seus códigos aos povos colonizados. Essa imposição, que se intensificaria após a Conferência de Berlim, seria uma das causas do surgimento da primeira geração de *Intelectuais de Angola* como forma de resistência à opressão colonial.

Os primeiros grandes nomes da literatura angolana no século XX

No início do século XX, uma nova geração de autores angolanos despontava na literatura do país. Angola vivia o momento de intensificação do processo colonial ocorrido após a Conferência de Berlim. A atividade literária era fomentada pela atividade jornalística. Diversos jornais e revistas foram lançados, a maioria, no entanto, tendo curta duração, apenas um ou dois exemplares. É na atividade jornalística que surge Assis Júnior, um dos grandes nomes da literatura angolana do início do século XX. É nos jornais da época que seu livro *O segredo da morta – crônicas da vida angolense* é lançado primeiramente em capítulos para depois ser compilado em livro.



Assis Júnior (1887-1960) foi um advogado, jornalista e escritor angolano. Foi preso diversas vezes acusado de ser um dos responsáveis pelo Movimento Nativista. Integrou a Liga Angolana e foi o primeiro presidente da Liga Nacional Africana, em 1930. Elaborou o primeiro dicionário kimbundu-português e escreveu o livro *O segredo da morta: crônicas de costumes angolenses*.

Este livro é para ser lido por todos aqueles, pretos, brancos, que mais decididamente se interessam pelo conhecimento das coisas da terra. A vida do angolense, que a civilização totalmente não obliterou – aquela civilização que se lhe impõe mais por sugestão e medo do que por persuasão e raciocínio, vivendo a seu modo e educando-se consoante os recursos ao seu alcance –, representa ainda hoje um problema de não fácil resolução. Poucos ainda compreenderam o que ele é e o que ele quer (ASSIS JÚNIOR, 1979, p. 32).

Neste trecho notamos a intenção do autor de falar com todos aqueles que se interessam pelo conhecimento das coisas da terra. Era necessário reconhecer que terra era essa que juntava tantas etnias distintas sob o nome de Angola. Descobrir quem era o “angolense” apresentava-se como tarefa para os escritores e intelectuais da época.

Havia na escrita dos autores angolanos a necessidade de compreender que país era esse que se formava sob a imposição geográfica, política e cultural do império colonial. Para isso, era necessário olhar para a população angolana de perto e até utilizar seus dialetos e línguas nativas. Assis Júnior foi o primeiro a conceber o dicionário **kimbundu**-português, o que o levou a conhecer as expressões nativas.

Kimbundu

Língua africana falada no noroeste de Angola. É uma das línguas bantas mais faladas em Angola, sendo ainda uma das línguas nacionais do país. A língua portuguesa tem muitos empréstimos lexicais do kimbundu obtidos durante a colonização portuguesa em solo angolano.

Liga Angolana

Pequena associação de funcionários angolanos reconhecida oficialmente em 1913. Visava à valorização dos símbolos e das culturas nativas do território angolano. Teve grande influência das ideias e conceitos do nativismo.

Liga Nacional Africana

Movimento de cidadãos singulares que investigavam, recuperavam, promoviam e divulgavam hábitos, usos e costumes próprios dos angolanos através de jornais, revistas, palestras e lugares onde era defendida a cultura do país.

William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963)

Sociólogo, historiador, ativista, autor e editor estadunidense. Primeiro afro-americano a obter um doutorado, Du Bois ganhou proeminência nacional como líder do Movimento do Niágara, composto de um grupo de ativistas afro-americanos que lutava por direitos iguais para os negros. Foi também um importante nome na organização dos primeiros congressos pan-africanistas em solo europeu nas primeiras décadas do século XX.

Nativismo

Movimento de afirmação identitária enquanto valorização da diferença, que propunha a valorização das culturas e expressões “nativas”. Teve no lançamento do dicionário kimbundu-português, escrito por Assis Júnior, seu primeiro grande símbolo em Angola.



Figura 3,4: Frontispício do Dicionário kimbundu-português, de Assis Júnior.

Fonte: <https://ia700807.us.archive.org/zipview.php?zip=/34/items/olcovers611/olcovers611-L.zip&file=6111132-L.jpg>

Em 1929, a **Liga Angolana**, da qual Assis Júnior havia sido um dos fundadores, transforma-se em **Liga Nacional Africana**. Isso é um importante indício de junção das influências do pensamento pan-africanista, que ganhava força com os congressos realizados por **W.E.B. Du Bois** (1868-1963) em solo europeu às ideias nativistas, formuladas inicialmente na obra de Assis Júnior, cujo ponto marcante seria a realização do dicionário kimbundu-português. Ao **nativismo** responsável por elaborar dicionários de línguas locais e por uma primeira consciência “nativa” (mas ainda não nacional – angolana), juntam-se as ideias e os conceitos pan-africanistas que propunham a unidade africana e o estreitamento dos laços entre os povos da África.

O pan-africanismo é uma ideologia que propõe a união de todos os povos da África como forma de potencializar a voz do continente no contexto internacional. Foi popular entre os intelectuais africanos e ganhou força ao longo das lutas pela independência na segunda metade do século XX.

Além de Assis Júnior, outro importante escritor desse contexto é Castro Soromenho, que inicia sua carreira escrevendo em periódicos da época.

Depois de apagares com as lágrimas
da morte a imagem do teu menino branco, muitas
coisas se passaram na terra onde nascemos. Muitos fogos
destruíram as aldeias negras e os matagais bravios.

E encheu-se de uma vida nova a terra triste, aberta a todos os ventos do mar onde morreste.

A tua aldeia, quando os teus irmãos se revoltaram por amor à liberdade, foi assaltada. As lanças indígenas nada puderam contra as carabinas dos civilizados... Foram mortos os seus homens mais valentes e roubado o destino das crianças. E sobre a terra vermelha de sangue, os corpos das mulheres renderam-se de medo aos conquistadores.

Quantas lágrimas choradas no caminho sombrio que tu não seguiste!

Depostas as armas, o silêncio desceu sobre o chão de cinzas da aldeia consumida pelo fogo da vingança. Mas no coração dos homens nunca mais houve paz.

Vencidos e humilhados, eles refugiaram-se na resignação. Tu foste mais feliz. Tu não viste os cavalos do apocalipse... E para a criança que embalaste, cantando as tristes cantigas do teu povo, isso foi um bem. Porque se os teus olhos tivessem visto todas essas coisas horríveis e o teu corpo fosse tomado a força, jamais terias deixado cair as tuas lágrimas de morte sobre a imagem do menino branco.

Nada resta da tua aldeia e dos seus matos bravios. E dos braços que embalaram o menino branco e do seios em que lhe deste o leite roubado ao filho negro também nada resta. Só a saudade do teu menino branco ficou entre o teu nada e a sua vida.

Ama, <Mãe Negra>, é essa saudade, velha de trinta anos, que invoca a tua memória ao findar este livro dos homens da tua raça infeliz.

(SOROMENHO, 1960, introdução)



Castro Soromenho (1910 - 1968) foi um jornalista, ficcionista e etnólogo português. É considerado um escritor do movimento neorrealista português e igualmente um romancista da literatura angolana.

Com Assis Júnior e Castro Soromenho esboça-se um projeto de libertação das convenções literárias do colonizador, ou seja, os autores começam a procurar uma identidade própria, e essa busca se reflete com a influência cada vez maior da oralidade marcante da cultura local e do questionamento acerca da colonização, evidenciando o sofrimento e a injustiça da escravidão, evidenciado na mãe que precisa “roubar o leite do filho negro para dar ao filho branco”. Nas palavras de Laura Padilha, “era preciso gestualizar o texto, griotizá-lo, para que ele possa gritar a alteridade de sua voz, duplamente” (PADILHA, 1995, p. 9).



Laura Padilha: professora emérita da UFF, autora de *Entre voz e letra: a ancestralidade na literatura angolana*.



Os *griots* são contadores de histórias, vivem hoje em muitos lugares da África ocidental.

Atividade 2

Atende ao objetivo 1

Assinale V para as afirmativas verdadeiras e F para as declarações falsas:

- () A cultura, a língua e as expressões em kimbundu não foram apropriadas dentro da literatura angolana.
- () Assis Júnior, um dos fundadores da Liga Angolana, torna-se, depois, um dos precursores do nativismo.
- () Laura Padilha ratifica a importância da “griotização” do texto, ou seja, a incorporação do conhecimento e da cultura griot transmitida oralmente.

Resposta comentada

Mais uma atividade bem simples, não é? Apenas a última assertiva é verdadeira, as demais são falsas (F-F-V).

Os autores angolanos da primeira metade do século XX utilizaram as expressões nativas em seus textos, no meio das convenções formais da língua portuguesa. Um desses autores foi Assis Júnior. Inicialmente envolvido com ideias nativistas que o levaram a produzir o dicionário kimbundu-português, seria um dos fundadores da Liga Angolana e, posteriormente, a transformaria em Liga Nacional Africana.

Castro Soromenho é outro autor que irá subverter a língua do colonizador português em busca de uma linguagem “mais tipicamente angolana”. A adoção do ritmo dos modos de falar dos nativos configuraria uma aproximação da língua portuguesa com a griotização defendida por Laura Padilha. Essa griotização remeteria a um processo de valorização da diferença da cultura local – nativa em relação à cultura do colonizador. Essa valorização não seria bem vista pelo governo português no início da década de 1930.

Angola e o Estado Novo português

Em 1933, é instalado o *Estado Novo* em Portugal, um regime político autoritário centrado na figura de António de Oliveira Salazar. Esse regime duraria até a Revolução de 25 de abril de 1974 e seria conhecido pelo nome de *salazarismo*, em referência a seu principal líder.

Com a intensificação do regime salazarista na década de 1930, intensificou-se também a propaganda discursiva do governo português e a repressão aos movimentos de valorização das culturas locais dentro das colônias portuguesas. Desenvolve-se, então, uma disputa discursiva entre colonizador e colonizado. O colonizador português, representado em textos que teciam loas à colonização lusa, opunha-se discursivamente aos intelectuais angolanos, que tentavam rever a própria história sob outro ponto de vista. Os escritores angolanos passam, então, a reformular a história de Angola. Vejamos dois exemplos dessa disputa.

Recomeçaram-se a ocupação, as viagens de reconhecimento e a colonização. Abriam-se escolas e missões, abriam-se estradas,

construíram-se caminhos de ferro e portos, fêz-se a farolagem da costa, desenvolveu-se o comércio, a agricultura, a indústria e a instrução, prestou-se assistência material e moral aos indígenas, foi criada a aviação e as suas escolas de pilotagem e, hoje, Angola, à custa do sacrifício e da vida de milhares de portugueses – missionários, soldados, funcionários civis e colonos – que dia a dia vieram e vêm lutando pelo seu progressivo desenvolvimento, apresenta-se, apesar de tocada pelas crises econômicas que tem assolado o mundo, como uma das colônias mais prósperas e mais florescentes do continente africano (CRUZ, 1940, p. 234).



José Ribeiro da Cruz foi um historiador e etnólogo português.

Conhecer a nossa história é, pois, saber como se desenvolveram os vários povos que habitam em Angola; como lutaram entre si; como se uniram; como lutaram contra o invasor europeu; como foram influenciados pelo colonialismo; como reagiram a ele; como se formou a unidade do povo que luta pela libertação da sua pátria e pela libertação dos mais explorados. É saber como esse povo, que hoje luta heroicamente, lança as bases de um grande país que será independente e que, ao lado de muitos outros povos de todo o mundo, participará na liquidação da opressão e participará no progresso da humanidade (CEA, 1975, p. 5).



O CEA – Centro de Estudos Angolanos – foi um grupo criado em Argel, em 1964, para investigar as relações entre os esforços simbólicos de construção nacional, que marcam a literatura das independências e o discurso nacionalista em Angola e na África de modo geral.

É a partir da década de 1940 que a repressão a todos os processos culturais e a tudo que soasse como orgulho da “negritude” se torna mais intensa. Há, claramente, um conflito discursivo entre colonizador e colonizado, europeu e africano, português e etnias angolanas, ou seja, entre o discurso oficial do regime, em que loas eram cantadas aos seus governantes e a reescritura da história do país como ponto convergente das lutas de todas as etnias dentro das fronteiras estabelecidas pela Conferência de Berlim.

Podemos observar que o texto de Cruz visa enaltecer o papel do colonizador português que transformou Angola “como uma das colônias mais prósperas e mais florescentes do continente africano”, enquanto o texto do CEA convoca a população para o processo de independência que “ao lado de muitos outros povos de todo o mundo, participará na liquidação da opressão e participará no progresso da humanidade”.

Como reação à intensificação da repressão e à tentativa de imposição do discurso oficial pelo regime salazarista, em meados da década de 1940, inicia-se um movimento intelectual que teria grande repercussão em Angola. Esse movimento culminaria com o lançamento da revista literária *Mensagem*, em 1949, em torno da qual orbitaram os escritores da chamada *Geração dos novos intelectuais*, em referência aos *Intelectuais de Angola* da virada do século XIX para o século XX, sob a palavra de ordem *Vamos descobrir Angola*.

Nomes como Agostinho Neto, António Jacinto e Viriato da Cruz, dentre outros, compunham essa nova safra de escritores e intelectuais angolanos cuja influência do pensamento pan-africanista seria marcante.

Leia atentamente o poema de Agostinho Neto:

O Choro de África

O choro durante séculos
 nos seus olhos traidores pela servidão dos homens
 no desejo alimentado entre ambições de lufadas românticas
 nos batuques choro de África
 nos sorrisos choro de África
 nos sarcasmos no trabalho choro de África
 Sempre o choro mesmo na vossa alegria imortal
 meu irmão Nguxi e amigo Mussunda
 no círculo das violências
 mesmo na magia poderosa da terra
 e da vida jorrante das fontes e de toda a parte e de todas as almas
 e das hemorragias dos ritmos das feridas de África
 e mesmo na morte do sangue ao contato com o chão

mesmo no florir aromatizado da floresta
mesmo na folha
no fruto
na agilidade da zebra
na secura do deserto
na harmonia das correntes ou no sossego dos lagos
mesmo na beleza do trabalho construtivo dos homens
o choro de séculos
inventado na servidão
em histórias de dramas negros almas brancas preguiças
e espíritos infantis de África
as mentiras choros verdadeiros nas suas bocas
o choro de séculos
onde a verdade violentada se estiola no círculo de ferro
da desonesta força
sacrificadora dos corpos cadaverizados
inimiga da vida
fechada em estreitos cérebros de máquinas de contar
na violência
na violência
na violência
O choro de África é um sintoma
Nós temos em nossas mãos outras vidas e alegrias
desmentidas nos lamentos falsos de suas bocas - por nós!
E amor
e os olhos secos.

Agostinho Neto, em seu poema “Poesia africana” (1961), nos fala de uma África una, com características reconhecíveis em qualquer canto do continente.



Agostinho Neto foi um poeta angolano, formado nas universidades de Coimbra e de Lisboa, e, em 1975, se tornou o primeiro presidente de Angola, cargo no qual permaneceu até 1979, representando o partido que se formou após a independência, sob as bases do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola).

Fez parte da geração de estudantes africanos que viria a desempenhar um papel decisivo na independência dos seus países naquela que ficou designada como a Guerra Colonial Portuguesa. Foi preso pela Pide (Polícia Internacional de Defesa do Estado), a polícia política

do regime salazarista então vigente em Portugal, e deportado para o Tarrafal, uma prisão política em Cabo Verde, sendo-lhe depois fixada residência em Portugal, de onde fugiu para o exílio. Aí assumiu a direção do MPLA, do qual já era presidente honorário desde 1962. Em paralelo, desenvolveu seu ofício literário, escrevendo poemas.

O meu poema anda por aí vadio

No mato ou na cidade

Na voz do vento

No marulhar do mar

No gesto ou no ser

[...]

O meu poema carrega sacos no porto

Enche porões

Esvazia porões

E arranja força cantando

‘tué tué tué trr

arrimbuim puim puim’

[...] mas o meu poema não é fatalista

O meu poema é um poema que já quer

E já sabe

O meu poema sou eu-branco

montado em mim-preto

a cavalgar pela vida

(JACINTO, 1961, p. 37-41).



António Jacinto (1924- 1991) foi um escritor angolano conhecido por sua poesia de protesto e, devido à sua militância política, foi exilado no campo de concentração de Tarrafal, em Cabo Verde, no período de 1960 a 1972. Voltou para Angola em 1973 e se juntou ao MPLA. Com a independência do país frente à colonização portuguesa em 1975, foi nomeado ministro da Educação e Cultura, cargo que ocupou até o ano de 1978.

Enquanto a poesia de Agostinho Neto nos fala de uma África una, a poesia de António Jacinto não nega a presença do colonizador.

Atividade 3

Atende ao objetivo 2

1. Qual regime político é instalado em Portugal em 1933 e qual o nome do político que centralizou as ações desse regime?

2. Destaque do poema de Agostinho Neto um trecho em que o autor fala de uma África una, indivisível.

3. Em sua opinião, esse poema, escrito no ano de 1961, foi influenciado pelos conceitos de pan-africanismo?

Resposta comentada

O regime político que se instala em Portugal, a partir de 1933, é denominado Estado Novo e tem em António de Oliveira Salazar seu principal ideólogo e agente político.

O poema trata de uma África que, embora plural, é vista como una, pois todo o continente foi explorado e invadido pelo colonizador, que impôs sua cultura e não respeitou as diferenças entre as múltiplas culturas do continente.

O pan-africanismo surge logo após o fim da Segunda Guerra Mundial e, certamente, o poema traz a sua influência, pois o continente se expressa através de seus poetas e escritores que reivindicam uma história para a África que revele a sua singularidade, a sua exploração pelo colonizador e o direito dos africanos a uma nova história, diferente da que se escreveu até então.

A geração Mensagem e a geração Cultura

Além de contar com Agostinho Neto e António Jacinto, outro importante nome do movimento seria o do poeta Viriato da Cruz.

Mamã negra (canto da esperança)

Tua presença, minha Mãe – drama vivo duma Raça,
Drama de carne e sangue
Que a Vida escreveu com a pena dos séculos!
Pela tua voz
Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais
[dos seringais dos algodoais!...
Vozes das plantações de Virgínia
dos campos das Carolinas
Alabama
Cuba
Brasil...
Vozes dos engenhos dos bangüês das tongas dos eitos
[das pampas das minas!
Vozes de Harlem Hill District South
vozes das sanzalas!
Vozes gemendo blues, subindo do Mississipi, ecoando
[dos vagões!
Vozes chorando na voz de Corrothers:
Lord God, what will have we done
– Vozes de toda América! Vozes de toda África!
Voz de todas as vozes, na voz ativa de Langston
Na bela voz de Guillén...
Pelo teu dorso
Rebrilhantes dorsos aso sóis mais fortes do mundo!
Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue, com suor
[amaciando as mais ricas terras do mundo!
Rebrilhantes dorsos (ai, a cor desses dorsos...)
Rebrilhantes dorsos torcidos no “tronco”, pendentes da
[forca, caídos por Lynch!
Rebrilhantes dorsos (Ah, como brilham esses dorsos!)
ressuscitados em Zumbi, em Toussaint alevantados!
Rebrilhantes dorsos...
brilhem, brilhem, batedores de jazz
rebretem, rebretem, grilhetas da Alma

evade-te, ó Alma, nas asas da Música!
...do brilho do Sol, do Sol fecundo
imortal
e belo...
Pelo teu regaço, minha Mãe,
Outras gentes embaladas
à voz da ternura ninadas
do teu leite alimentadas
de bondade e poesia
de música ritmo e graça...
santos poetas e sábios...
Outras gentes... não teus filhos,
que estes nascendo alimárias
semoventes, coisas várias,
mais são filhos da desgraça:
a enxada é o seu brinquedo
trabalho escravo – folguedo...
Pelos teus olhos, minha Mãe
Vejo oceanos de dor
Claridades de sol-posto, paisagens
Roxas paisagens
Dramas de Cam e Jafé...
Mas vejo (Oh! se vejo!...)
mas vejo também que a luz roubada aos teus
[olhos, ora esplende
demoniacamente tentadora – como a Certeza...
cintilantemente firme – como a Esperança...
em nós outros, teus filhos,
gerando, formando, anunciando –
o dia da humanidade
O DIA DA HUMANIDADE!...



Viriato da Cruz (1928-1973) foi um importante impulsionador da poesia angolana nas décadas de 1940, 1950 e 1960, e um dos líderes da luta pela libertação de Angola. Como escritor, foi um dos criadores da revista literária *Mensagem*.

Assim como os outros escritores que orbitavam em torno da revista *Mensagem*, Viriato da Cruz teve em sua poesia a denúncia do trabalho

escravo, do racismo, da desigualdade e o questionamento da colonização. Viriato da Cruz e os escritores de sua geração foram os responsáveis por uma primeira tomada de consciência angolana.

Como você deve ter observado, o conceito de negritude teve importância fundamental no desenvolvimento literário dos autores da geração Mensagem. As ideias nativistas, pan-africanistas e nacionalistas, nas quais os conceitos de negritude também se inserem, norteariam essa geração na luta contra a exploração colonial.

Na década seguinte, surgiria outra geração de influentes escritores angolanos. Em 1957, outro periódico importante seria lançado: o jornal *Cultura*. A poesia marcante da geração Mensagem dividiria espaço com novos autores que entenderiam melhor seus irmãos de cor. Essa geração alteraria o perfil dos escritores angolanos até aquele momento, no que concerne à forma e ao conteúdo, com o aparecimento de autores dos gêneros do conto e do romance – a década de 1950 caracterizava-se, até aquele momento, pela presença majoritária de poetas – e com a ampliação temática, na poesia, da vida em Luanda para o interior de Angola.

Dentre diversos autores que integram a Geração Cultura, um dos mais destacados foi José Luandino Vieira.

Leia um de seus textos:

A estória da galinha e do ovo. Esses casos passaram no musseque Sambizanga, nesta nossa terra de Luanda.

Foi na hora das quatro horas.

Assim como as vezes, dos lados onde o sol fimba no mar, uma pequena e gorda nuvem negra aparece para correr no céu azul e, na corrida, começa a ficar grande, a estender braços para todos os lados, esses braços a ficarem outros braços e esses ainda outros mais finos, já não tão negros, e todo esse apressado caminhar da nuvem no céu parece os ramos de muitas folhas de uma mulemba velha, com barbas e tudo, as folhas de muitas cores, algumas secas com o colorido que o sol lhes põe e, no fim mesmo, já ninguém que sabe como nasceram, onde começaram, onde acabam essas malucas filhas da nuvem correndo sobre a cidade, largando água pesada e quente que traziam, rindo compridos e tortos relâmpagos, falando a voz grossa de seus trovões, assim, nessa tarde calma, começou a confusão.

Em 1961, inicia-se a resistência armada em Angola. Para que a luta armada tivesse início, os cinco anos anteriores tiveram fatos marcantes

e decisivos. Em dezembro de 1956, é criado o MPLA, primeiro partido angolano. Depois outros partidos foram criados: UPA (União dos Povos de Angola), Mina (Movimento para Independência Nacional de Angola), Unita (União Nacional para Independência Total de Angola). A luta armada não impediu que a significativa produção de cunho nacionalista iniciada anos antes ficasse completamente obstruída em razão da guerra.

Quatro anos antes da eclosão da guerra em Angola, surgia o jornal *Cultura* (citado anteriormente), órgão da sociedade cultural de Angola que agrupava jovens intelectuais angolanos. Em 1958, aumentava consideravelmente a atividade panfletária em praças públicas e escolas. Por toda a parte, particularmente em Luanda, falava-se de revolução armada, tornando imbricados o discurso literário e jornalístico e o discurso que fomentava os povos à independência.

De novo se falava em cultura africana. Realizavam-se exposições de arte negra, palestras sobre as realizações das culturas africanas de Angola, exposições de pintura denunciando pela imagem e exploração colonialista; publicavam-se contos e poemas nitidamente anticolonialistas e antirracistas; nasciam de novo e melhor os artistas e escritores angolanos revolucionários (CEA, 1975, p. 175).

Em maio de 1959, começam as prisões em massa autorizadas pelo regime português. Foram levantados processos contra dirigentes conhecidos do MPLA e contra portugueses progressistas que trabalhavam em Angola. Em julho de 1960, a Pide prendeu o militante angolano mais destacado: o poeta-símbolo da geração Mensagem, Agostinho Neto.

Sua prisão levantou uma grande manifestação na região de Ícolo e Bengo, de onde ele era natural, mas a manifestação foi brutalmente reprimida e houve então os primeiros mártires da luta de libertação angolana: 30 mortos e 200 feridos. Esgotadas as formas de ação pacífica, o povo da capital lançou em Angola a luta armada em 4 de fevereiro de 1961, data dos ataques às prisões de Luanda.

O período de luta armada pela libertação duraria até 1975, quando o governo português finalmente reconheceria a independência de Angola. O primeiro presidente eleito de Angola seria o poeta Agostinho Neto, integrante do MPLA.

A independência do domínio português foi alcançada em 1975, depois de uma longa guerra de libertação. Após a independência, Angola foi palco de uma intensa guerra civil que durou até 2002.

Conclusão

O objetivo desta aula foi, em primeiro lugar, interpretar a multiplicidade política, étnica e cultural de Angola no período colonial e, ainda, analisar como se desenvolveu a literatura em Angola nesse período.

Vimos que Angola é um país com muitas etnias e, em razão disso, com muitas línguas e culturas diversas. Sua divisão político-administrativa foi fixada pelos povos colonizadores e, em seu território, encontramos diversos povos de etnias distintas. Angola chegou a ser a colônia mais importante de Portugal, após a perda do Brasil e, no século XIX, alcançou em algumas cidades um parco desenvolvimento, necessário aos habitantes descendentes de portugueses que habitavam a colônia. Com o crescimento, ainda que tímido, de uma classe média citadina composta de pequenos comerciantes, funcionários públicos, oficiais etc., a vida na colônia se alterava substancialmente e apareciam os primeiros jornais com notícias da colônia e da cultura local. Do fim do século XIX à segunda metade do século XX, crescem as manifestações culturais nas colônias portuguesas em geral, mas é em Angola que essas mudanças são mais sensíveis.

Paralelamente a isso, o Ocidente discute vivamente a condição do negro africano, especialmente em razão das ideias pan-africanistas, do movimento negritude e das lutas nacionalistas.

É notável a importância das primeiras manifestações literárias em Angola, ainda que escritas com a língua do colonizador. Passava-se, também, da cultura ágrafa – que nunca foi abandonada em definitivo – para a cultura letrada que traduzia mais rapidamente para os outros países a cultura e a literatura produzidas em Angola.

Na segunda metade do século, o país foi um dos principais palcos da luta anticolonialista contra o regime de Salazar. A independência, conquistada em 1975, depois de 13 anos de luta contra Portugal, legou ao país a necessidade de construção da nação angolana, marcada pela angolanidade. Em sua cultura múltipla – publicada em português e enriquecida pelo léxico e pelas línguas próprias das diversas etnias angolanas, Angola e sua literatura são ainda, respectivamente, uma terra e uma literatura que merecem ser estudadas pela sua rica natureza e diversidade.

Atividade final

Atende ao objetivo 2

1. Qual a diferença formal entre os autores da geração Mensagem e os autores da geração Cultura?

2. Seus autores conseguiram, no âmbito político, os objetivos que almejavam?

3. Quem foi o primeiro presidente angolano após a conquista da independência em Angola?

Resposta comentada

Como observamos, a geração Mensagem, surgida na década de 1940, foi caracterizada por autores que utilizavam a poesia como forma de expressão. Uma década depois, a geração Cultura utilizou-se do romance e do conto como formas de expressão na tentativa de conscientizar a população angolana da urgência da luta pela independência.

A maioria dos autores mais destacados dessas duas gerações de intelectuais seria presa na década de 1960, com o início da resistência armada. Nomes como Luandino Vieira e Agostinho Neto ficariam anos no cárcere e no exílio. Após a conquista da independência, objetivo final desse processo, esses autores ocupariam cargos de destaque no âmbito político angolano, em especial, Agostinho Neto, que seria eleito, em 1975, o primeiro presidente de Angola.

Resumo

Angola é um país localizado da costa ocidental da África. Sua composição étnica divide-se em aproximadamente dez etnias majoritárias.

Após a independência, a língua oficial adotada foi o português, no entanto, algumas línguas africanas faladas no país têm a denominação de língua nacional.

Até meados do século XIX, toda a cultura e a passagem de conhecimento das etnias pertencentes ao território angolano eram baseadas na oralidade. As primeiras expressões escritas surgem em meados do século XIX, tendo sido o jornalismo uma importante ferramenta para as primeiras manifestações escritas e para o surgimento de intelectuais e escritores na virada do século XIX para o XX.

Após a Conferência de Berlim (1881), surge a primeira geração crítica ao colonialismo, intitulada *Intelectuais de Angola*.

No início do século XX, as ideias nativistas influenciam os autores angolanos. Assis Júnior é o primeiro autor de destaque na literatura desse país. Influenciado pelo nativismo, será o autor do primeiro dicionário kimbundu-português. Nesse momento, a escrita passa a ter proeminência na sociedade culta angolana.

A partir da década de 1920, as ideias pan-africanistas também influenciarão os autores angolanos. Em 1929, por exemplo, na esteira desse contato com o pan-africanismo, a Liga Angolana, da qual Assis Júnior havia sido um dos fundadores, se transforma em Liga Nacional Africana.

Castro Soromenho, outro importante escritor angolano da primeira metade do século XX, adota uma escrita baseada no neorrealismo português para criticar o colonialismo em solo angolano.

Enquanto isso, em Portugal, a partir da década de 1930, o Estado Novo português intensifica a repressão aos movimentos insurgentes que se iniciavam no país, e tal repressão acaba por expandir-se para as chamadas colônias ultramarinas.

Na década seguinte (1940), havia uma clara disputa entre o discurso oficial do governo português e o discurso dos intelectuais angolanos. Eles eram opostos.

No fim da década de 1940, surge a revista literária *Mensagem*, com influentes autores em sua órbita. Na década de 1950, surge o jornal *Cultura*, revelando mais autores angolanos.

Em 1961, após protestos pela libertação de militantes presos, inicia-se a guerra pela libertação de Angola. A guerra pela independência acaba somente em 1974, quando o regime salazarista é derrubado em Portugal.

Em 1975, o governo português reconhece a independência do território angolano e, no mesmo ano, o poeta e médico Agostinho Neto, importante nome da geração Mensagem, é eleito o primeiro presidente da República de Angola.

Logo após a independência, o país cai em uma longa guerra civil, basicamente entre as etnias representadas pelo MPLA e pela Unita. Essa guerra dura até o ano de 2002, quando foi assinado um acordo de paz.

Aula 4

A cultura e a literatura em
Moçambique: período colonial

*Claudia Amorim
Christian Fischgold*

Meta

Apresentar o objeto de estudo da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, bem como o lugar específico em que esta literatura se desenvolve, no caso, Moçambique, considerando seus aspectos culturais, históricos e políticos.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar o desenvolvimento das relações políticas, sociais e culturais entre Moçambique e Portugal;
2. conhecer os primeiros movimentos e nomes importantes para o fazer literário no país.

Introdução

O propósito desta aula é apresentar as características históricas, culturais e literárias de Moçambique, país em cujo território os portugueses aportaram em 1498 e que conquistou a independência somente em 1975. Após o processo de independência, Moçambique adotou oficialmente a língua portuguesa, embora atualmente ela seja falada por apenas 10% da população do país.

A história de Moçambique encontra-se registrada em documentos desde o século X, quando um viajante árabe relatou haver no território uma importante atividade comercial entre algumas nações da região do Golfo Pérsico e os negros das terras de Sofala. Estas incluíam grande parte da costa norte e centro do atual Moçambique.



Sofala é uma província de Moçambique. Situa-se na região central do país, com uma longa costa, numa reentrância do canal de Moçambique. A sua capital é a cidade costeira da Beira.

Moçambique: breve história

No final do século XV, com o avanço das naus portuguesas pela costa oriental da África, a região foi objeto de atenção da Coroa de Portugal, por conta especialmente do comércio do ouro já existente no território. Os portugueses edificaram na região duas fortalezas: uma em 1505, em Sofala; e a segunda em 1507, na Ilha de Moçambique. Quando os portugueses aportaram em Moçambique, os árabes já estavam há muito no território e haviam fundado entrepostos comerciais na região. Além da fortaleza de Sofala, referida desde o século X, havia os entrepostos Quelimane, Angoche e a Ilha de Moçambique.

Durante os cinco séculos que permaneceram no local, os portugueses encontraram muita resistência por parte dos povos da região e essa ocupação não foi de modo algum pacífica. No entanto, o comércio do ouro e do marfim e, mais tarde, o comércio de escravos faziam valer para a Coroa portuguesa a empreitada.

No século XX, porém, Moçambique travou contra Portugal, seguindo o exemplo de Angola e da Guiné Portuguesa (atual Guiné Bissau), uma luta

pela independência. Após a conquista da independência, Moçambique mergulhou em uma guerra interna que durou cerca de 16 anos e arrasou o já combalido país, destruindo sua precária infraestrutura, sem contar o número de mortos resultante de uma disputa pelo poder impetrada pelas frentes que lutaram pela independência da nação.

Em 1992, com a assinatura do Acordo Geral de Paz entre o governo da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e a Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) – os dois principais movimentos políticos do país –, a guerra chegou ao fim, mas o saldo desse conflito bélico foi extremamente nocivo para a jovem nação.



A Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) é um partido político oficialmente fundado em 1962 (como movimento nacionalista), com o objetivo de lutar pela independência de Moçambique do domínio colonial português. Um dos fundadores e primeiro presidente do partido foi o antropólogo Eduardo Chivambo Mondlane (1920-1969). Ele foi assassinado por uma encomenda-bomba, o dia da sua morte é celebrado em Moçambique como o Dia dos Heróis Moçambicanos.

A Renamo (Resistência Nacional Moçambicana) é o segundo maior partido político de Moçambique. O seu atual presidente é Afonso Dhlakama. A Renamo foi fundada em 1975 após a independência de Moçambique como uma organização política anticomunista, patrocinada pela Organização Central de Inteligência da Rodésia. A formação do partido (ainda como grupo guerrilheiro de direita) se deu sob os auspícios do primeiro-ministro da Rodésia, Ian Smith, que procurava, por meio da Renamo, impedir que o governo da Frelimo fornecesse refúgio para a União Nacional Africana do Zimbábue, composta de militantes que buscavam derrubar o governo rodesiano.

Para melhor conhecermos Moçambique, uma das cinco ex-colônias portuguesas na África, será necessário primeiramente visualizar sua localização e extensão no continente africano.

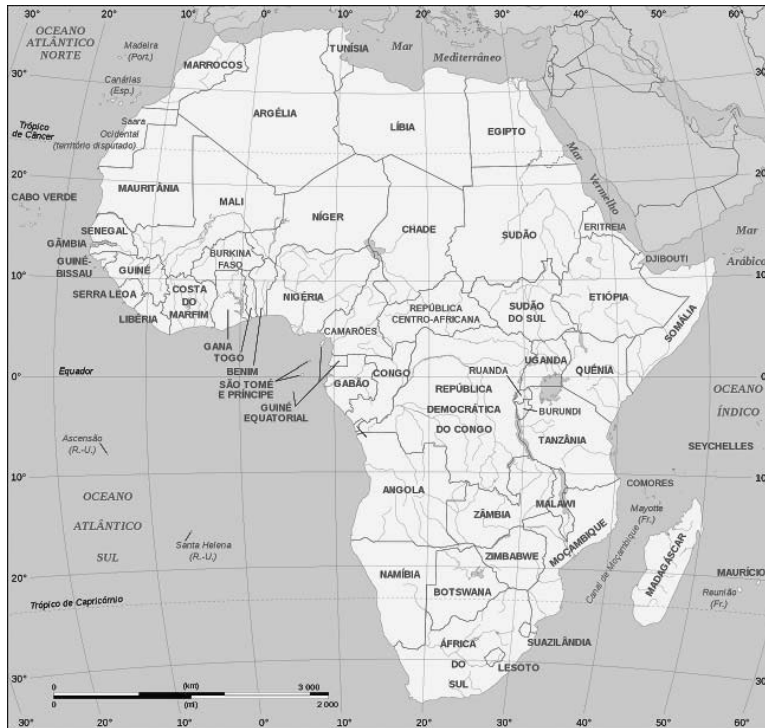


Figura 4.1: Mapa político da África.

Fonte: <http://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-africa/>



Figura 4.2: Divisão político-administrativa de Moçambique.

Fonte: http://denourapromundo.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html

Após a independência, em 1975, o país adotou oficialmente o português como idioma, embora existam muitas línguas nacionais como o cicopi, cinyamja, cinyungwe, cisenga, cishona, ciyao etc.

A realidade cultural de Moçambique é um exemplo de variedade etnolinguística. Salinas Portugal (1999), citando um estudo recente, fala da existência de nove grupos bantos na região que representam 99% da população moçambicana e que, sem dúvida, têm alguma das línguas desse grupo como língua materna (primeira língua).

Antes da chegada dos portugueses à região de Moçambique, havia um importante reino no local que administrava a extração de ouro e cobre das minas da região. Era o reino do Monomopata, que ocupava a região do Zimbábue, estendendo-se até a costa de Sofala e Moçambique. Na Ilha de Moçambique havia um xeque árabe, do qual pouco se sabe, cujo nome era Mussa Bem Mbiki ou Mussa A'l Bik, que deu origem ao nome da ilha (Moçambique) em que aportaram os portugueses e, depois, à região na costa oriental da África colonizada pelos lusos.



A Ilha de Moçambique é uma cidade insular que se liga ao continente atualmente por uma ponte de cerca de 3 km de comprimento. A ilha situa-se junto à Província de Nampula, localizada no norte do país, e foi a primeira capital de Moçambique. Em 1996, a Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) elegeu-a Patrimônio Mundial da Humanidade, pela rica história e pelo seu interessante patrimônio arquitetônico.



O Império Monomotapa despontou entre os séculos XV e XVIII, na região Sul do rio Zambeze, entre o planalto do Zimbábue e o oceano Índico. O território desse império corresponde ao território dos atuais Moçambique e Zimbábue.

Esse estado africano era extremamente poderoso, uma vez que controlava uma grande cadeia de minas e de metalurgia de fer-

ro e ouro, cujos produtos eram muito procurados por mercadores de outras regiões do mundo.

No início do século XVI, a Coroa portuguesa viu a importância da ocupação do litoral de Moçambique como ponto estratégico de apoio para as viagens à Índia. Com o estabelecimento do comércio com este país, a Ilha de Moçambique tornou-se um dos lugares de ancoragem para as naus que se perdiam ou ficavam danificadas pela longa viagem impetrada pelos navegantes. Na ilha, muitas vezes as naus aportavam para aguardar a monção (tempo favorável) para seguir viagem. Por conta dessas necessidades, a Coroa portuguesa construiu, na Ilha de Moçambique, uma fortaleza e um hospital.

A Ilha de Moçambique foi a primeira cidade importante da região, antes da instituição de Lourenço Marques como capital durante o período colonial, e para ela confluíram diferentes povos, anteriormente à dominação portuguesa. É possível verificar, não só na arquitetura e nas manifestações artísticas locais, a influência de vários povos que habitaram a ilha, como também na constituição física de seus habitantes. Pela ilha passaram e estabeleceram-se árabes, persas, indianos e chineses, além dos portugueses. Ainda hoje, encontram-se a mesquita e o **minarete** árabes, um templo islâmico, além de igrejas católicas e templos hindus. Segundo os biógrafos do poeta português **Luís Vaz de Camões**, também o poeta teria vivido por dois anos na ilha, depois de ter deixado Goa (Índia) em seu regresso a Portugal. Dizem os biógrafos e historiadores que, durante sua estada na ilha, Camões trabalhou em sua epopeia, *Os Lusíadas* (1572), refazendo alguns versos.



Figura 4.3: Imagem de um minarete ou uma almádena.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/-> http://pt.wikipedia.org/wiki/Minarete#mediaviewer/Ficheiro: Tower_of_the_Great_Mosque_of_Kairouan.JPG

Minarete

Torre de uma mesquita, local do qual o almuadem anuncia as cinco chamadas diárias à oração. O minarete, que também recebe o nome de almádena, é normalmente bastante alto se comparado às estruturas que o circundam. O objetivo dele é fazer com que a voz do muaddin, a pessoa que faz o chamado à oração, possa ser ouvida a grandes distâncias.

Luís Vaz de Camões (1524-1580)

Poeta português, considerado uma das maiores figuras da literatura em língua portuguesa e um dos grandes poetas do Ocidente. Escreveu, além de outras obras, o poema épico *Os Lusíadas* (1572).



Os Lusíadas é uma obra poética do escritor Luís Vaz de Camões, considerada a epopeia portuguesa por excelência. Provavelmente concluída em 1556, foi publicada pela primeira vez em 1572 no período literário do classicismo, três anos após o regresso do autor do Oriente. A ação central é a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, à volta da qual se vão descrevendo outros episódios da história de Portugal, glorificando o povo português.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Com base naquilo que você leu, assinale F para as declarações falsas e V para as declarações verdadeiras:

- () No final do século XV, com o avanço das naus portuguesas pela costa oriental da África, a região foi objeto de atenção da Coroa de Portugal, por conta especialmente do comércio do ouro já existente no território.
- () Durante os cinco séculos que permaneceram no local, os portugueses não encontraram muita resistência por parte dos povos da região e a ocupação foi pacífica.
- () O Acordo Geral de Paz entre o governo da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e a Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) foi assinado em 1992.

Resposta comentada

Como será que você respondeu? Neste primeiro momento, acredito que você já consiga responder corretamente sem nem retornar ao texto. A sequência que responde a atividade é V-F-V. Portugal avançou sobre a costa oriental da África no final do século XV, chegando à região onde hoje é Moçambique no ano de 1498. Durante os cinco séculos de ocupação

dos portugueses no local, houve muita resistência por parte dos inúmeros povos da região e, de modo algum, essa ocupação foi pacífica. Após a independência, em 1975, Moçambique mergulhou em uma longa guerra civil que durou 17 anos e foi responsável por milhares de mortes e um grande abalo político. Em 1992, foi assinado o Acordo Geral de Paz entre as duas maiores correntes políticas do país, pondo um fim à guerra civil.

A colonização portuguesa

Após a construção das fortalezas da Ilha de Moçambique em 1507 e de Sofala, ocorrida dois anos antes, os portugueses iniciaram movimentos de reconhecimento do interior da região, onde estabeleceram duas feitorias: Sena (1530) e Quelimane (1544). O escopo de adentrar o território já não era simplesmente o controle do escoamento do ouro, mas o de dominar o acesso às zonas que o produziam.

A essa incursão para o interior com fins comerciais, que será conhecida mais tarde como fase do ouro, seguiram-se duas fases de grande exploração mercantil: a fase do marfim e a fase dos escravos. O marfim e os escravos saíam da região através das **feitorias e prazos** da Coroa. Os prazos eram uma espécie de feudo com atividade comercial dirigidos por senhores locais. Embora fossem autônomos em relação às autoridades portuguesas, os senhores dos prazos reinavam sobre terras supostamente portuguesas e deviam à Coroa o pagamento de um foro. As feitorias e os prazos constituíram a forma inicial da colonização portuguesa em Moçambique.

No entanto, na primeira metade do século XIX, Moçambique não é mais do que um conjunto de feitorias isoladas, e a autoridade portuguesa se restringe às aldeias onde havia alguns poucos funcionários portugueses ou mestiços malremunerados, militares e representantes da administração das alfândegas que buscavam exercer o controle do comércio na colônia que já apresentava um déficit orçamentário significativo.

A exploração comercial continuava, mas o “comércio” negreiro já sofria restrições. Porém, mesmo com a abolição oficial da escravatura em 1836, muitos negros da região de Moçambique continuaram a ser levados para outras regiões. Na Ilha de Moçambique, onde desde o século XVII havia muitos negreiros estabelecidos, esse negócio já não era mais tão lucrativo, especialmente após a independência do Brasil. Durante o

Feitorias

Entrepósitos comerciais fortificados e instalados em zonas costeiras, que os portugueses construíram para centralizar e, assim, dominar o comércio dos produtores locais para o reino (e daí para a Europa). Funcionavam simultaneamente como mercado, armazém, ponto de apoio à navegação e alfândega. Eram governadas por um “feitor” encarregado de reger as trocas, negociar produtos em nome do rei e cobrar impostos. Facilmente abastecidas e defendidas por mar, as feitorias funcionavam como bases de colonização autônomas, que proporcionavam segurança e permitiram a Portugal dominar o comércio no Atlântico e no Índico, estabelecendo um vasto império com poucos recursos humanos e territoriais.

Prazos

Diferentemente das feitorias – chefiadas por portugueses –, os prazos tornaram-se mais africanos que portugueses. Os senhores dos prazos eram, em sua maioria, mestiços que oscilavam entre a fidelidade à Coroa e a dissidência. Alguns dos prazos, abastecidos de armas, eram o braço armado da Coroa; outros acabaram se transformando em principados guerreiros e ameaçavam o domínio português na região.

Tráfico negroiro

Transporte forçado de negros como escravos para as Américas e para outras colônias de países europeus durante o período colonialista.

Marc Ferrez (1843-1923)

Fotógrafo franco-brasileiro que retratou cenas dos períodos do Império e início da República, entre 1865 e 1918, sendo que seu trabalho é um dos mais importantes legados visuais daquelas épocas.

Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871)

Poeta brasileiro cuja poesia é marcada pelo combate à escravidão. O poema “O navio negroiro” é um texto fundamental do romantismo brasileiro. Trata-se de uma das grandes justificativas para a qualificação que acompanha Castro Alves até hoje: a de “poeta dos escravos”.

período áureo do **tráfico negroiro**, os negros da região do Zambeze e de Moçambique foram levados especialmente para as ilhas Mascarenhas e Madagáscar, para a região do golfo pérsico, para o Brasil e para Cuba. Os negros capturados em Moçambique eram principalmente da etnia banto e os que vieram para o Brasil desembarcaram, em sua maioria, em Pernambuco, Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Para ilustrar essa fase do comércio negroiro, selecionamos a única foto conhecida de um navio de escravos tirada em 1882, por **Marc Ferrez**, e um fragmento do poema do escritor brasileiro **Castro Alves**, intitulado “O navio negroiro”.



Figura 4.4: Navio francês com escravos à venda.

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=escravos+Marc+Ferrez&client=firefox-a&hs=XR&rls=org.mozilla:pt->

O navio negroiro

Castro Alves

I

‘Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar – dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.
‘Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
– Constelações do líquido tesouro...
‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
 Ao quente arfar das virações marinhas,
 Veleiro brigue corre à flor dos mares,
 Como roçam na vaga as andorinhas...
 Donde vem? onde vai? Das naus errantes
 Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
 Neste saara os corcéis o pó levantam,
 Galopam, voam, mas não deixam traço.
 Bem feliz quem ali pode nest'hora
 Sentir deste painel a majestade!
 Embaixo – o mar em cima – o firmamento...
 E no mar e no céu – a imensidade!
 Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
 Que música suave ao longe soa!
 Meu Deus! como é sublime um canto ardente Pelas vagas sem
 fim boiando à toa!
 Homens do mar! ó rudes marinheiros,
 Tostados pelo sol dos quatro mundos!
 Crianças que a procela acalentara
 No berço destes pélagos profundos!
 Esperai! esperai! deixai que eu beba
 Esta selvagem, livre poesia
 Orquestra – é o mar, que ruge pela proa,
 E o vento, que nas cordas assobia...
 [...]

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
 Desce mais... inda mais... não pode olhar humano
 Como o teu mergulhar no brigue voador!
 Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
 É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
 Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho.
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...
 Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras moças, mas nuas e espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!
 E ri-se a orquestra irônica, estridente...

E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...
Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri! No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...”
E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...
[...]

A exploração do território transcorreu continuamente, porém, foi somente em 1885, quando as principais potências europeias, na Conferência de Berlim, decidiram partilhar a África, que os portugueses, desistindo de seu intento de tomar posse do território intermediário entre Moçambique e Angola a fim de estabelecer uma comunicação por terra entre as duas colônias, resolveram ocupar militarmente o território moçambicano e instituir na região uma administração colonial que defendesse suas fronteiras ante a ameaça das intenções de ocupação dos outros países europeus.



Foram as explorações territoriais de Serpa Pinto (1878-1879) que deram à Coroa portuguesa a ideia de tentar, com a união das colônias de Angola e Moçambique, estabelecer na região um império único transafricano, mas a intenção portuguesa foi obstruída pela Coroa britânica.

Por conta da incapacidade de ocupar completamente o território, Portugal arrendou sua soberania sobre vastas extensões territoriais cedendo-as a grandes companhias. A Companhia de Moçambique e a Companhia de Niassa, as duas maiores em Moçambique, dedicaram-se a uma economia baseada em plantações no norte do país e no tráfego de mão de obra para países vizinhos. As províncias de Inhambane, Gaza e Maputo (parte sul de Moçambique) ficaram sob a administração direta de Portugal, e a economia da região se pautou na exportação de mão de obra para as minas da África do Sul e na instituição do transporte ferroportuário pelo porto Lourenço Marques (atual Maputo).

Mesmo com todas essas dificuldades, há, no século XIX, em Moçambique, uma imprensa incipiente e ligada às questões coloniais. Em 1857, circula o periódico *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Moçambique*, convertido praticamente um século depois (1951) no *Boletim Oficial da Colônia de Moçambique*. Outras publicações circularam durante o século XIX, mas nenhuma delas verdadeiramente importante do ponto de vista literário. São elas: o *Progresso* (1877-1881), *O Gato* (1880), *O Vigilante* (1882), *Clamor Africano* (1892), entre outros.

As publicações de maior relevância só ocorreram no século XX. Em 1909, os irmãos **José e João Albasini** fundam *O Africano* e, em 1918, *O Brado Africano*.



O Brado Africano foi um dos jornais mais marcantes e decisivos na verdadeira divulgação da poesia moçambicana. Publicado em Lourenço Marques (atual Maputo), apareceu no cenário jornalístico moçambicano em 1955 e terminou a sua atividade em 1958. Ao contrário de periódicos anteriores, que abriam as suas páginas a poetas, contistas e prosadores de diversas linhas de orientação, *O Brado Africano* agrupou poetas e escritores exclusivamente por afinidades e semelhanças de linhas ideológicas. Adquiriu grande importância cultural por reunir em seus suplementos literários a contribuição de grandes autores como Virgílio Lemos, Fonseca Amaral, Rui Noronha, Noemia Sousa, entre outros.

João Albasini e José Albasini

Pioneiros no desenvolvimento da imprensa moçambicana. João Albasini, especialmente, é considerado o primeiro jornalista de Moçambique. Criou os jornais *O Africano* e *O Brado Africano*.

Assim, algumas mudanças do ponto de vista da cultura e da estrutura social se fazem sentir apenas no início do século XX, quando Moçambique deixa de ser somente uma colônia de exploração para constituir-se também, pelo menos no centro e no sul, em uma colônia de povoamento. A colônia e especialmente a sua capital – Lourenço Marques (que após a independência receberia o nome de Maputo) ou a Pérola do Índico, como ficou conhecida entre os portugueses a partir dessa época – modificavam-se sensivelmente, e o norte do país, zona mais rural, ia se diferenciando cada vez mais do sul (zona mais urbanizada).

Desse modo, é somente no século XX, diferentemente do que acontecera em Angola, que se pode falar de uma literatura com características moçambicanas, de uma *moçambicanidade*. Como sublinha Francisco Salinas Portugal (1999), segundo todos os críticos, João Albasini (1925) com a obra *O livro da dor*, será o precursor de uma moçambicanidade literária na poesia. Da mesma maneira, na prosa, a obra *Godido e outros contos*, de João Dias, antecipa uma literatura própria de Moçambique. Rui de Noronha (1909-1943) é um outro poeta da primeira metade do século XX que apresentou, segundo Ferreira (1977), uma certa sensibilidade aos valores africanos, ao sofrimento e à injustiça sofrida pelos negros em sua labuta cotidiana.

===== **Atividade 2** =====

Atende ao objetivo 1

Assinale V para as afirmativas verdadeiras e F para as declarações falsas:

- () Dentre os itens explorados comercialmente por Portugal em Moçambique, estava a exploração do ouro, do marfim e dos escravos.
- () A exploração oficial do comércio negreiro aumentou na segunda metade do século XIX.
- () Na segunda metade do século XIX, surge uma literatura com características moçambicanas, as quais já podemos creditar uma *moçambicanidade*.

Resposta comentada

Mais uma atividade bem simples, não é? Apenas a última assertiva é verdadeira, as demais são falsas (V-F-F).

A exploração oficial do comércio negreiro não era uma atividade tão lucrativa como foi nos séculos passados e foi abolida em meados do século XIX. Quanto à literatura, é somente no século XX que se pode falar de uma literatura com características moçambicanas, de uma *moçambicanidade*.

A evolução da literatura moçambicana

Segundo o pesquisador português Pires Laranjeiras, a literatura moçambicana situa-se fundamentalmente em cinco períodos:

O 1º período (Insipiência) abrange a permanência dos portugueses até 1924. Diz-se período de insipiência devido à aparente inexistência de produção literária, cenário que se modifica com a introdução do prelo (antigo material tipográfico, para impressão de textos) no ano de 1854. Nesse período, sobressaem textos de Campos Oliveira. Vejamos o seguinte trecho do texto “O pescador de Moçambique”, escrito em 1874:

O pescador de Moçambique

Eu nasci em Moçambique,
de pais humildes provim,
a cor negra que eles tinham
é a cor que tenho em mim;
sou pescador desde a infância,
e no mar sempre vaguei;
a pesca me dá sustento,
nunca outro mister busquei.

Antes que o sol se levante
eis que junto à praia estou;
se ao repouso marco as horas
à preguiça não as dou;
em frágil casquinha leve,
sempre longe do meu lar,
ando entregue ao vento e às ondas
sem a morte recear.

Ter contínuo a vida em risco
é triste coisa – sei que é!
mas do mar não teme as iras
quem em Deus depõe a fé;
é pequena a recompensa

da vida custosa assim;
mas se a fome não me mata
que me importa o resto a mim?

Vou da Cabeceira às praias,
atravesso Mussuril,
traje embora o céu d'escuro,
u todo seja d'anil;
de Lumbo visito as águas
e assim vou até Sancul,
chego depois ao mar-alto
sobre o note ou ruja o sul.

Só à noite a casca atraco
para o corpo repousar,
e ao pé da mulher que estimo
ledas horas ir passar:
da mulher doces carícias
também quer o pescador,
pois d'esta vida os pesares
faz quase esquecer o amor!

Sou pescador desde a infância
e no mar sempre vaguei;
a pesca me dá sustento,
nunca outro mister busquei;
e enquanto tiver os braços,
a pá e a casquinha ali,
viverei sempre contente
neste lidar que escolhi!



José Pedro da Silva Campos Oliveira (1847-1911) foi um poeta e contista moçambicano.

António Rui de Noronha (1909-1943)

Poeta moçambicano, filho de um cidadão goês (Goa-Índia) e de uma princesa zulo de Durban, Natal. Publicou boa parte dos seus poemas entre 1932 e 1936, no jornal *O Brado Africano*.

O 2º período (Prelúdio) vai da publicação de *O livro da dor*, de João Albasini (1925), até o fim da II Guerra Mundial, incluindo, além dessa obra, os poemas dispersos de **Rui de Noronha** nos anos 1930, depois publicados, postumamente, em livro com o título *Sonetos* (1946), por ter sido o gênero mais cultivado por ele.

Nota-se, nesse autor, uma inovação, pelo fato de, pela primeira vez, um autor expressar-se “sem papas na língua” sobre os problemas do africano (moçambicano) para o africano. Tenhamos como exemplo o poema “Surge et ambula”:

Surge et Ambula

Rui de Noronha

Dormes! e o mundo marcha, ó pátria do mistério.
Dormes! e o mundo rola, o mundo vai seguindo...
O progresso caminha ao alto de um hemisfério
E tu dormes no outro o sono teu infinito...

A selva faz de ti sinistro eremitério
Onde sozinha à noite, a fera anda rugindo...
Lança-te o Tempo ao rosto estranho vitupério
E tu, ao Tempo alheia, ó África, dormindo...

Desperta! Já no alto adejam negros corvos
Ansiosos de cair e de beber aos sorvos
Teu sangue ainda quente em carne de sonâmbula.

Desperta! O teu dormir já foi mais que terreno
Ouve a voz do Progresso, este outro nazareno
Que a mão te estende e diz:
África, surge et ambula!

Rui de Noronha também trabalhou formas mais libertas de constrangimentos e versou temas relacionados a tradições nativas de Moçambique, como no caso do celebrado poema “Quenguelequêzê”. Nota-se também a inversão de certa mitologia propagandística da história colonial que Rui de Noronha operou poeticamente, desfazendo a versão de um Mouzinho de Albuquerque como herói destemido e de um Ngungunhane, imperador, derrotado, dominado e humilhado. Vejamos o poema “Pós da história”:

Pós da história

Rui de Noronha

Caiu serenamente o bravo Quêto
Os lábios a sorrir, direito o busto
Manhude que o seguiu mostrou ser preto
Morrendo como Quêto a rir sem custo.

Fez-se silêncio lúgubre, completo
no craal do vátua célebre e vetusto.
E o Gungunhana, em pé, sereno o aspecto,
Fitava os dois, o olhar heróico, augusto.

Então Impincazamo, a mãe do vátua,
Triunfando da altivez humana e fátua,
Aos pés do vencedor caiu chorando.

Oh dor de mãe sublime que se humilha!
Que o crime se não esquece à luz que brilha
Ó mães, nas vossas lágrimas gritando?

Após a Segunda Guerra Mundial, sem dúvida já se pode falar de um período de formação da literatura moçambicana. Segundo o professor Pires Laranjeira (1995), o 3º período (Formação), que vai de 1945/48 a 1963, caracteriza-se pela intensa formação da literatura moçambicana. Pela primeira vez, uma consciência grupal instala-se no seio dos escritores, tocados pelo neorrealismo que já se fazia sentir em Portugal e, a partir dos primeiros anos de 1950, pela Negritude – conceito que já vimos nas aulas passadas.

**Carolina
Noémia
Abranches de
Sousa Soares
(1926-2003)**

Poetisa e jornalista moçambicana. Entre 1951 e 1964 viveu em Lisboa, onde trabalhou como tradutora, mas, em consequência da sua posição política de oposição ao Estado Novo, teve de exilar-se em Paris, onde trabalhou no consulado de Marrocos. Em 2001, a Associação dos Escritores Moçambicanos publicou o livro *Sangue negro*, que reúne a poesia da autora escrita entre 1949 e 1951.

Para Pires Laranjeira, a poetisa **Noémia de Sousa** é um importante nome desse período de formação. Com o seu “Sangue negro”, Noémia de Sousa fala da mulher negra para além da denúncia, fugindo dos estereótipos da cultura/literatura colonial × cultura/literatura local, além de usar estilemas oralizantes, tão importantes na tradição cultural dos países africanos.

Sangue negro

Noémia de Sousa

Ó minha África misteriosa e natural,
Minha virgem violentada,
Minha mãe!
Como eu andava há tanto desterrada,
Distante e egocêntrica
Por estas ruas da cidade
Engravidadas de estrangeiros!
Minha Mãe, perdoa!
Como se eu pudesse viver assim,
Desta maneira, eternamente
Ignorando a carícia fraternamente
Morna do teu luar
(meu princípio e meu fim)...

Como se não existisse, para além
 Dos cinemas e dos cafés, a ansiedade
 Dos teus horizontes estranhos, por desvendar...
 Como se nos teus matos cacimbados
 Não cantassem em surdina a sua liberdade
 As aves mais belas, cujos nomes são mistérios ainda fechados!
 Como se teus filhos – régias estátuas sem par –,
 Altivos, em bronze talhados,
 Endurecidos no lume infernal
 Do teu sol causticante, tropical,
 Como se teus filhos intermeratos, sofrendo, lutando,
 À terra amarrados,
 Como escravos, trabalhando,
 Amando, cantando
 – Meus irmãos não fossem!
 Ó minha Mãe África, «ngoma» pagã,
 Escrava sensual,
 Mística, sortilêga, – perdoa,
 À tua filha tresvairada
 – Abre-te e perdoa!
 Que a força da sua seiva vence tudo!
 E nada mais foi preciso, que o feitiço ímpar
 Dos teus tantãs de guerra chamando,
 Dundundundun-tã-tã-dundundun-tã-tã,
 Nada mais que a loucura elementar
 Dos teus batuques bárbaros, terrivelmente belos...
 – Para que eu vibrasse
 – Para que eu gritasse
 – Para que eu sentisse, funda, no sangue, a tua voz, Mãe!
 E vencida, reconhecesse os nossos elos...
 E regressasse à minha origem milenar.
 Mãe, minha mãe África
 Das canções escravas ao luar,
 Não posso, não posso repudiar
 O sangue bárbaro que me legaste...
 Porque em mim, em minha alma, em meus nervos,
 Ele é mais forte que tudo,
 Eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, mãe!

Além de temas que tratavam da condição do negro e da negritude, a literatura produzida em Moçambique incorporava os aspectos da tradição cultural africana, como a **oratura** que resgata a dimensão “**griótica**” do texto africano. “[...] nas literaturas africanas (não só as de língua portuguesa) encontramos um uso extraordinário dos recursos da oralidade como técnica singularizante destas literaturas.” (PORTUGAL, 1999, p. 35).

Oratura

Nessas culturas de predomínio oral, compreende o emprego de provérbios, adivinhas, lendas e histórias transmitidas por meio de métodos mnemônicos que se utilizam de repetições ritmadas, a fim de perpetuar a memória coletiva através dos tempos e de gerações.

Griótico

Neologismo oriundo da palavra *griot*. O *griot* era o contador tradicional de histórias na África. Além da literatura oral (oratura), o *griot* detinha as funções de poeta, cantor e músico e, muitas vezes, exercia nos grupos sociais funções mágicas.

Rui Knopfli (1932-1997)

Poeta e jornalista moçambicano nascido em Inhambane. Sua estreia na literatura deu-se com o livro *O país dos outros* (1959). Lançou os dois cadernos de poesia *Caliban* (1971-1972). Trabalhou como adido de imprensa na delegação portuguesa à Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque (1974), onde participou dos trabalhos da Comissão de Descolonização. Publicou ainda *Memória consentida* (1982) e em 1984 recebeu o prêmio de poesia do Pen Clube.

Outros escritores importantes dessa época são: Fonseca Amaral, Orlando Mendes, Virgílio de Lemos, Rui Guerra, Alberto Lacerda, Reinaldo Ferreira, Domingos de Azevedo, Augusto dos Santos Abranches, Cordeiro de Brito, **Rui Knopfli** e José Craveirinha, esse último, sem dúvida, o poeta nacional por excelência.

A década de 1950 foi decisiva para todas as colônias portuguesas na África. Foi um período em que a condição dos povos africanos alcançou dimensão mundial. Muitas colônias iniciaram seu processo de independência, conquistando-a seguidamente, em especial as colônias francesas e inglesas. As lutas dos negros norte-americanos contra o racismo nos Estados Unidos da América ganharam o mundo, e escritores negros, especialmente poetas, divulgaram em suas obras a cultura negra. Além disso, há uma ampla difusão das ideias do movimento da Negritude, criado em fins da década de 1930 por Aimé Césaire, Leopold Senghor e León Damas. Na esteira dessa efervescência política e cultural da década de 1950, as movimentações pela independência ganham força na chamada África Negra.

Somando-se a isso, a situação nas colônias se agrava diante da política ditatorial de Salazar. A exemplo do que acontecera em Angola, Salazar instituiu o trabalho forçado em Moçambique, com a introdução das colheitas mercantis como o algodão e o arroz, obrigando todos os homens acima de 15 anos a trabalhar nas plantações públicas ou de propriedade dos grandes colonialistas durante a metade do ano. Em 1960, em Moçambique, mais de 800 mil pessoas eram submetidas ao trabalho forçado nas obras públicas e nas plantações de algodão. As manifestações contra o regime salazarista cresceram nas colônias, mas foram duramente reprimidas. Abria-se o espaço para a criação de movimentos nacionalistas, impulsionados pelo apoio dos países vizinhos.

Em meados dos anos 1950, organizou-se a PAIGC (Partido Africano pela Independência da Guiné e de Cabo Verde), liderado por Amílcar Cabral, e o MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola), com o apoio do poeta angolano Agostinho Neto, preso pelo regime salazarista na ilha de Tarrafal (Açores). Muitos dos membros desses movimentos são poetas e intelectuais africanos que participaram ativamente do processo de luta armada, que teve início em 1961, em Angola, e se disseminou também pelas colônias da Guiné Portuguesa e por Moçambique.

Em 1962, quando a Guerra Colonial já havia iniciado em Angola, foi criada em Moçambique a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), dirigida por Eduardo Chivambo Mondlane. Dois anos mais tarde, Moçambique aderiu à luta armada contra Portugal e essa guerra se estendeu

até 1974, quando em Portugal a Revolução dos Cravos derrubou o regime de Antonio de Oliveira Salazar/Marcello Caetano que havia dirigido com mão de ferro não só o país, mas todas as “províncias do ultramar”.

Eduardo Mondlane acabou sendo assassinado em 1969, e Samora Machel, que o sucedeu na presidência da Frelimo, proclamou a independência de Moçambique a 25 de junho de 1975, após dez anos de guerra.

Em relação à literatura, segundo Pires Laranjeira, o 4º período (Desenvolvimento) prolonga-se de 1964 até 1975, o que significa que acontece entre o início da luta armada de libertação nacional e a independência do país. Para o estudioso, esse período caracteriza-se pela coexistência de uma intensa atividade cultural e literária nas zonas suburbanas, apresentando textos marcadamente políticos e que tematizavam a luta armada.

Do início da guerra de libertação até a independência, a literatura moçambicana ampliava sua existência. Apareceram os prosistas, que foram uma espécie de divisor de águas na literatura do país. Os poetas e escritores da geração anterior continuaram a produzir, mas a ficção ganhou força com autores como Luís Bernardo Honwana e Orlando Mendes. Em 1971, são publicados os cadernos *Caliban* (1971/1972) que só tiveram três números e foram dirigidos por Garabato Dias (pseudônimo de António Quadros) e Rui Knopfli. Nesses números, colaboraram diferentes autores moçambicanos e portugueses como Eugénio Lisboa, Jorge de Sena, Jorge Viegas, Glória de Santana, Craveirinha, Orlando Mendes, Rui Nogar, Herbeto Helder, Fernando Assis Pacheco, entre outros. Nesses cadernos, já se encontravam uma vocação cosmopolita e uma complexidade na abordagem das relações sociais em Moçambique.

Finalmente, o 5º período, entre 1975 e 1992, intitulado *Consolidação*, por Pires Laranjeira, é caracterizado como um período em que não há mais dúvidas quanto à autonomia e extensão da literatura moçambicana. Após a independência, durante algum tempo (1975-1982), assistiu-se sobretudo à divulgação de textos que tinham ficado dispersos. O livro típico, até pelo título sugestivo, foi *Silêncio escancarado* (1982), de Rui Nogar (1935-1993), aliás o primeiro e único que publicou em vida. Outro tipo de texto que marca esse período é o de exaltação patriótica, do culto dos heróis da luta de libertação nacional e de temas marcadamente doutrinários, militantes ou empenhados, no tempo da independência. Sobre esse período falaremos mais detalhadamente em aulas posteriores.



Assista ao filme *Tabu*, do português Miguel Gomes, em que uma idosa temperamental, a sua empregada cabo-verdiana e uma vizinha dedicada a causas sociais partilham o andar num prédio em Lisboa. Quando a primeira morre, as outras duas passam a conhecer um episódio do seu passado: uma história de amor e crime passada numa África de filme de aventuras.

Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=5hqL7ZT6yYA>.

Conclusão

Moçambique é um país bastante diversificado em sua cultura. Com influência árabe, indiana, portuguesa, além da composição das diversas etnias africanas, a diversidade cultural de Moçambique é notória. Como aconteceu com Angola, o país recebeu uma atenção especial da metrópole apenas no século XIX, quando Portugal perdeu o Brasil. A exploração da ex-colônia, contudo, foi sistemática e, no final do século XIX, a Conferência de Berlim pôs fim aos planos portugueses de estabelecer uma ligação por terra entre as suas principais colônias na África, ocupando também o território africano situado entre os dois países.

Malgrado a exploração sistemática, uma certa intelectualidade moçambicana se afirmava em fins do século XIX, a exemplo do que ocorrera com Angola. Contudo, a expressão de uma *moçambicanidade* só será possível em meados do século XX. De lá para cá, e após o processo de independência, vários poetas e prosistas moçambicanos têm dado visibilidade à cultura de seu país, alguns dos quais com obras de alcance mundial.

Atividade final

Atende ao objetivo 2

1. Segundo o professor português Pires Laranjeira, podemos dividir a literatura moçambicana em quantas fases e quais são elas?

2. Em qual dessas fases já se pode falar de uma literatura efetivamente moçambicana? E por quê?

3. Que característica literária marca as obras dos autores considerados “divisores de água” na literatura moçambicana na década de 1960?

Resposta comentada

Segundo o professor português Pires Laranjeira, podemos entender a evolução da literatura moçambicana em 5 fases. São elas: Insipiência, Prelúdio, Formação, Desenvolvimento e Consolidação.

Ainda segundo o autor, é na terceira fase – Formação –, iniciada após a Segunda Guerra Mundial, que já se pode falar em uma literatura com traços de uma *moçambicanidade*, uma vez que, pela primeira vez, uma consciência grupal instalou-se nos escritores, tocados pelo neorrealismo que já se fazia sentir em Portugal e, a partir dos primeiros anos de 1950, pelo movimento da Negritude.

A partir da década de 1960, assim como já havia acontecido em Angola, há o surgimento vigoroso de uma nova corrente literária, a dos prosistas. Os poetas e escritores da geração anterior continuaram a produzir, mas a ficção ganhou força com o surgimento de importantes nomes desse segmento.

Resumo

Moçambique é um país localizado na costa oriental da África. Após o processo de independência, adotou oficialmente a língua portuguesa, embora atualmente ela seja falada por apenas 10% da população do país.

No final do século XV, com o avanço das naus portuguesas pela costa oriental da África, a região foi objeto de atenção da Coroa de Portugal, por conta do comércio do ouro e do marfim. Mais tarde, foi considerada pela Coroa como

um importante polo para o comércio de escravos. Durante os cinco séculos em que permaneceram na região, os portugueses encontraram muita resistência por parte dos povos locais. Porém é somente no século XX que Moçambique travou uma luta pela independência contra Portugal, seguindo o exemplo de Angola e da Guiné Portuguesa (atual Guiné Bissau). Após a conquista da independência, Moçambique mergulhou em uma guerra interna que durou cerca de 16 anos. Em 1992, com a assinatura do Acordo Geral de Paz entre o governo da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e a Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) – os dois principais movimentos políticos do país –, a guerra chegou ao fim.

A Ilha de Moçambique foi a primeira cidade importante da região, antes da instituição de Lourenço Marques (atual Maputo) como capital durante o período colonial. Na primeira metade do século XIX, Moçambique não é mais do que um conjunto de feitorias isoladas, e a autoridade portuguesa restringe-se às aldeias onde havia alguns poucos funcionários portugueses.

Moçambique forneceu muitos escravos para o continente americano. Mesmo após a abolição oficial da escravatura, em 1836, muitos negros de Moçambique continuaram a ser levados para outras regiões. Os negros capturados e comercializados no tráfico de escravos eram principalmente da etnia banto, e os que vieram para o Brasil desembarcaram, em sua maioria, em Pernambuco, Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Apesar da pauperidade da colônia, explorada pelo colonizador, no século XIX, em Moçambique, começa a surgir uma imprensa incipiente, ligada às questões coloniais. Em 1857, por exemplo, circula o periódico *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Moçambique*, convertido praticamente um século depois (1951) no *Boletim Oficial da Colônia de Moçambique*.

Em termos literários, as publicações de maior relevância só ocorreram no século XX, quando, em 1909, os irmãos José e João Albasini fundam *O Africano* e, em 1918, *O Brado Africano*. Segundo o pesquisador português Pires Laranjeiras, a literatura moçambicana divide-se fundamentalmente em cinco períodos: O 1º período intitula-se Inspiência, o 2º período, Prelúdio, o 3º, Formação, o 4º, Desenvolvimento e o 5º, Consolidação.

Aula 5

A cultura e a literatura em Guiné-Bissau:
Guiné Portuguesa no período colonial

*Claudia Amorim
Christian Fischgold*

Meta

Apresentar o objeto de estudo da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, bem como o lugar específico em que essa literatura se desenvolve, no caso, Guiné-Bissau, considerando seus aspectos culturais, históricos e políticos.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o desenvolvimento das relações políticas, sociais e culturais na Guiné-Bissau;
2. identificar as origens e a constituição da literatura guineense;
3. conhecer a produção da literatura colonial guineense.

Introdução

O objetivo deste capítulo é apresentar as características históricas, culturais e literárias da Guiné-Bissau, território africano colonizado por Portugal no século XV e tornado independente a partir de 1975. Após a independência, essa ex-colônia adotou oficialmente a língua portuguesa, mas quase todos os cidadãos da Guiné-Bissau falam, paralelamente ao português, um **crioulo** como língua materna.

O território da Guiné-Bissau, que foi colonizado com o nome de Guiné Portuguesa, localiza-se na costa ocidental da África e foi “descoberto” pelos portugueses no século XV. A partir dessa época, fez parte do chamado *Império Colonial Português* até 1975, quando a Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal, pôs fim ao domínio imperial dos portugueses na África.

Essa revolução foi consequência, entre outras coisas, da guerra colonial que, desde 1961, mobilizou três das colônias africanas portuguesas – Angola, Guiné Portuguesa e Moçambique – contra a ditadura de António de Oliveira Salazar e Marcello Caetano. Os arquipélagos de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe não participaram diretamente dos conflitos armados, tentando, por via diplomática, sua independência. No entanto, muitos cabo-verdianos e santomenses se deslocaram até os territórios em guerra no continente africano para reforçar a luta dos povos locais.

Crioulo

Língua materna das regiões colonizadas, tendo evoluído do *pidgin*, uma espécie de sistema verbal com que dois povos não usuários de um idioma comum se comunicam. O *pidgin* nasce geralmente da necessidade de uma comunicação comercial e, quando alcança a condição de língua materna de um grupo de indivíduos, torna-se um crioulo.



António de Oliveira Salazar assumiu em Portugal a Pasta das Finanças e das Colônias em 1928, dois anos após o golpe militar que derrubou a República, e deixou o cargo de Presidente do Conselho de Ministros somente em 1968, sendo substituído nessa função por Marcello Caetano, que ficou no posto até a Revolução dos Cravos, ocorrida no dia 25 de abril de 1974.

A seguir, no mapa da África, podemos visualizar esses territórios e perceber como foram estratégicos às naus portuguesas que avançaram pelo oceano Atlântico em direção ao sul.

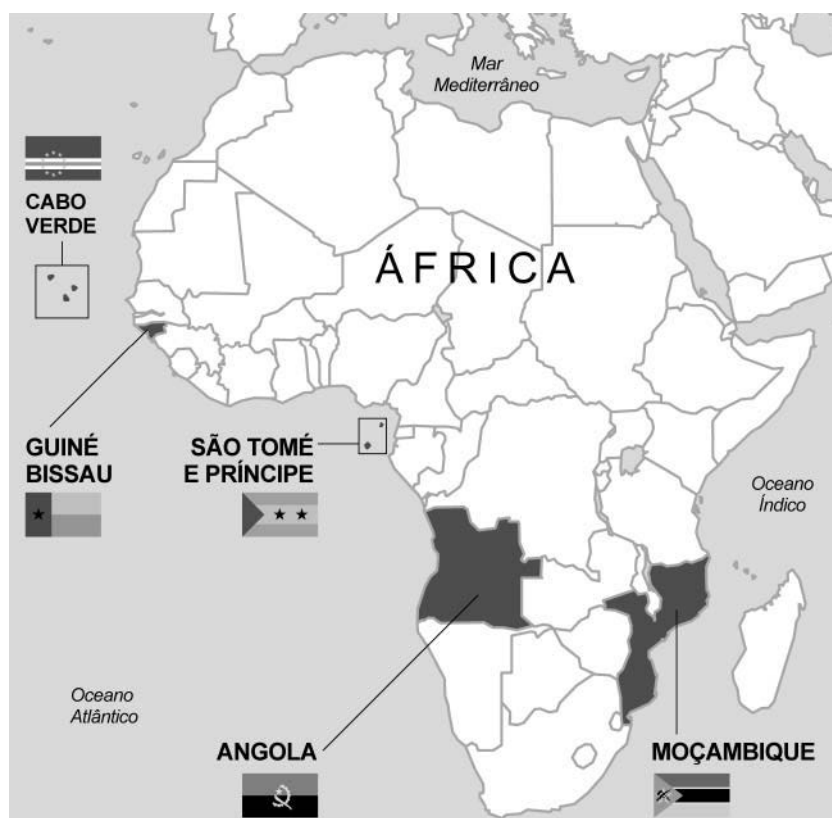


Figura 5.1: Mapa político da África.

Fonte: <https://mosanblog.files.wordpress.com/2010/08/mapa-africa-lusofonos.png>

Nos séculos seguintes aos “descobrimentos”, a Coroa portuguesa explorou os territórios ocupados de modo mais ou menos similar, mas cada um desses territórios apresentou também as suas particularidades.

Para conhecermos melhor e de forma específica a Guiné-Bissau, passaremos a mostrar as características históricas, culturais e literárias dessa colônia portuguesa em solo africano.

Guiné-Bissau: breve história

O território da Guiné-Bissau, no ocidente da África, com suas fronteiras atuais, tem hoje aproximadamente 36.125 quilômetros quadrados e, em 2005, segundo a página oficial do governo da Guiné-Bissau,

possuía cerca de 1.442.029 habitantes. Porém, antes da chegada dos colonizadores, ela era parte de uma extensa região conhecida como *Terra da Guiné*, pertencente ao Reino de Mali. Em 1446, os portugueses aportaram na região e a nomearam *Guiné Portuguesa*. Embora seu litoral tenha sido explorado desde essa época, somente em 1630 estabeleceu-se no território a *Capitania Geral da Guiné Portuguesa*, que visava à administração da região, embora a colônia continuasse administrativamente ligada às ilhas de Cabo Verde (AMORIM; PALADINO, 2010, p. 37).

A vila de Bissau, fundada em 1697 pelos portugueses, foi a primeira povoação importante após a chegada do colonizador. Essa fundação deu-se em consequência da ameaça de ocupação da região, especialmente por parte dos franceses e ingleses. Gradativamente, Bissau cresceu e se constituiu, pela sua localização, em um importante posto fornecedor de escravos, especialmente para o continente americano, nos séculos seguintes.

No século XIX, com a abolição da escravatura, a colônia, sem qualquer recurso para sua sobrevivência material, passou por uma crise econômica e, para sair dela, a Coroa portuguesa investiu na produção de novas culturas, como a da borracha e a da mancarra (amendoim).

As condições extremamente pobres da região fizeram com que os povos locais se rebelassem contra o governo português, que reagiu imediatamente, enviando militares à Guiné para sufocar as revoltas populares. Para inibir os conflitos, o governo incentivou a exploração agrícola da região por parte de colonos portugueses ou de seus descendentes, que iniciaram a produção de mancarra (AMORIM; PALADINO, 2010, p. 38).

No início do século XX, novos conflitos opuseram os nativos à administração portuguesa. As forças coloniais reprimiram fortemente as rebeliões locais, objetivando eliminar os africanos mais combativos e impor o pagamento de impostos à administração colonial, a fim de controlar os recursos econômicos no território.

Essa situação conflituosa entre a metrópole e a ex-colônia se abrandou relativamente nas primeiras décadas do século XX, mas, em meados desse mesmo século, recrudesce, quando as lutas pela independência ganham força nas colônias portuguesas.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Com base naquilo que você leu, assinale a alternativa correta:

1. Qual o motivo pelo qual a Coroa portuguesa fundou uma vila na região da Guiné no ano de 1697?
 - a) a procura por ouro.
 - b) a produção de borracha.
 - c) a ameaça de ocupação da região por outras potências europeias.
2. No século XIX, a região da Guiné passou por uma profunda crise econômica e investiu na produção de novas culturas para sair dela. Um dos fatores que provocou essa crise foi:
 - a) a escassez de matéria-prima para a exploração do ouro.
 - b) o entrave comercial entre os países europeus.
 - c) a abolição da escravidão.
3. No século XIX, as condições extremamente pobres da Guiné fizeram com que os povos locais se rebelassem contra o governo português. De que forma o governo reagiu a essa rebelião?
 - a) Chamando os rebelados para conversar.
 - b) Enviando militares para a região no intuito de sufocar as rebeliões.
 - c) Enviando recursos para os rebelados.

Resposta comentada

Como será que você respondeu? Provavelmente conseguiu acertar sem nem retornar ao texto. A sequência que responde à atividade é C-C-B.

1. Como vimos, as colônias portuguesas em território africano tinham, inicialmente, o objetivo de serem bases comerciais. O motivo pelo qual a Coroa portuguesa fundou uma vila na região da Guiné foi a ameaça constante de outras potências estrangeiras que buscavam invadir e ocupar os territórios colonizados por Portugal.
2. No século XIX, uma grave crise econômica se abateu sobre a Guiné. Essa crise fez com que a colônia tivesse de investir e diversificar seus

produtos, passando a produzir bens como a borracha e a mancarra. Outro fator importante para a crise foi a abolição da escravatura, que acabou com um “comércio” rentável que sustentava, em parte, a economia da região.

3. Essa crise econômica explicitará a miséria a que boa parte da população estava relegada. Isso gerou rebeliões e intensos conflitos entre os povos locais e o governo português, que não demorou a enviar militares para conter e sufocar os revoltosos. Esse período de intensas rebeliões vai do fim do século XIX até a segunda década do século XX.

Sociedade e cultura na Guiné-Bissau

Resultado de correntes migratórias vindas do Sudão e do Gabu, o território da Guiné-Bissau é marcado pela sua diversidade étnica e linguística, ajuntando um total de 25 grupos linguísticos.

Os três principais grupos étnicos do território são os **balantas**, os **fulas** (ou futas) e os **mandingas**. Para além desses três grandes grupos, é de se destacar ainda a presença dos grupos manjaco, papel, macanha/brame, beafada, bijagós e nalú, quantificando um total de 52.8% da população.

Os fulas (ou futas) formam o segundo maior grupo do país. São agricultores sedentários. Numa primeira fase da colonização, mantinham uma relação de cooperação com as autoridades coloniais, o que veio a se alterar com a introdução do pagamento de taxas.

A emigração cabo-verdiana para o território guineense ao longo de quatro séculos foi uma das marcas da constituição da diversidade populacional do país. As razões que levaram os cabo-verdianos a escolher a Guiné como país de destino estavam assentes em uma série de fatores, dos quais destacamos a pobreza das ilhas marcada pelas secas e pela fome, as limitadas oportunidades de emprego que o arquipélago oferecia, a sua proximidade e a comunicação facilitada pela língua crioula.

A presença cabo-verdiana no atual território guineense pode ser dividida em três períodos. O primeiro decorre entre 1466, data da chegada portuguesa ao local, e 1879, altura em que a Guiné se torna independente da administração de Cabo Verde. Durante esse período, a presença cabo-verdiana e portuguesa na região caracterizou-se pelo desenvolvimento pacífico de uma rede comercial, sem tentar submeter os seus clientes e fornecedores africanos ao bom desenvolvimento dos negócios.

Balantas

Constituem o maior grupo étnico da Guiné-Bissau. Composto por agricultores e criadores de gado, o grupo caracteriza-se pela sua resistência, pela capacidade de viver em comunidade e pelo desenvolvimento de um estilo de vida baseado na independência e liberdade.

Fulas (ou futas)

Formam o segundo maior grupo do país. São agricultores sedentários. Numa primeira fase da colonização, mantinham uma relação de cooperação com as autoridades coloniais, o que veio a se alterar com a introdução do pagamento de taxas.

Mandingas

Terceiro grupo do país, constituem um subgrupo dos fulas, uma vez que o contato com estes possibilitou a sua integração. Animistas de origem, manifestam, no entanto, práticas islâmicas também provenientes dos fulas.

No segundo período, situado entre 1879 e 1911, o território guineense, apesar de ter deixado de ser administrado pelo governo de Cabo Verde, é ainda uma colônia de cabo-verdianos, ou melhor, de certos cabo-verdianos, que ocupam os principais cargos administrativos da Guiné.

A desanexação da Guiné-Bissau da administração cabo-verdiana, em 1879, comprometeu seriamente a posição de Portugal no território, uma vez que essa Guiné, apesar do nome, não era portuguesa, mas também já não era da responsabilidade de Cabo Verde. Seguiu-se um período de conflitos entre portugueses e africanos (1879-1936), somando um total de, no mínimo, 81 campanhas, operações secundárias e encontros pontuais. A principal razão desses conflitos foi a ocupação portuguesa no território e as consequentes imposições administrativas e fiscais.

Esse clima de resistência abrandou-se relativamente durante o regime do Estado Novo, para ser reanimado na década de 1950 com a emergência dos primeiros movimentos nacionalistas na Guiné, que projetavam um caráter mais revolucionário.

A presença cabo-verdiana na administração guineense se prolongou até a independência. A falta de interesse da população portuguesa em emigrar para o território levou o Estado português a contratar os cabo-verdianos escolarizados para preencher os postos de administração pública devido à inexistência de recursos humanos no território guineense, em razão do fraco investimento em estruturas escolares essenciais para o seu desenvolvimento.

Em meados do século XX, a Guiné Portuguesa amargou uma situação de extrema pobreza, com um grande índice de analfabetos. Nessa mesma época, as ideias independentistas se difundiram especialmente nos meios urbanos. A difusão dessas ideias e a independência de outros países da África, colonizados por outras nações europeias, estimularam a fundação, em 1956, do PAIGC, partido criado por Amílcar Cabral (1924-1973). Em suas constantes viagens a Cabo Verde, Guiné e Portugal, onde se graduou em agronomia, Amílcar Cabral tomou contato com os poetas, escritores e estudantes dos outros países africanos colonizados por Portugal. Desse contato, nascerá mais adiante um processo de luta dos países africanos lusófonos pela independência (AMORIM; PALADINO, 2010, p. 38).

Devido às condições socioculturais da Guiné-Bissau, a literatura guineense só floresceu muito tardiamente em relação às literaturas das outras colônias portuguesas na África.

Atividade 2

Atende ao objetivo 1

1. Cite as três principais etnias que compõem a sociedade guineense.

2. A emigração de cabo-verdianos para o território guineense deve-se a alguns fatores. Cite dois desses fatores, responsáveis pela grande interação entre as populações de Cabo Verde e da Guiné.

3. Após a desanexação entre a Guiné e a administração cabo-verdiana nas últimas décadas do século XIX, houve uma série de conflitos entre portugueses e africanos, no período de 1879 a 1936. Qual a principal razão desses conflitos e o que viria a abrandá-los na década de 1930?

Resposta comentada

1. Apesar da pequena extensão de seu território, vimos que a sociedade guineense é composta por um grande número de grupos linguísticos distintos. Entre eles, três grupos étnicos são majoritários no território da Guiné: os balantas, os futas e os mandingas. Esses grupos se formaram a partir da emigração de outros grupos no decorrer dos séculos passados.

2. Um traço importante da população guineense é sua ligação histórica com a população de Cabo Verde. São múltiplos os fatores que levaram os cabo-verdianos a emigrarem para a Guiné, dentre os quais podemos destacar a pobreza das ilhas, marcada pela seca e pela fome, as crises econômicas que diminuía as oportunidades de emprego no arquipélago, o fato de terem uma língua em comum – o crioulo – e, obviamente, a proximidade entre os territórios.

3. Para além desses motivos, há também o fato de que o território da Guiné era administrado pelo governo de Cabo Verde até 1879, quando foi desanexado. Essa desanexação, vinda na esteira de uma grave crise econômica, foi seguida de um período de intensos conflitos, que se estenderiam por algumas décadas, mais especificamente até meados da

década de 1920, quando houve a ascensão do Estado Novo em Portugal. A instauração do regime militar acalmaria por algum tempo os sentimentos de revolta que começavam a emergir no seio da sociedade guineense.

A literatura na Guiné-Bissau

De todas as antigas ex-colônias portuguesas em solo africano, a Guiné-Bissau é o país cuja produção literária se desenvolveu mais tardiamente. Podemos creditar esse atraso às condições socioculturais do país, distintas das outras ex-colônias. Um dos fatores comumente lembrados por pesquisadores é o fato de a Guiné ter sido uma colônia de exploração, e não de povoamento, tendo estado por um longo período sob a tutela do governo geral de Cabo Verde. Esse parece ter sido um fator decisivo para que não houvesse, mesmo na capital Bissau, as condições necessárias para uma produção literária e artística.

Como explicar a inexistência de uma literatura escrita significativa na Guiné, quando, relativamente a Cabo Verde, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe, já se encontram definidas literaturas no período pré-independência? O problema já foi estudado por Manuel Ferreira. Assim, convém, antes de mais, lembrar que, enquanto Angola e Moçambique eram colônias de povoamento, a Guiné era uma colônia de comércio.

[...] Amílcar Cabral afirmou, em 1972, numa reunião da Unesco, que, com relação à educação, a percentagem máxima de assimilados era de 0,3% da população total da Guiné-Bissau. [...]. Mais claro dos propósitos ‘civilizadores’ da potência colonial não se podia encontrar (LARANJEIRA, 1995).

Para além desse fator, a política educativa colonial foi restritiva e tardia. Segundo o livro *Uma luta, um partido, dois países*, escrito por Aristides Pereira, a primeira escola de ensino secundário só seria aberta em 1958, enquanto em Cabo Verde o primeiro liceu foi inaugurado quase um século antes, em 1860. Portanto, o acesso ao ensino na Guiné-Bissau era bastante restrito, estando dele excluída a maioria da população abrangida pelo Estatuto do Indigenato (99,7% em 1961).



Aristides Pereira (1923-2011) foi o primeiro presidente da República de Cabo Verde, ocupando o cargo logo após a independência (1975) e permanecendo até 1991. Neste ano, após as eleições democráticas, o político perdeu a presidência para Antônio Mascarenhas Monteiro. A partir da década de 1940, Aristides Pereira envolveu-se na luta pela independência de Cabo Verde, na qual, juntamente com Amílcar Cabral, fundou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC.



O Estatuto do Indigenato restringia o acesso dos guineenses à escola e teve várias modificações desde a separação, em 1917, entre “indígenas” e “não indígenas”. Foi sancionado em sua forma definitiva em 1954 e teve sua validade findada somente em 1961.

Outro fator de diferenciação entre a Guiné-Bissau e as outras colônias portuguesas, e que explica, em parte, o surgimento tardio da escrita em solo guineense, foi a criação do jornalismo oficial na Guiné apenas em 1879, enquanto nas demais colônias esse avanço havia sido instalado entre os anos 1842 e 1857. Os Boletins Oficiais, que possuíam seções reservadas a colaborações literárias, só apareceram em 1880, em razão de que, entre 1843 (data em que apareceram os boletins nas outras colônias) e 1879, havia um boletim comum a Guiné e Cabo Verde.

As fases da literatura de Guiné-Bissau

Os primeiros textos produzidos em território guineense tiveram lugar na primeira metade do século XX. Em 1930, é editado o primeiro jornal dirigido por um guineense. Trata-se de *O Comércio da Guiné*, editado por Juvenal Cabral, pai de Amílcar Cabral, com colaborações de Fausto

Duarte e João Augusto da Silva. O professor Pires Laranjeira, em seu livro *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, destaca a importância dessa geração para o surgimento de uma literatura de motivação guineense.

O Comércio da Guiné conseguiu congrega um núcleo de guineenses que já começavam a nomear diferenças, a formular críticas e a preocupar-se com o destino das populações nativas, forçando, de certa maneira, os limites que o poder colonial lhes impunha. Pode dizer-se que desse grupo saíram os primeiros produtores de uma literatura de motivação guineense. Dentre eles, destacam-se o romancista Fausto Duarte e os contistas João Augusto da Silva e Artur Augusto da Silva (LARANJEIRA, 1995).

Os estudiosos distinguem quatro fases dessa literatura em função de seu conteúdo. Uma primeira fase anterior a 1945, uma segunda entre 1945 e 1970, outra entre 1970 e o fim dos anos 1980, e a última a partir dos anos 1990.

O fato de a Guiné ter estado ligada administrativamente a Cabo Verde durante um longo período fez com que os primeiros registros literários fossem produzidos por escritores que se estabeleceram e viveram muitos anos em território guineense, mas tendo origem cabo-verdiana.

Um dos primeiros nomes reconhecidos da literatura da Guiné foi Fausto Duarte, destacando-se como romancista em um período no qual predominavam os textos históricos. Além de Duarte, tiveram importância Juvenal Cabral – pai de Amílcar Cabral – e Fernando Pais Figueiredo, ambos ensaístas; Fernanda de Castro, cuja obra retrata as mudanças sociais da época, além de Maria Archer e João Augusto Silva. A maioria desses escritores e ensaístas colaborava no periódico *O Comércio da Guiné*.

Fausto Duarte (1903-1955) foi repórter e colunista na cidade de Bissau, que já era capital comercial da colônia. Ele também participou da primeira Exposição Colonial de Paris, dedicando um número especial ao evento no jornal *O Comércio da Guiné*, em que destacou a etnografia guineense. O colunista inaugurou a sua atividade literária de temática guineense em 1934, com *Auá: novela negra*, com o qual ganhou o primeiro prêmio de Literatura Colonial.

Vale destacar ainda nesse período a produção de Marcelino Marques de Barros, que, em sua obra *Cantos, canções e parábolas*, reúne um grupo de contos e canções guineenses tradicionais e populares, valorizando a cultura da região. Vejamos uma delas:

Canto a uma escrava*Malan*

Eu era uma triste escrava,
 ai! E que bem triste escrava,
 que vinha para embarcar.
 O meu senhor vestiu-me
 e zangado batia-me
 com ramo de coral;
 e pensava-me as chagascoo mais doce licor;
 E limpava-me as f'ridascom lenço de cambraia.
 E eu era triste escrava
 que vinha para embarcar
 – *que ben ba par bàe.*

Atividade 3

Atende ao objetivo 2

1. Comente um dos fatores responsáveis pelo desenvolvimento tardio da literatura da Guiné-Bissau em comparação às literaturas de outras ex-colônias portuguesas em solo africano.

2. O jornalismo na Guiné-Bissau tem início quase 50 anos depois da implementação de jornais nas outras colônias. A que se deve esse atraso? Qual fato a levou a ter seus próprios veículos midiáticos em 1879?

3. Qual o nome do primeiro jornal dirigido por um guineense? Cite dois importantes colaboradores desse jornal.

Resposta comentada

As questões desta seção adentram o universo do surgimento das primeiras expressões artísticas escritas no território da Guiné.

António Baticã Ferreira (1939-)

Poeta, escritor e médico da Guiné-Bissau. Faz parte da geração de intelectuais que pautou sua produção literária contra o colonialismo português.

Vasco Cabral (1926-2005)

Poeta e escritor guineense. Foi um dos principais líderes da luta pela independência e importante dirigente do PAIGC. Após a independência, desempenhou funções no governo, tendo sido Ministro da Economia e Finanças. Foi vice-presidente da República e fundador da União Nacional de Escritores da Guiné-Bissau.

1. Um dos fatores principais para o atraso no surgimento de uma produção literária no território guineense é o fato de a Guiné ter sido uma colônia de exploração e não de povoamento, além de ter estado por um longo período sob a tutela do governo geral de Cabo Verde. Enquanto esteve sob essas circunstâncias, ela não tinha sequer um meio de comunicação próprio, como os *Boletins Oficiais*, responsáveis pelo início da produção literária nas outras colônias.

2. O jornalismo oficial na Guiné seria estabelecido apenas em 1879, com a desanexação do território guineense do comando de Cabo Verde. Com isso, em 1880, surgem os *Boletins Oficiais* da Guiné, com seções reservadas a colaborações literárias, dando grande impulso à expressão artística escrita local.

3. As primeiras décadas do século XX foram importantes para a produção de textos na Guiné. Um importante passo para a consolidação da escrita no território foi a edição do primeiro jornal dirigido por um guineense. Trata-se de *O Comércio da Guiné*, editado por Juvenal Cabral, pai de Amílcar Cabral, com colaborações de Fausto Duarte e João Augusto da Silva, entre outros.

2º período

O segundo período da literatura guineense, segundo o livro de Manuel Ferreira, compreende os anos que vão de 1945 a 1970. Esse período é marcado, assim como nas demais colônias portuguesas, por uma poesia combativa, anticolonial. É nele que surgem efetivamente os primeiros poetas guineenses. Dentre eles destacam-se **António Baticã Ferreira** e **Vasco Cabral**. No entanto, talvez o mais importante escritor dessa geração seja Amílcar Cabral. Com ligação dupla entre Guiné-Bissau e Cabo Verde, Amílcar completa o tripé de escritores guineenses dessa geração caracterizada por uma poesia que denunciava a dominação, a miséria e incitava a luta anticolonial.



Amílcar Lopes Cabral (1924-1973) foi um escritor, poeta e político da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Filho de Juvenal Lopes Cabral, formou-se em agronomia em Lisboa em 1950. Em 1959, juntamente com Aristides Pereira, entre outros, fundou o PAIGC. O partido permaneceria clandestino até o ano de 1963. Amílcar Cabral foi assassinado em 1973 por dois membros de seu próprio partido. Após sua morte, a luta armada se intensificou e a independência da Guiné-Bissau foi proclamada unilateralmente em 24 de setembro de 1973. Seu meio-irmão, Luís de Almeida Cabral, foi nomeado o primeiro presidente do país.



Figura 5.2: Amílcar Cabral, durante a luta armada.

Fonte: <http://www.didinho.org/Amilcar%20Cabral%20numa%20das%20zonas%20libertadas%20da%20Guine%20Bissau.jpg>

Após conhecermos a história de Amílcar Cabral, que tal lermos um de seus poemas mais conhecidos?

Regresso

Mamãe Velha, venha ouvir comigo
O bater da chuva lá no seu portão.
É um bater de amigo
Que vibra dentro do meu coração.

A chuva amiga, Mamãe Velha, a chuva,
Que há tanto tempo não batia assim...
Ouvi dizer que a Cidade-Velha
– a ilha toda –
Em poucos dias já virou jardim...

Dizem que o campo se cobriu de verde
Da cor mais bela porque é a cor da esp'rança
Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde.
– É a tempestade que virou bonança...

Venha comigo, Mamãe Velha, venha
Recobre a força e chegue-se ao portão
A chuva amiga já falou mantenha
E bate dentro do meu coração!



Você pode ouvir o mesmo poema em uma interpretação musical da cantora cabo-verdiana Cesária Évora, em parceria com o cantor brasileiro Caetano Veloso.

Para ouvir, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=JGZks6c1O3U>.



Veja também este excerto de *O regresso de Amílcar Cabral*, de Sana Na N'Hada, que registra as cerimônias fúnebres do líder guineense em Bissau, depois de trasladado o seu corpo de Conacri, onde foi assassinado na noite de 20 de janeiro de 1973.

O filme foi proibido na Guiné-Bissau depois da derrubada de Luís Cabral por Nino Vieira em 1980. Foi considerado um instrumento de propaganda àquele que tinha sido o presidente da Guiné-Bissau desde a independência, e era irmão de Amílcar Cabral.

Para assistir, acesse: <http://www.publico.pt/multimedia/video/excerto-do-filme-o-regresso-de-amilcar-cabral-20130117-182334>.

Embora os primeiros poemas de Amílcar Cabral explicitem uma identidade cabo-verdiana, a maior parte de sua obra é marcada por uma poesia de teor universalista, militante e anticolonial. O poema intitulado apenas “Poema” é um exemplo do que afirmamos. Vejamos:

Poema

Quem é que não se lembra
Daquele grito que parecia trovão?!
– É que ontem
Soltei meu grito de revolta.
Meu grito de revolta ecoou pelos vales mais longínquos da Terra,
Atravessou os mares e os oceanos,
Transpôs os Himalaias de todo o Mundo,
Não respeitou fronteiras
E fez vibrar meu peito...

Meu grito de revolta fez vibrar os peitos de todos os Homens,
Confraternizou todos os Homens
E transformou a Vida...

... Ah! O meu grito de revolta que percorreu o Mundo,
Que não transpôs o Mundo,
O Mundo que sou eu!

Ah! O meu grito de revolta que feneceu lá longe,
Muito longe,
Na minha garganta!
Na garganta de todos os Homens

Se Amílcar Cabral foi personagem central na história guineense por conta de sua atuação na literatura e na política, sendo um dos mais importantes nomes da luta anticolonial no país, o escritor Vasco Cabral é, certamente, o poeta com a maior e mais diversificada produção literária dessa geração.

Além de abordar as questões referentes às lutas de resistência ao colonialismo português, o autor transita por assuntos como o amor, a paz e a esperança. Faz, desse modo, um caminho inverso ao de Amílcar Cabral – que iniciaria seus escritos com direcionamento para Cabo Verde e posteriormente os orientaria para o universalismo –, ou seja, parte de uma abordagem universalista para, a partir dos anos 1960, orientar-se para a realidade guineense.

Em 1979, Vasco Cabral publicou na revista *África*, nº 05, em Lisboa, dez poemas com datas entre 1955 e 1974, revelando-se, então, como escritor. Em 1981, publicou seu primeiro livro de poemas, intitulado *A luta é minha primavera*, reunindo os escritos produzidos entre os anos de 1951 e 1974.

A poesia de Vasco Cabral e Amílcar Cabral, que, a despeito do mesmo sobrenome, não tinham qualquer tipo de parentesco, também foi fortemente marcada pelo caráter militante. Vejamos agora alguns poemas de Vasco Cabral, retirados de seu primeiro livro, que ilustram nossos argumentos:

A luta

A luta é a minha primavera
Sinfonia de vida
o grito estridente dos rios
a gargalhada das fontes
o cantar das pedras e das rochas
o suor das estrelas!
a linha harmoniosa dum cisne!

Anti-delação

A noite veio,
disfarçada em dia,
e ofereceu-me a luz,
diáfana como a Aurora.

Mas eu disse que não.

Depois veio a serpente
disfarçada em virgem
e ofereceu-me os seios e os braços nus.

Mas eu disse que não.

Por fim veio Pilatos,
disfarçado em Cristo,
e numa voz humana e doce
disse: “se quiseres eu dou-te o paraíso
mas conta a tua história...”

Mas eu disse que não,

que não, não, não!
E continuei um Homem!
E eles continuaram
os abutres do medo e do silêncio.

África! Ergue-te e caminha

Mãe África!
Vexada
Pisada
Calcada até as lágrimas!
Confia e luta
E um dia a África será nossa!
Quando à floresta chegar o meu grito
e o tantã ritmado do batuque chamar os irmãos à luta,
Quando, como um só homem, nos decidirmos a não vergar a fronte
E fizermos o branco tratar-nos como igual.
Quando, a cada violência, responder o brado da nossa imaginação
E o nosso apelo chegar ao coração e à consciência das massas
E como um fluido electrizante reunir no mesmo “meeting”
O negro estivador e o negro camponês.
Quando cada palavra de ordem for cumprida
E o nosso voto e a nossa vontade forem livres
como um pássaro no espaço.
Quando em cada alma de negro brilhar o sorriso da vitória
E sair de cada fábrica uma palavra de ordem
como um brado de combate e esperança.
Quando ao chicote agressor
Quiser responder a justiça das nossas mãos
E as nossas filhas e as nossas irmãs
Deixarem de ser as escravas do senhor
que é o dono das terras e é o dono das vidas.
Quando cada amigo, seja branco ou amarelo,
for tratado como irmão

e lhe estendermos a mão como se fora um negro
 e o aceitarmos lado a lado no combate.
 Oh! Quando nos nossos olhos brilhar o fulgor do orgulho
 E for inabalável a vontade duma condição humana,
 como um rio que inunda sem cessar.
 E porque à floresta chegou o meu grito
 E acordou os irmãos ao som ritmado do tantã.
 Desperta-me Mãe-África!
 E serás mais minha mãe.
 Desperta irmão negro!
 E serás mais meu irmão
 porque encontramos o caminho da vitória final!
 Mãe África!
 Vexada
 Pisada
 Calcada até as lágrimas!
 Confia e luta,
 E um dia a África será nossa!

Após a independência, a literatura guineense ganha novo vigor. Nessa época, surge na Guiné um grupo de jovens poetas, cujas obras manifestam um caráter social, focalizando a defesa da liberdade, a questão da identidade nacional, entre outras coisas.

Conclusão

A Guiné-Bissau é um país cuja produção literária iniciou-se tardiamente em relação às demais ex-colônias portuguesas. Sem uma efetiva ocupação do território, sem a criação de escolas e desprovida da circulação de jornais, uma vez que a administração da Guiné estava atrelada à de Cabo Verde, a vida intelectual e a produção escrita guineenses desenvolveram-se pouco em fins do século XIX. Com sua desanexação da administração cabo-verdiana e com a circulação do Boletim Oficial da Guiné, no qual havia uma seção dedicada à produção diversificada, essa realidade começa a se modificar.

Na década de 1930 é criado o primeiro jornal dirigido por um guineense – *O Comércio da Guiné* –, com o qual alguns escritores e colonistas colaboram, formando o primeiro núcleo de uma incipiente produção guineense.

Com a luta pela independência e a luta armada, a literatura da Guiné-Bissau – essencialmente marcada pela poesia – assume um caráter revo-

lucionário e libertário. Alguns nomes se destacam nesse momento, entre os quais o mais importante é Amílcar Cabral, pela sua produção poética e por seu envolvimento nas lutas pela independência.

Atividade final

Atende aos objetivos 2 e 3

Nesta aula, procuramos abarcar parte da história da Guiné-Bissau, sua literatura e seus principais atores políticos até o fim oficial do período colonial. Com base no que foi dito nesta seção, responda às perguntas:

1. Cite e comente uma das características da literatura do chamado segundo período da literatura guineense.

2. Quais os principais autores da segunda fase da literatura guineense?

3. Além do aspecto literário, Amílcar Cabral foi importante personagem no cenário político da Guiné. Diga, em poucas linhas, como se deu a sua atuação política e qual o nome do partido criado por ele e por Aristides Pereira.

Resposta comentada

Com o desenvolvimento de uma expressão literária no início do século XX em solo guineense e a consolidação desta após o surgimento de revistas e periódicos dirigidos por habitantes locais, o próximo passo seria a utilização dessa literatura como ferramenta de conscientização política ligada ao pensamento anticolonial que se disseminava à época nas outras colônias portuguesas. O segundo período da literatura da Guiné (entre os anos 1945 e 1970) será marcado por uma poesia combativa, que denunciará a dominação portuguesa e a miséria. É nesse período que surgem os primeiros poetas guineenses, com destaque para Vasco Cabral, António Baticã e Amílcar Cabral, importante poeta e personagem político da vida na Guiné.

Além de sua produção literária, Amílcar Cabral – filho de Juvenal Lopes Cabral, um dos colaboradores do primeiro jornal guineense, *O Comércio da Guiné* – também teve fundamental atuação no campo político. Em 1959, juntamente com Aristides Pereira, entre outros, Amílcar Cabral fundou o PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde.

Resumo

A Guiné-Bissau é um país localizado na costa ocidental da África. Seu território é marcado pela sua diversidade étnica e linguística, apresentando um total de 25 grupos linguísticos. Os três principais grupos étnicos do território são os balantas, os fulas (ou futas) e os mandingas.

A emigração cabo-verdiana para o território guineense ao longo de quatro séculos foi uma das características da diversidade populacional do país. As razões que levaram os cabo-verdianos a escolherem a Guiné como país de destino estavam assentes em uma série de fatores, dentre os quais a dificuldade econômica por que passavam as ilhas.

Após o processo de independência, a Guiné-Bissau adotou oficialmente a língua portuguesa, embora atualmente ela seja falada por um pequeno percentual da população do país. O crioulo é a sua língua mais usual.

O processo de ocupação da Guiné começou em 1446, quando os portugueses aportaram na região e a nomearam Guiné Portuguesa. Embora o litoral da região tenha sido explorado desde essa época, somente em 1630 estabeleceu-se no território a Capitania Geral da Guiné Portuguesa. Em 1697, devido à ameaça de ocupação local, especialmente por parte dos franceses e ingleses, a Coroa portuguesa fundou nessa região uma vila, a que deu o nome de Bissau.

No século XIX, com a abolição da escravidão, a Guiné Portuguesa passou por uma crise econômica e, para sair dela, investiu na produção de novas culturas, como a da borracha e a da mancarra, um tipo de amendoim.

As condições extremamente pobres da região fizeram com que, em fins do mesmo século, os povos locais se rebelassem contra o governo português, que reagiu imediatamente enviando militares à Guiné para sufocar as

revoltas populares. Já no início do século XX, as forças coloniais reprimiram fortemente as rebeliões locais e objetivavam eliminar os africanos mais combativos. A desanexação da Guiné-Bissau da administração cabo-verdiana em 1879 comprometeu seriamente a posição de Portugal no território. Seguiu-se a esse momento um período de conflitos entre portugueses e africanos (1879-1936) e a principal razão disso foram as imposições administrativas e fiscais feitas pela colônia portuguesa aos nativos.

Em meados do século XX, a Guiné Portuguesa amargou uma situação de extrema miséria, com um grande índice de analfabetos. Nessa mesma época, as ideias independentistas que circulavam por toda a África, inclusive na África de língua portuguesa, difundiram-se especialmente nos meios urbanos.

De todas as antigas ex-colônias portuguesas em solo africano, a Guiné-Bissau foi aquela cuja produção literária se desenvolveu mais tardiamente. Uma das causas desse retardamento é o fato de a Guiné ter sido uma colônia de exploração, e não de povoamento.

Além disso, a criação do jornalismo oficial na colônia se deu apenas em 1879, enquanto nas demais colônias havia sido instalado entre os anos 1842 e 1857.

Os primeiros textos produzidos em território guineense tiveram lugar apenas na primeira metade do século XX. Em 1930, surge o primeiro jornal dirigido por um guineense, *O Comércio da Guiné*, editado por Juvenal Cabral, pai de Amílcar Cabral. Um dos primeiros nomes de importância da literatura da Guiné – além do próprio Amílcar Cabral, já mencionado – foi Fausto Duarte, destacando-se como romancista em um período em que predominavam os textos históricos.

Segundo Pires Laranjeira, podem-se distinguir quatro fases da literatura guineense em função de seu conteúdo. Uma primeira fase anterior a 1945, uma segunda entre 1945 e 1970, outra entre 1970 e o fim dos anos 1980 e a última a partir dos anos 1990.

O segundo período da literatura guineense é marcado, assim como nas demais colônias portuguesas, por uma poesia combativa, anticolonial. É nele que surgem efetivamente os primeiros poetas guineenses, dentre os quais destacam-se António Baticã Ferreira e Vasco Cabral. O mais importante escritor dessa geração foi Amílcar Cabral, cuja obra é marcada, em grande parte, por uma poesia de teor universalista, militante e anticolonial.

Amílcar Cabral, juntamente com Aristides Pereira, dentre outros, fundou o PAIGC, que permaneceria clandestino até o ano de 1963. Ele foi assassinado em 1973 por dois membros de seu próprio partido. Após sua morte, a luta armada se intensificou e a independência da Guiné-Bissau foi proclamada unilateralmente em 24 de setembro de 1973.

Vasco Cabral é o poeta com a maior e mais diversificada produção literária dessa geração. Além de abordar as questões referentes às lutas de resistência ao colonialismo português, o escritor transita por assuntos como o amor, a paz e a esperança, imprimindo à sua poesia um caráter universal. Em 1979, Vasco Cabral publicou, na revista *África*, nº 5, em Lisboa, dez poemas com datas entre 1955 e 1974, que o revelaram no mundo da poesia.

Após a independência da Guiné, a literatura guineense ganha novo vigor com o surgimento de jovens poetas.

Aula 6

A cultura e a literatura no arquipélago
de Cabo Verde: período colonial

Claudia Amorim
Christian Fischgold

Metas

Apresentar o objeto de estudo da disciplina Literaturas Africanas I, bem como o lugar específico em que essa literatura se desenvolve, neste caso, Cabo Verde, considerando seus aspectos culturais, históricos e políticos.

Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. conhecer a história de ocupação do arquipélago de Cabo Verde, bem como suas principais características;
2. descrever o quadro cronológico da literatura cabo-verdiana, reconhecendo globalmente sua evolução;
3. identificar os primeiros autores importantes para o fazer literário no país.

Conhecendo Cabo Verde

O arquipélago de Cabo Verde foi descoberto pelos portugueses por volta do ano de 1460 e, na época, todas as suas ilhas estavam desabitadas. Ele é composto por um conjunto de dez ilhas, são elas:

- Ilha de Santo Antão;
- Ilha de São Vicente;
- Ilha de Santa Luzia;
- Ilha de São Nicolau;
- Ilha do Sal;
- Ilha da Boa Vista;
- Ilha do Maio;
- Ilha de Santiago;
- Ilha do Fogo e
- Ilha Brava.

Essas ilhas, alguns ilhéus e ilhotas pertencentes à atual República de Cabo Verde, somadas suas extensões, atingem 4.033 quilômetros quadrados, e estima-se que o arquipélago continha, em 2009, aproximadamente 423.263 habitantes, segundo a página oficial do governo cabo-verdiano.



É possível conhecer mais sobre a história e a organização geográfica deste país no *website* de seu governo: [http: www.governo.cv](http://www.governo.cv).

Para começarmos a conhecer Cabo Verde, vejamos seu mapa:



Figura 6.1: Mapa das dez ilhas que compõem o arquipélago de Cabo Verde.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cape_Verde_Map.jpg

Colonização e povoamento

As ilhas de Cabo Verde eram desabitadas quando os portugueses ali chegaram. Ao perceberem que o clima da região favorecia a agricultura, os europeus iniciaram o processo de colonização através do sistema de capitânicas hereditárias, cujo objetivo era a exploração agrícola no local. No entanto, se nos Açores e na Madeira a colonização foi realizada por imigrantes vindos de Portugal, nas ilhas de Cabo Verde o povoamento realizou-se por negros que vinham de outros territórios do continente africano, em especial da Guiné.



As capitanias hereditárias eram um sistema de administração territorial criado pelo rei de Portugal que consistia em dividir o território em grandes faixas e entregá-las à administração de particulares, especialmente nobres que tinham relações com a Coroa portuguesa.

Disponível em: <<http://www.historiadobrasil.net/capitaniashereditarias/>>.

Acesso em: 7 out. 2014.

As técnicas de tecelagem de artesãos africanos, que foram trazidos de outros lugares do continente, fizeram com que a primeira indústria a surgir e a se estabelecer de modo autônomo, alimentada pela mão de obra africana, fosse a indústria têxtil. Em virtude da falta de têxteis em Portugal, essa produção adquiriu, em solo cabo-verdiano, grande importância para a metrópole, sendo estabelecidas plantações de algodão no arquipélago.

Logicamente, quando se fala em indústria no período colonial, temos de pensar que não se trata de uma indústria como conhecemos hoje, por não haver, naquele período, um processo industrial tecnológico, com fábricas e maquinarias próprias. Era ainda uma produção quase artesanal.

A formação do povo cabo-verdiano

Ao longo da história, brancos portugueses e negros trazidos do continente africano misturaram-se nas ilhas do arquipélago, e iniciou-se um processo de mestiçagem, que deu origem a uma população de cabo-verdianos descendentes de portugueses e africanos. A população negra, advinda de diferentes partes da África, falava línguas diversas. Essa mistura étnica e linguística – associada, ainda, ao português – seria responsável pela criação de uma língua crioula que se enraizaria no local.

Atualmente, apesar de a língua oficial do arquipélago de Cabo Verde ser o português, há uma grande parcela da população que utiliza o crioulo em sua comunicação cotidiana. Convém ressaltar que mesmo a língua portuguesa passou por uma transformação no território cabo-verdiano.



Os crioulos são línguas naturais, de formação rápida, criadas pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilíngues relativamente estáveis. Procurando superar a pouca funcionalidade das suas línguas maternas, estes recorrem ao modelo imposto (mas pouco acessível) da língua socialmente dominante e ao seu saber linguístico para constituir uma forma de linguagem veicular simples, de uso restrito, mas eficaz, o *pidgin*, que posteriormente é gramaticalmente complexificada e lexicalmente expandida, em particular pelas novas gerações de crianças que a adquirem como língua materna, dando origem ao crioulo.

Chamam-se de *base portuguesa* os crioulos cujo léxico é, em sua maioria, de origem portuguesa. No entanto, do ponto de vista gramatical, os crioulos são línguas diferenciadas e autónomas. Sendo a língua-base aquela que dá o léxico, podemos encontrar crioulos de diferentes bases: de base inglesa (como o Krio da Serra Leoa), de base francesa (como o crioulo das Seychelles), de base árabe (como o Kinubi, de Uganda e do Quénia) ou outra (DULCE, 20--).

As ilhas do arquipélago tiveram função importante para o império português, pois ocupavam posição estratégica para as rotas de navegação da Coroa. As ilhas serviam como entreposto comercial (depósito de mercadorias) e situavam-se no caminho para Brasil, Angola e demais rotas para o Oriente.

Nos séculos seguintes ao seu descobrimento, a ocupação das ilhas permaneceu inalterada. É apenas no final do século XIX que podemos perceber um aumento da população mestiça e, consequentemente, algumas evidências de manifestação cultural na região.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Com base naquilo que você leu, assinale a alternativa correta:

1. Quando os europeus aportaram nas ilhas do arquipélago de Cabo Verde, elas eram desabitadas. Como se deu o povoamento dessas ilhas?
 - a) Com uma população exclusivamente branca, vinda de Portugal.
 - b) Com uma população exclusivamente negra, vinda da Guiné.
 - c) Com indivíduos brancos portugueses e negros que vinham de outros territórios do continente africano, em especial, da Guiné.
2. Qual a primeira indústria a se estabelecer de modo autônomo no arquipélago?
 - a) A indústria têxtil, com forte presença da mão de obra africana.
 - b) A exploração e o comércio do ouro, que atraíram muitos europeus.
 - c) A indústria da borracha, que atraiu muitos brasileiros para o território.
3. Qual a causa principal para a criação de uma língua crioula, que se enraizaria no local?
 - a) A presença de povos africanos que falavam o crioulo.
 - b) O processo de mestiçagem étnica e linguística entre brancos portugueses e negros africanos.
 - c) A vinda de portugueses do interior, local de origem do crioulo.

Resposta comentada

Como as ilhas de Cabo Verde ocupavam uma localização estratégica para os planos da Coroa portuguesa, mas eram desabitadas, a ocupação das ilhas se deu com a presença de indivíduos brancos portugueses e negros trazidos do continente africano, em especial da Guiné. Essa mistura étnica e linguística seria responsável pela criação de uma língua crioula que se enraizaria no local.

O povoamento do arquipélago aconteceu com negros que vinham de outras partes do continente africano. As técnicas de tecelagem dos artefatos africanos trazidos de outros lugares fizeram com que a primeira indústria a surgir e se estabelecer de modo autônomo em Cabo Verde, alimentada pela mão de obra africana, fosse a indústria têxtil.

As fases da literatura cabo-verdiana

Alguns pesquisadores dividem a história da literatura cabo-verdiana em seis períodos, sendo eles:

- primeiro período: das origens até 1925;
- segundo período: de 1926 a 1935;
- terceiro período: do ano de 1936 (ano da publicação da revista-mater *Claridade*) a 1957;
- quarto período: de 1958 a 1966;
- quinto período: de 1966 a 1982;
- sexto período: de 1983 à atualidade.

Primeiro período: primeiras expressões escritas

A publicação do romance *O Escravo* (1856), do português José Evaristo D'Almeida, que habitou durante muitos anos o arquipélago, é vista por alguns como o marco inicial da literatura de ficção de Cabo Verde. Após a introdução do **prelo**, em 1842, e a publicação do romance de Almeida, em 1856, em Lisboa, há um período de grandes vazios, que abrange uma variada gama de textos (não necessariamente literários).

Prelo

Tipo de impressão na qual se fazia pressão sobre letras com tinta que, ao tocarem o papel, deixavam seu registro.



José Evaristo D'Almeida nasceu em Portugal no século XIX e faleceu em Guiné-Bissau no século XX. Não se sabem as datas e os locais exatos de nascimento e morte do autor, mas conhece-se o fato

de que esteve radicado em Cabo Verde durante muitos anos. Foi autor do primeiro romance cabo-verdiano, *O Escravo*, obra que dá conta de um importante período da história de Cabo Verde, descrevendo as tensões e os conflitos de uma sociedade em transformação.

Para o pesquisador português Pires Laranjeira, foi a fundação de um Liceu em São Nicolau que serviu de grande impulso para o surgimento dos primeiros letrados do arquipélago.

A criação, em 1866, do Liceu-Seminário de São Nicolau (Ribeira Brava), que durou até 1928, muito contribuiu para o surgimento de uma classe de letrados equiparável ou superior à dos angolanos. Em 1877, criou-se a imprensa periódica não oficial. A publicação de dois livros de poemas de Eugénio Tavares, *Amor que salva* e *Mal de amor: coroa de espinhos*, em 1916, encerra a fase em que a atmosfera de fim de século se prolonga textualmente (LARANJEIRA, 1995, p. 180).

Temos, assim, três datas referenciais ainda no século XIX, que nos ajudam a mapear os primeiros indícios de expressões escritas em Cabo Verde: a introdução do prelo (1842), o lançamento do primeiro livro, *O Escravo* (1856), e a criação do primeiro Liceu (1866). No início do século XX, alguns nomes ganharam destaque na produção escrita de Cabo Verde: José Lopes, Eugénio Tavares e Pedro Cardoso.

Sobre essa produção, o professor Laranjeira (1995) comenta ainda que, nas duas primeiras décadas do século XX, houve a publicação do poema “Ode à África” (1921), de Pedro Cardoso, e o lançamento do jornal *Manduco*, pelo mesmo poeta, sendo este o primeiro veículo aberto à colaboração em crioulo.



Pedro Monteiro Cardoso foi um escritor cabo-verdiano nascido em 1890, na Ilha do Fogo, e falecido em 1942, na Cidade da Praia.

Professor do ensino primário, tornou-se conhecido no jornalismo ao defender os interesses sociais, políticos e econômicos de Cabo Verde. Foi fundador, proprietário, diretor e editor do jornal *Manduco* (Fogo, 1923-1924) e, juntamente com João Lopes (S. Nicolau, 1884-1979), foi responsável pelo jornal socialista *Cabo Verde* (São Vicente, 1920-1921), tendo colaborado em vários outros jornais cabo-verdianos e portugueses. Pedro Cardoso tem ainda publicado os seguintes livros: *Primícias* (Lisboa, 1908); *Caboverdeanas* (Lisboa, 1915), *Jardim das Hespérides* (Vila Nova de Famalicão, 1926), *Duas canções* (Lisboa, 1927); *Algas e corais* (Vila Nova de Famalicão, 1928); *Hespérides. Fragmentos de um poema perdido em triste e miserando naufrágio* (Vila Nova de Famalicão, 1930); *Folclore caboverdeano* (Porto, 1933); *Conferência no “Teatro Virgínia Vitorino”* (Praia), em 30 de dez. 1933 (Porto, 1934); *Cadernos Luso-Caboverdianos* em três volumes: (1) *E mi que é lha'r Fogo* (Fogo, 1941), (2) *Ritmos de Morna* (Praia, 1942) e (3) *Sem tom nem som* (Praia, 1942). Publicou ainda *Lírios e cravos* (Ermesinde, 1951).

Adaptado de: <<http://www.barrosbrito.com/8679.html>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

Segundo alguns críticos e historiadores, esse período, que vai do fim do século XIX até as três primeiras décadas do XX, é mal conhecido. Contudo, sabe-se que a criação do Liceu, ainda no século XIX, possibilitou uma tímida, mas persistente produção, que alcança seu auge com a publicação, em 1935, do livro de poemas *Arquipélago*, de Jorge Barbosa e, no ano seguinte, da revista *Claridade*, fundada por Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, entre outros.

Segundo período: o período hesperitano

Esse período, que vai de 1926 a 1935, e que alguns pesquisadores chamam de *período hesperitano*, é aquele que antecede a modernidade que o movimento da *Claridade* (1936) representou. Para Pires Laranjeira, desde os primeiros tempos, até o final desse período, vigorou um tipo de escrita

baseada em temas e elementos recorrentes na literatura cabo-verdiana, como os da fome, do vento e da terra seca, ou de certa insatisfação e incomodidade, numa atmosfera muito próxima à do Naturalismo.

O fundamento que leva a que se possa designar tal período como hesperitano ressalta da assunção do antigo mito “Hesperitano” ou “Arsinário”. Trata-se do mito, proveniente da Antiguidade clássica, de que, no Atlântico, existiu um imenso continente, a que deram o nome de continente Hespério. As ilhas de Cabo Verde seriam, então, as Ilhas Arsinárias, de Cabo Arsinário, nome antigo do Cabo Verde continental, recuperado da obra de **Estrabão**.

Os poetas criaram o mito poético para escaparem idealmente à limitação da pátria portuguesa, exterior ao sentimento ou desejo de uma pátria interna, íntima, simbolicamente representada pela lenda da Atlântida, de que resultou também o nome do “Atlântico hesperitano”, por oposição ao continentalismo africano e europeu. Anote-se que a primeira opção para o nome da revista *Claridade*, avançada por Jaime de Figueiredo, chegou a ser Atlântida (LARANJEIRA, 1995, p. 181).

O mito *hesperitano* foi bastante reforçado e incentivado em obras publicadas principalmente na década de 1920 e primeira metade da década de 1930 (mas também nos dois volumes de *Alma arsinária*, de José Lopes, algumas décadas depois, no ano de 1952).

A produção que, naquele período, orientou-se pela valorização desse mito, buscava voltar-se para outros referentes, em um processo de negação da pátria portuguesa. Os referentes seriam agora a criação de uma pátria interna, íntima, que também se associava ao mito de Atlântida. Era o momento de criação de uma literatura cabo-verdiana que buscava caminhos próprios, buscava a sua singularidade.

Eis algumas obras nas quais há referência ao mito hesperitano:

- 1926 - *Jardim das Hespérides*, de Pedro Cardoso (poemas)
- 1927 - Revista *Hespérides* (orientada por mulheres), na Praia.
- 1929 - *Hesperitanas e Jardim das Hespérides*, de José Lopes (poemas)
- 1930 - *Hespérides*, de Pedro Cardoso (poemas)
- 1932 - *Morna, cantigas crioulas*, de Eugênio Tavares (poemas)
- 1935 - *Arquipélago*, de Jorge Barbosa (poemas)

**Estrabão
ou Estrabo
(64 ou 63 a.C.
– ac. 24 a.C.)**

Historiador, geógrafo e filósofo grego. Foi o autor da monumental *Geographia*, um tratado de 17 livros contendo a história e as descrições de povos e locais de todo o mundo que lhe era conhecido à época.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrab%C3%A3o>.

Vamos ler com atenção um fragmento do poema “Arquipélago”, de Jorge Barbosa.

Arquipélago

Destroços de que continente,
De que cataclismos,
De que sismos,
De que mistérios?...
Ilhas perdidas
no meio do mar
esquecidas
num canto do mundo
– que as ondas embalam,
maltratam,
abraçam...
[...]
(BARBOSA, 1935, p. 9-11).



Jorge Barbosa nasceu na Ilha de Santiago, em 22 de maio de 1922, e faleceu em Portugal, em 6 de janeiro de 1971. Publicou seu primeiro livro, *Arquipélago*, em 1935, tornando-se o pai da “cabo-verdianidade” poética, isto é, o pioneiro da moderna poesia cabo-verdiana. Teve colaboração importante na revista *Claridade*.

Na sua obra poética, existe um núcleo fundador de uma estética poética, derivado do relacionamento do sujeito com o espaço – a ilha. Dessa relação, resulta aquilo que podemos denominar a insularidade, isto é, o sentimento de solidão, de nostalgia que o ilhéu experimenta face ao isolamento e aos limites da fronteira líquida que o separam do resto do mundo, criando-lhe um estado de ansiedade que o leva a sonhar com outros horizontes para lá do mar. Insularidade que é, antes de mais nada, cabo-verdiana.

Se, por um lado, a pequenez do espaço em confronto com o mar agiganta os sonhos e o desejo da partida, por outro, as secas, destruindo o ganha-pão do homem, levam-no a realizar a aventura da emigração, isto é, a aventura da sobrevivência (LARANJEIRA, 1995, p. 192).

Jorge Barbosa produziu suas obras entre os anos de 1928 e 1969, e podemos agrupar essa produção em três períodos, que passamos a esclarecer a seguir.

No primeiro, anterior ao lançamento da revista *Claridade*, entre 1928 e 1935, com uma poesia inédita em livro, até o lançamento de *Arquipélago*, há uma clara intenção de definir o que seria uma espécie de *terra mater*, de espaço vital identitário, como podemos perceber na leitura do poema “Arquipélago”. Apesar de lançado em 1935, os poemas que compõem o livro homônimo *Arquipélago* e parte dos que constituem *Ambiente* já estavam escritos anteriormente, segundo cartas do autor escritas a Manuel Lopes, o que revela a precoce modernidade cabo-verdiana.

O propósito de Jorge Barbosa e de outros autores da época era o de “cabo-verdianizar” a literatura, em consonância com o que acontecia no Brasil, desde a *Semana de Arte Moderna*, de 1922. A esse respeito, Manuel Lopes observou:

A poesia modernista brasileira realizará a tarefa de “nacionalizar definitivamente a literatura” na expressão de José Osório de Oliveira e essa “invenção” da poesia brasileira foi o Ypiranga literário, o acordar para a descoberta do homem e da paisagem do Brasil [...]. A mensagem presencista era, para nós, epidérmica, não penetrava a nossa humanidade. Não representava uma solução ou um caminho, uma resposta às nossas interrogações. Foi quando o modernismo brasileiro, em pleno amadurecimento, e o Neorrealismo nascente chegaram a São Vicente. Tivemos a impressão de que a voz que vinha do Sul pertencia a um irmão mais rico e corpulento, mas irmão (LOPES apud LARANJEIRA, 1995, p. 194).



Manuel Lopes, natural da ilha de São Vicente, de Cabo Verde, nasceu em 23 de dezembro de 1907. Poeta, romancista, contista e ensaísta, foi premiado por duas vezes com os prêmios literários Fernão Mendes Pinto e Meio Milênio do Achamento das Ilhas de Cabo Verde, relativos à sua ficção.

O Modernismo brasileiro, desenvolvido nas décadas de 1930 e 1940, foi recebido de forma especialmente sensível entre os escritores africanos e, mais especificamente, entre os cabo-verdianos.

O segundo período da obra literária de Jorge Barbosa inicia-se com o período *claridoso*, e vai de 1935 até o final da década de 1950. Inclui a publicação de *Ambiente* e *Caderno de um Ilhéu*.

O terceiro período, com duração de dez anos, vai de 1959 a 1969, e segundo Pires Laranjeira seria o período *pós-claridoso* ou *da mudança* (*poesia inédita*). Esse período da poesia de Jorge Barbosa é marcado por uma incisiva consciência política e social da função do fazer literário. Sua poesia (em livro ou dispersa) caracteriza-se por apresentar um tom mais agressivo e de intervenção, sem perder, contudo, o lirismo.

Em 1971, o poeta viria a falecer, em Portugal.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

1. Cite qual fato é considerado o marco inicial da literatura de ficção em Cabo Verde, no ano de 1856.

2. O chamado “mito Hesperitano é um mito proveniente da Antiguidade clássica, de que, no Atlântico, existia um imenso continente, a que deram o nome de continente Hespério. As ilhas de Cabo Verde seriam, então, as ilhas arsinárias, de Cabo Arsinário, nome antigo do Cabo

Verde continental, recuperado da obra de Estrabão” (<http://lusofonia.com.sapo.pt/caboverde.htm>). Esse mito foi utilizado por poetas cabo-verdianos de qual período e com qual intenção?

3. Jorge Barbosa foi um dos mais importantes autores da literatura cabo-verdiana. Sua obra tem início no ano de 1928 e vai até o ano de 1969, dois anos antes de seu falecimento. Em quantas fases os pesquisadores costumam dividir sua obra e qual a característica marcante de sua última fase?

Resposta comentada

1. A publicação do romance *O Escravo* (1856), do português José Evaristo D’Almeida, é vista por alguns como o marco inicial da literatura de ficção de Cabo Verde. Ela se soma a outras duas datas, que são referências no século XIX e que nos ajudam a mapear os primeiros indícios de expressões escritas em Cabo Verde: a introdução do prelo, em 1842, e a criação do primeiro Liceu, em 1866.

2. Os poetas que usaram o mito hesperitano foram aqueles do período de mesmo nome. Eles criaram o mito no intuito de escaparem idealmente à limitação da pátria portuguesa, exterior ao sentimento ou desejo de uma pátria interna, íntima, simbolicamente representada pela lenda da Atlântida, de que resultou também o nome do “Atlântico hesperitano”, por oposição ao continentalismo africano e europeu.

3. Os pesquisadores costumam dividir a obra de Jorge Barbosa em três fases, sendo a última, com duração de dez anos (1959-1969), um período marcado por uma forte consciência política e social do fazer literário.

Terceiro período: *Claridade*

Após um período de intensas publicações sobre o mito hesperitano, surge a revista *Claridade*, cujo nome, segundo Pires Laranjeira, chegou a ser cogitado como Atlântida. A publicação é o ponto inicial do terceiro período da literatura cabo-verdiana, que se estenderia até o ano de 1957.



Figura 6.2: A revista *Claridade* surge como símbolo da luta pela afirmação de uma identidade cultural cabo-verdiana.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Claridade>

A primeira fase da *Claridade*

Quem nomeou a revista foi Baltasar Lopes, seu cofundador. *Claridade* foi um dos marcos da “cabo-verdianidade”. Seus outros fundadores são Jorge Barbosa e Manuel Lopes.

A revista foi lançada em março de 1936 e durou até março de 1937, período no qual foram lançados três números, com intervalos de cinco a seis meses. Os números 1 e 2 são dirigidos por Manuel Lopes e o número 3 por João Lopes. Colaboraram nesse último número, além dos editores, os escritores Pedro Corsino de Azevedo e José Osório de Oliveira.

As principais premissas da revista eram afastar-se dos cânones portugueses e exprimir a voz coletiva do povo cabo-verdiano, naquilo que ele possuía de mais autêntico. Para isso, os dois primeiros números da revista começavam com poemas em crioulo.

No número 1 da revista havia *Lantuna & 2 motivo a de finaçom*, um conjunto que faz parte dos cantares e batuques da Ilha de Santiago; no número 2, havia uma **morna** de Xavier da Cruz, conhecido também como *Beleza*.

Claridade iniciava-se, assim, privilegiando a língua crioula, que havia sido reprimida durante os anos do colonialismo. Era, desse modo, um desafio à autoridade, assumido como defesa das raízes do povo.

Morna

Gênero musical e de dança de Cabo Verde. Tradicionalmente tocada com instrumentos acústicos, a morna reflete a realidade insular do povo cabo-verdiano, o romantismo intoxicante dos seus trovadores e o amor à terra (ter de partir e querer ficar).

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Morna>.

No segundo número, Baltasar Lopes apresentou um longo estudo sobre a formação do crioulo, intitulado “Notas para o estudo da linguagem das ilhas”, excertos de romances (*Chiquinho*) e artigos apontando as características sociais de Cabo Verde (*Tomadas de vista*, de Manuel Lopes, e *Apontamentos*, de João Lopes).

Conforme explicita Manoel Lopes, em depoimento registrado pelo professor Pires Laranjeira (1995),

Renovar não é criar alma nova, mas procurar reencontrá-la na aluvião dos lugares comuns que a inércia estratificou e adaptá-la às condições de vida do seu tempo. Arrancar a alma viva do acervo de experiências cristalizadas – eis o que *Claridade* tentou e está tentando ainda (LOPES apud LARANJEIRA, 1995, p. 190).

A grande contribuição da revista *Claridade* e de seus autores foi a realização de um novo modo de expressão com base no entendimento das raízes do homem cabo-verdiano, da sua personalidade, construída a partir de elementos étnicos e da captação do modo de agir e sentir do homem inserido no seu espaço.

Segundo Pires Laranjeira, Onésimo Silveira teria sido extremamente injusto ao publicar, em 1963, um opúsculo intitulado “Consciencialização na Literatura cabo-verdiana”, em que acusava os “claridosos” de inautenticidade e de elitismo. Silveira creditava a formação que os autores “claridosos” teriam recebido como herança do Seminário, do qual Baltasar Lopes foi professor, de cultura mais literária que científica, a incapacidade para uma consciência necessária para uma efetiva ligação com o povo. Para Laranjeira, faltou a Silveira perspectiva histórica no tempo e no espaço, capaz de apreender a importância inovadora deste movimento como ponto de partida da moderna literatura cabo-verdiana.

É evidente que não se podem identificar totalmente os objectivos da *Claridade* com o movimento neorrealista português que nasceu em 1939, de feição sociopolítica, nem exigir à *Claridade* que tivesse sido idêntica. De qualquer forma, pode-se dizer que, em Cabo Verde, houve uma antecipação, dado que os seus propósitos se aproximavam mais desse movimento, que viria a nascer três anos depois, do que do panorama português dessa ocasião (LARANJEIRA, 1995, p. 191).

Após o primeiro ano, o grupo de autores teve muita dificuldade para manter a revista, uma vez que eram eles que a bancavam. Com a dispersão dos autores pelas várias ilhas, a revista permaneceu parada por dez anos. No entanto, o impacto do lançamento dos seus três números refletiria na produção literária da década seguinte. Em 1941, Jorge Barbosa lançou o livro de poemas *Ambiente*. Antônio Nunes publicou, em 1945, os *Poemas de longe*, ao qual Manuel Lopes respondeu, em 1946, com os *Poemas de quem ficou*. Até então, com uma produção majoritária no campo da poesia, em 1947, Baltasar Lopes lançaria o que é considerado o romance fundador da moderna literatura cabo-verdiana: *Chiquinho*, em que, já na introdução, o autor deixa claro o espaço do crioulo, como língua presente na expressão literária cabo-verdiana:

Corpo, qu'ê nêgo, sa ta bai;
 Coraçom, qu'ê fôrro, sa ta fica...
 (O corpo, que é escravo, vai;
 O coração, que é livre, fica...)



Baltasar Lopes nasceu na freguesia rural do Caleijão, na Ribeira Brava, Ilha de São Nicolau, em 23 de abril de 1907, e morreu em 1989, em Lisboa. É um dos nomes mais importantes da literatura de Cabo Verde, sendo considerado o autor do primeiro romance genuinamente cabo-verdiano.

Além de *Chiquinho*, outros três livros fundamentais fazem de Baltasar Lopes o personagem central na construção da “cabo-verdianidade”:

- *O dialecto crioulo de Cabo Verde* (ensaio, 1957);
- *Cântico da manhã futura* (coletânea de poemas, 1986), com o nome poético de Osvaldo Alcântara;
- *Os trabalhos e os dias* (contos, 1987).

Além dessas obras, Baltasar Lopes fez uma crítica à visão do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (que havia permanecido por curto período

na ilha) em *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre* (1956) e organizou a *Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea* (1961).

Baltasar Lopes também foi professor e reitor do Liceu de São Vicente durante cerca de 50 anos, o que o colocou (associado ao pioneirismo de suas obras literárias) como uma espécie de patriarca das novas gerações.

O crítico literário Manuel Ferreira destaca quatro ciclos na poesia de Baltasar Lopes:

- o da indagação filosófica, exprimindo a angústia e a ansiedade do homem aclaustrado nas ilhas;
- o do *Romanceiro de São Tomé*, espécie de roteiro sentimental do povo de Cabo Verde, serviçal nas rocas são-tomenses;
- o do “pasargadismo” (criticado nos anos 1960), neologismo retirado do poema homônimo de Manuel Bandeira, autor de grande influência para Baltasar Lopes e outros poetas cabo-verdianos do período;
- o da metapoética, questionando o próprio fazer poético.

O poema abaixo, intitulado “O poema que me falta escrever”, exemplifica o quarto ciclo de que falamos:

O poema que me falta escrever

Na minha respiração há um sinal qualquer de dispneia.
 Tenteio com as mãos
 (Falta-me o sentido da vista:
 Ó minha deusa, dai-me todos os sentidos
 que não possuo!)
 as minhas mãos ficaram órfãs
 da ânsia de procura.
 Recorro a vagas compensações,
 Escrevo poemas, escrevo, escrevo...
 Explicai-me, deusa de olhos claros,
 de onde vem esta lacuna
 que me atormenta como um remorso.
 Espero todavia.
 Um dia serei ardente e exacto.
 Então terei sentidos inumeráveis
 e na minha boca haverá
 a ordenação e a intensidade da colmeia.
 (LOPES apud LARANJEIRA, 1995, p. 203).

Depois do lançamento do romance *Chiquinho*, outros seriam lançados, como *Caderno de um ilhéu* (1956), de Jorge Barbosa, e *Chuva braba* (1956), o primeiro romance de Manuel Lopes. Segundo Pires Laranjeira, as obras desse período ainda não continham a influência da Negritude, importante movimento fundado por Aimé Césaire, Léopold Senghor e Léon Damas, que influenciaria decisivamente as colônias africanas em sua luta por independência.

Ao contrário do que ocorreu em Angola e Moçambique, os cabo-verdianos tiveram, nos anos 1940-1950, uma produção em livro que dava prestígio a seus autores, como no caso de Jorge Barbosa ou Baltasar Lopes, acolhidos pelos grupos da *Seara Nova* e da *Presença*, bem como por outras publicações de renome.

O período encerra-se com dois contos de Antônio Aurélio Gonçalves, *Pródiga* (1956), e *O enterro de Nhã Candinha Sena* (1957). Escritor independente dos sucessivos grupos e movimentos, Gonçalves baseou-se e inspirou-se em autores do século XIX cujos modelos literários o impressionaram, entre os quais destacam-se Balzac, Flaubert, Maupassant, Dostoiévski, Eça de Queirós e Cesário Verde. As figuras centrais de suas narrativas são sempre mulheres.

A segunda fase da *Claridade*

Após o lançamento do terceiro número de *Claridade*, em 1937, há uma pausa de dez anos na publicação da revista. Durante esse período, o grupo de editores e autores projetava lançar outra revista, com outro nome. Isso pode ser confirmado através da correspondência do período entre Jorge Barbosa e Manuel Lopes.

Em 1947, uma década depois do lançamento do terceiro número, ressurge a *Claridade* sob a forma de livro. No entanto, a revista será lançada em periodicidade irregular, com mais seis números em um hiato de 12 anos. O período mais longo sem publicação se dá entre 1949 e 1958, totalizando nove anos sem que nada viesse a público. A colaboração é diversificada, destacando-se: as noveletas de Antônio Aurélio Gonçalves, *Recaída* e *Noite de vento*, publicadas pela primeira vez, e ensaios de sua autoria; artigos de etnografia e folclore de Feliz Monteiro; estudos sobre o crioulo, de Baltasar Lopes, além de poemas e contos de Manuel Lopes e Baltasar Lopes. Nessa época são revelados ainda poetas como Corsino Fortes, Gabriel Mariano, Jorge Pedro Barbosa e Sérgio Frusoni, esses três últimos com poemas em crioulo.

Atividade 3

Atende aos objetivos 2 e 3

1. Cite qual o ponto inicial, ou seja, o marco fundador do chamado terceiro período da literatura de Cabo Verde e, dentre seus três autores principais, cite um deles.

2. Quais as principais premissas da revista *Claridade* e como ela expressou esses objetivos?

3. Além da revista *Claridade*, *Chiquinho* é considerado o romance fundador da moderna literatura cabo-verdiana. Qual o nome de seu autor e como ele expressava esse objetivo de uma moderna e diferente literatura cabo-verdiana?

Resposta comentada

1. O ponto inicial do chamado terceiro período da literatura de Cabo Verde é o lançamento da revista *Claridade*, em 1936, que tinha como fundadores Manuel Lopes, João Lopes, Baltasar Lopes e Jorge Barbosa.

2. As principais premissas da revista eram afastar-se dos cânones portugueses e exprimir a voz coletiva do povo cabo-verdiano naquilo que ele possuía de mais autêntico. Para isso, os dois primeiros números da revista começavam com poemas em crioulo.

3. O autor do romance *Chiquinho* é Baltasar Lopes. Na introdução do romance, Lopes colocou uma expressão em crioulo e sua tradução para o português. Era sua forma de valorizar o crioulo e apontar uma nova direção para a literatura cabo-verdiana da época.

Quarto período da literatura cabo-verdiana

Esse período, que se inicia com o lançamento do periódico *Suplemento Cultural*, vai de 1958 a 1966. A geração pertencente a esse período aparece identificada com uma postura mais incisiva em relação ao colonialismo. O professor Pires Laranjeira apelida esse momento de “cabo-verdianitude” pelo fato de esse movimento sofrer grande influência do já mencionado movimento da Negritude.

A geração de autores pertencente ao *Suplemento Cultural* marcou uma atitude radicalmente diferente em relação às gerações anteriores. Apesar de se referenciarem na maturidade literária da geração *Clari-dade*, os autores do *Suplemento Cultural* apresentam-se como autores da geração da *recusa* (a favores específicos ao sistema colonial) e que apostam na valorização da coletividade cabo-verdiana. O *eu* poético transforma-se em *eu-coletivo*, ou seja, *nós*, e o poeta se apresenta como porta-voz da dimensão cultural coletiva, identificando-se solidariamente com o povo cabo-verdiano.

Essa geração assumiria uma postura de combate, de revolta e de questionamento frente ao colonialismo, dando prosseguimento aos processos de independência que se alastravam pelo continente africano, em especial – e com atraso – nos países de colonização portuguesa.

Alguns nomes que fizeram parte do *Suplemento Cultural* do *Boletim de Cabo Verde* foram Gabriel Mariano, Ovídio Martins, Aguinaldo Fonseca, Terêncio Anahory e Yolanda Morazzo.

Como em outras colônias, o *Suplemento Cultural* foi a curta experiência de um único número que a censura proibiu. Embora breve, ele também teve forte reflexo na produção literária da década seguinte, revelando autores que estariam em evidência na década de 1960. Esses jovens autores se posicionaram em prol de uma maior conscientização da componente africana da cultura insular, juntamente com o reforço de um pensamento político anticolonial. Esse posicionamento, segundo Pires Laranjeira, constituiu uma ponte entre os neorrealistas e o engajamento do discurso independentista.

Algumas obras marcantes desta fase foram:

- 1959 - *Galo cantou na Baía*, de Manuel Lopes (contos);

- 1960 - *Os flagelados do Vento Leste*, de Manuel Lopes (romance)
 - *Toda a gente fala, sim, senhor*, de Onésimo Silveira (poemas e contos)
 - *Poemas cabo-verdianos*, de Teobaldo Virgínio;
- 1962 - *Hora grande*, de Onésimo Silveira (poemas e contos)
 - *Famintos*, de Luís Romano (romance)
 - *Caminhada*, de Ovídio Martins, CEI – Casa do Estudante do Império (poemas).

Vejam os dois poemas, de Ovídio Martins, que integram o livro *Caminhada*, dedicado a outros dois companheiros poetas cabo-verdianos que também estavam impregnados da luta anticolonial: Manuel Lopes e João Vário.

Flagelados do vento leste

Para Manuel Lopes, poeta e romancista patricio

Nós somos os flagelados do Vento Leste!
 A nosso favor
 não houve campanhas de solidariedade
 não se abriram os lares para nos abrigar
 e não houve braços estendidos fraternalmente
 para nós

Somos os flagelados do Vento Leste!

O mar transmitiu-nos a sua perseverança
 Aprendemos com o vento a bailar na desgraça
 As cabras ensinaram-nos a comer pedras
 para não perecermos

Somos os flagelados do Vento Leste!

[...]

Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos
 E as vozes solidárias que temos sempre
 Escutado
 São apenas
 as vozes do mar
 que nos salgou o sangue
 as vozes do vento

que nos entranhou o ritmo do equilíbrio
e as vozes das nossas montanhas
Estranha e silenciosamente musicais

Nós somos os flagelados do Vento Leste!
(MARTINS, 1962, p. 13-14).

Anti-evasão

Ao camarada poeta João Vário

Pedirei
Suplicarei
Chorarei

Não vou para Pasárgada

[...]

Gritarei
Berrarei
Matarei

Não vou para Pasárgada.
(MARTINS, 1962, p. 26).

Para Onésimo Silveira, em seu livro *Consciencialização da literatura cabo-verdiana*, esses poemas de Ovídio Martins não apenas traduzem

uma atitude de ativo inconformismo e de repúdio de situações decorrentes de uma ordem injusta, mas também são a denúncia da atitude contemplativa e idealista que constitui a essência da poesia evasãoista e se sublima no “Itinerário de Pasárgada”, de Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes). O final de “Anti-evasão” é a vinculação à ação consciente e reivindicativa com a aceitação total das consequências que ela implica, mesmo as havidas convencionalmente por ilegítimas (SILVEIRA, 1963, p. 29).

Em 1962, mais um suplemento é lançado por outro grupo de jovens: *Seló*, do *Notícias de Cabo Verde*. Dentre os colaboradores estavam Arménio Vieira, Osvaldo Osório, Mário Fonseca, Jorge Miranda Alfama.

Adotou-se incisivamente uma via literária que não deixava dúvidas em sua expressão da ansiedade e da revalorização cultural, do nacionalismo

e da liberdade, reforçando o discurso crítico da cabo-verdianidade, da cabo-verdianitude e da criouldade.

Na primeira metade da década de 1960, três poetas que viviam fora do arquipélago publicam livros que são paradigmas dessa poética engajada:

- 1963 - *Clima*, de Luís Romano;
- 1964 - *Noti*, de Kaoberdiano Dambara e
- 1965 - *Doze poemas de circunstância*, de Gabriel Mariano.

Quinto período da literatura cabo-verdiana

Nesse período, que vai de 1966 a 1982, o Universalismo assumido especialmente por João Vário abriu, muito mais cedo que nas outras colônias, a frente literária do intimismo, do abstracionismo e do cosmopolitismo, que só surgiria, em Angola e Moçambique, depois da independência.

Segundo Pires Laranjeira, em 1966, data do lançamento, em Coimbra, de *Exemplo geral*, de João Vário (pseudônimo de João Manuel Varela), seria inaugurado um momento de virada na literatura cabo-verdiana, apesar do pouco impacto na época.

Seria *Exemplo geral* que abriria uma verdadeira era de cosmopolitismo na literatura cabo-verdiana. João Vário ainda lançaria outros dois “exemplos”: *Exemplo relativo* (1968) e *Exemplo dúbio* (1975). Segundo Laranjeira, essas obras significam a liberdade de o poeta escrever do modo que lhe aprouver, com ou sem comprometimento ideopolítico com o texto.

Entre esses dois últimos “exemplos” de João Vário, três obras de cunho anticolonial seriam lançadas:

- 1971 - *Voz de Prisão*, de Manuel Ferreira;
- 1973 - *Gritarei, berrarei, matarei. Não vou para Pasárgada*, de Ovídio Martins e
- 1975 - *Caboverdianamente construção, meu amor*, também de Osvaldo Osório.

Observe-se que, a partir de 1975, já estamos tratando da literatura produzida no período pós-colonial, cujo estudo será sistematizado na Unidade 5 do nosso curso.

Sexto período da literatura cabo-verdiana

O sexto período da literatura cabo-verdiana vai de 1983 até a atualidade. Começa com uma fase de contestação, comum aos novos países, para gradualmente se afirmar como verdadeiro tempo de consolidação do sistema e da instituição literária. Veremos mais sobre esse período, que engloba a literatura pós-colonial, em aulas futuras.

Atividade 4

Atende aos objetivos 2 e 3

1. O lançamento do periódico *Suplemento Cultural* é considerado o marco inicial do quarto período da literatura cabo-verdiana. Qual característica diferencia os autores dessa geração dos autores da geração *Claridade*?

2. Apesar de importante e de ser o marco fundador de um novo período na literatura de Cabo Verde, o *Suplemento Cultural* só teve uma única edição. Explique o motivo para essa breve vida do periódico.

3. Quais as principais características do Universalismo, assumido especialmente por João Vário, no período que se inicia em 1966 e vai até pouco depois da independência (1982)?

Resposta comentada

A geração de autores pertencente à geração do *Suplemento Cultural* teve uma postura mais incisiva com relação ao colonialismo, diferente da geração *Claridade*, que valorizava a identidade cabo-verdiana sem contestar incisivamente a colonização portuguesa.

Como em outras colônias, o *Suplemento Cultural* foi uma experiência de curta duração, com um único número que o Estado Novo Português

censurou. O mesmo fato aconteceu nas outras colônias portuguesas como forma de frear o ímpeto independentista, incentivado, na maior parte das vezes, pelos escritores, poetas e intelectuais das antigas colônias.

O Universalismo abriu, em Cabo Verde, muito mais cedo que nas outras colônias, a frente literária do intimismo, do abstracionismo e do cosmopolitismo, em um momento em que a literatura era um importante e objetivo instrumento contra o colonialismo europeu em solo africano.

Resumo

O processo de colonização das ilhas de Cabo Verde deu-se através do sistema de capitanias hereditárias. O povoamento da região aconteceu com brancos portugueses e negros que vinham de outros territórios do continente africano, em especial, da Guiné. Em função disso, iniciou-se um processo de mestiçagem, que deu origem à população de cabo-verdianos. As misturas étnica e linguística seriam responsáveis pela criação de uma língua crioula que se enraizaria no local.

A primeira indústria a surgir e se estabelecer de modo autônomo na região, alimentada pela mão de obra africana, foi a indústria têxtil.

A publicação do romance *O Escravo* (1856), do português José Evaristo D'Almeida, é vista por alguns críticos como o marco inicial da literatura de ficção de Cabo Verde.

Há três datas referenciais, ainda no século XIX, que mapeiam os primeiros indícios de expressões escritas em Cabo Verde: a introdução do prelo (1842), o lançamento do primeiro livro – *O Escravo* (1856) e a criação do primeiro Liceu (1866).

Para alguns críticos e estudiosos, a literatura cabo-verdiana pode ser dividida em seis períodos. O primeiro, que vai das origens até 1925, é marcado pelas primeiras produções escritas no arquipélago. O segundo, chamado *período hesperitano*, é aquele que antecede a modernidade do movimento da *Claridade* (1936). O nome hesperitano advém do mito Hesperitano ou Arsinário, proveniente da Antiguidade Clássica. Os poetas criaram o mito poético para escaparem idealmente à limitação da pátria portuguesa. O Modernismo brasileiro, desenvolvido nas décadas de 1930 e 1940, foi recebido de forma especialmente sensível entre os

escritores africanos de Cabo Verde, também como forma de singularização dessa literatura.

A publicação de *Claridade* é o ponto inicial do terceiro período da literatura cabo-verdiana, que se estenderia até o ano de 1957. As principais premissas dessa revista eram afastar-se dos cânones portugueses e exprimir a voz coletiva do povo de Cabo Verde naquilo que ele possuía de mais autêntico. A grande contribuição da revista *Claridade* e de seus autores foi a realização de um novo modo de expressão, valorizando especialmente o *crioulo*, língua local. Em 1947, Baltasar Lopes (personagem central na literatura e na construção da “cabo-verdianidade”) lançaria aquele que é considerado o romance fundador da moderna literatura cabo-verdiana: *Chiquinho*. As obras da década de 1940 e 1950 ainda não continham influência do movimento da Negritude.

O quarto período inicia-se com o lançamento do periódico *Suplemento Cultural*. A geração pertencente a esse período aparece identificada com uma postura mais incisiva em relação ao colonialismo. Esse movimento, diferentemente do anterior, sofreu grande influência do movimento da Negritude.

O quinto período que marca a literatura cabo-verdiana vai de 1966 a 1982 e é caracterizado pelo Universalismo, assumido especialmente por João Vário. Sua importância está no fato de ter aberto, muito mais cedo que nas outras ex-colônias portuguesas, a frente literária do intimismo, do abstracionismo e do cosmopolitismo.

Finalmente, o último período, que compreende o ano de 1983 e vem até os nossos dias, é marcado por uma fase de contestação, comum aos novos países, para gradualmente se afirmar como verdadeiro tempo de consolidação do sistema e da instituição literária.

Aula 7

A cultura e a literatura no arquipélago
de São Tomé e Príncipe

*Claudia Amorim
Mayara Matos*

Meta

Apresentar o arquipélago de São Tomé e Príncipe, considerando seus aspectos históricos, culturais e literários, bem como a singularidade desse espaço africano de língua portuguesa.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as características particulares de São Tomé e Príncipe;
2. compreender suas multiplicidades cultural e literária;
3. conhecer os escritores mais representativos da literatura santomense, desde a formação até a independência do arquipélago.

Arquipélago de São Tomé e Príncipe: que espaço africano é esse?

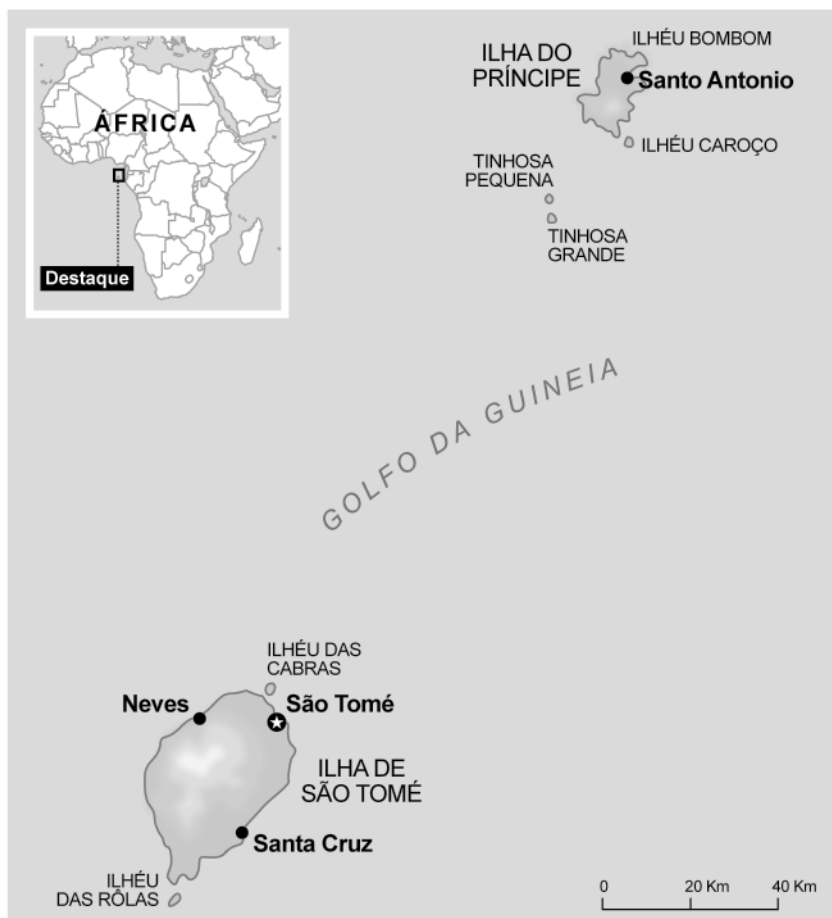


Figura 7.1: Na imagem acima, as pequenas ilhas de São Tomé e Príncipe.

Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tp-map.png>

A poetisa Alda do Espírito Santo define sua terra natal, São Tomé e Príncipe, como “duas cabecinhas de alfinete no Atlântico...” (SECCO, 2007, p. 136), o que identifica de modo singular a pequenez dessas ilhas. Em outra publicação literária, a própria autora apresenta a seus leitores tais espaços de modo também muito poético. É o que vemos no poema a seguir:

Ilha nua

Coqueiros e palmares da Terra Natal
 Mar azul das ilhas perdidas na conjuntura dos séculos
 Vegetação densa no horizonte imenso dos nossos sonhos.

Verdura, oceano, calor tropical
Gritando a sede imensa do salgado mar
No deserto paradoxal das praias humanas
Sedentas de espaço e devida
Nos cantos amargos do ossobô
Anunciando o cair das chuvas
Varrendo de rijo a terra calcinada
Saturada do calor ardente
[...]

Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/santo.html>>. Acesso em: 5 set. 2014.



Jim Scarff

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:African_emerald_cuckoo_\(Chrysococcyx_cupreus\)_in_tree.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:African_emerald_cuckoo_(Chrysococcyx_cupreus)_in_tree.jpg)

A figura do pássaro ossobô é uma referência literária recorrente no país desde o período identificado como o de literatura portuguesa de ultramar, tanto na poesia quanto na prosa de ficção, assim como no cancionero e no imaginário popular das ilhas. [...] Presente por todo o arquipélago de São Tomé e Príncipe, o ossobô, ou cuco esmeraldino, é apreciado pela beleza de seu canto e pelo colorido de sua plumagem. [...] É identificado ainda como o pássaro da chuva, por anunciar-lhe a vinda e o tempo bom que se firma depois das tempestades. Esta sua habilidade [...] traduziria, portanto, numa sensível metáfora, a própria consistência de grande parte da produção literária santomense. (QUEIROZ, 2008).

Nesse poema de Alda do Espírito Santo, as imagens geográficas que identificam as ilhas estão associadas ao aspecto metafórico que possuem. Assim, a poetisa procura apontar ao leitor características físicas desses espaços, mas também os aspectos poéticos que estão relacionados diretamente à história e à cultura desses lugares.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Que considerações você pode fazer sobre São Tomé e Príncipe a partir do poema “Ilha nua”?

Resposta comentada

Geograficamente, trata-se de um local de natureza exuberante, vegetação densa, mar azul e terra quente. O ossobó, pássaro presente em todo o arquipélago, adiciona beleza ao local. No entanto, esse “mar azul” esteve perdido na história da humanidade durante séculos. Esse “salgado mar” grita, ainda, imensamente, como numa tentativa esperançosa de poder ser visto politicamente.

Breve história do arquipélago de São Tomé e Príncipe

Após reflexão inicial de nossos estudos a partir do magnífico poema de Alda do Espírito Santo, vamos dar prosseguimento à nossa aula, com informações físicas, históricas e políticas das ilhas que aqui estudamos.



Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Flag_of_Sao_Tome_and_Principe.svg

A bandeira nacional da República Democrática de São Tomé e Príncipe foi adotada a 5 de novembro de 1975, após a independência do país. O triângulo vermelho simboliza a dura luta pela independência e as estrelas negras representam as duas principais ilhas do país, a de São Tomé e a de Príncipe. O verde representa a exuberante vegetação das ilhas e o amarelo, as suas riquezas, especificamente a resultante da produção do cacau.

A localização

São Tomé e Príncipe é um arquipélago constituído por duas ilhas de origem vulcânica, situadas junto à linha do Equador, ao largo da costa do Gabão, na região do Golfo da Guiné, a cerca de 300 km do continente africano. Em termos de extensão, é o menor estado africano, depois da República de Seychelles. A natureza convidativa, a beleza das praias, as paisagens e as condições do clima são fatores essenciais ao desenvolvimento do turismo na região.

As ilhas principais – ilha de São Tomé e ilha do Príncipe – estão rodeadas de vários ilhéus de pequena dimensão, entre os quais se destacam, nos arredores de São Tomé, o Ilhéu das Rolas, o Ilhéu das Cabras e as Sete Pedras e, nos arredores de Príncipe, o Ilhéu Bombom, o Boné

de Jockei, a Pedra da Galé, as Tinhosas e os Mosteiros. Todos esses ilhéus são quase desabitados, sendo ocupados apenas por pescadores, em temporadas de pesca. São Tomé é uma ilha equatorial cujas encostas a oriente e planícies litorais estão cobertas de plantações de cacau, lavradas de uma selva espessa e montanhosa na qual se encontram numerosos riachos. A ilha do Príncipe, que ocupa cerca de 15% da superfície do arquipélago, é majoritariamente revestida por floresta tropical e as suas costas são caracterizadas por numerosos recortes curvilíneos e sinuosos.



Figura 7.2: Na imagem acima, é possível perceber a pequenez das ilhas de São Tomé e Príncipe frente ao continente africano.

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gulf_of_Guinea_\(English\).jpg?uselang=pt-br](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gulf_of_Guinea_(English).jpg?uselang=pt-br)

A constituição histórica

Em 1470, Portugal iniciou o processo de colonização em São Tomé e Príncipe. Segundo a professora Carmen Tindó Secco (1999), acredita-se que João Santarém e Pêro Escobar foram os primeiros portugueses a chegar às ilhas, em dezembro de 1470 e janeiro de 1471, respectivamente. Não há certezas sobre o fato de o arquipélago ser habitado à época. De acordo com a autora, alguns historiadores atestam que, em fins do século XV, etnias autóctones viviam ao sul das ilhas, sendo que os portugueses ocuparam inicialmente apenas o norte delas.

Em 1493, as ilhas foram entregues ao capitão donatário Álvaro Caminha. A partir desse momento, iniciou-se o povoamento da região. Durante os anos seguintes, para São Tomé e Príncipe foram enviados

degradados lusos, alguns espanhóis (maior parte genoveses), crianças judias separadas dos pais e escravos oriundos da Guiné-Bissau, do Gâmbô, do Benin e do Manicongo. Também foram para lá alguns portugueses da ilha de Madeira. Essa diversidade de origens acabou por gerar uma intensa miscigenação, que se refletiu, inclusive, no emprego do idioma, sendo hoje ainda predominantes, ao lado do português, alguns falares crioulos, como o forro e o angolar, entre outros.

Como observa a professora Carmen Tindó Secco (2012),

Devido à existência de poucas mulheres brancas em São Tomé e Príncipe à época do povoamento, os portugueses passam a relacionar-se com escravas africanas, no intuito de, com os frutos dessa união, povoar a região. Tal descendência veio a constituir o grupo étnico mais importante da ilha de São Tomé: os forros ou filhos da terra, considerados, na atualidade, os representantes étnicos autenticamente santomenses. Esses e os angolares – descendentes de escravos angolanos vítimas do naufrágio de um navio negreiro por volta de 1546/1547 – são hoje os grupos étnicos existentes do arquipélago.

Com a colonização de São Tomé e Príncipe, iniciou-se a cultura da cana-de-açúcar. Para a plantação e exploração dessa cultura, era necessário criar engenhos para a extração da cana e, também, empregar a mão de obra escrava. Nesse sentido, houve desde cedo a escravização de africanos, que serviram desde 1500 até o século XIX como fonte de renda para a coroa portuguesa. As ilhas atuaram como entreposto comercial aos navios negreiros que comercializavam escravos mandados da África para a América.

O fim da escravidão no Brasil, grande mercado para o tráfico negreiro, trouxe instabilidade econômica para a colônia de São Tomé e Príncipe, que, desde o fim do século XVI, tinha como maior fonte de lucro o comércio escravo. Terminado esse período, introduziram-se nas ilhas os cultivos do café e do cacau. Com a pressão inglesa sobre o fim do regime escravocrata, o arquipélago adotou o regime do contrato, que substituiu a escravidão.

Ainda de acordo com Secco (2012),

portugueses e forros, que formavam a elite do arquipélago, passaram a importar serviçais de outras regiões africanas, inclusive de colônias portuguesas, para trabalharem nas roças pelo regime de contrato. Eles eram, assim, chamados de contratados. Contudo, devido a baixos salários e intensas obrigações, esses contratados acabavam numa relação de semiescravidão. Tal regime de mão de obra só passou a ser contestado na primeira metade do século XX, quando os movimentos de valorização do negro (Renascimento Negro, Negritude) iniciaram-se. Assim, estudantes africanos instalados em Lisboa e intelectuais africanos das colônias passaram a denunciar a opressão colonial.

Após quase cinco séculos de dominação, rompem os movimentos pela independência das colônias portuguesas na África, a exemplo das outras colônias africanas, a partir de 1960. Em 1972, surge o Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), que terá papel fundamental na negociação para a independência. Esta foi negociada em 1974 e a autonomia nacional de São Tomé e Príncipe foi obtida em 1975, quando se proclamou, em 12 de julho daquele ano, a independência, na Praça do Povo, em São Tomé, capital das ilhas.

Após essa conquista, o MLSTP assumiu o governo do país como partido único, tendo como presidente Manuel Pinto da Costa, eleito pela Assembleia Nacional, constituída após a queda do governo português.

Onde estão os homens caçados neste vento de loucura

(Em memória das vítimas do massacre de Batepá.
S. Tomé e Príncipe, 3 de fevereiro de 1953)

[...]

É a chamada da humanidade
cantando a esperança
num mundo sem peias
onde a liberdade
é a pátria dos homens...

Disponível em: <<https://caminhosdamemoria.wordpress.com/2009/02/04/o-massacre-de-batepa/>>. Acesso em: 12 maio 2015.



Figura 7.3: Noticiário do Massacre do Batepá em jornal santomense de 12/02/1953.

Fonte: <http://www.odisseiasnosmares.com/2011/10/sao-tome-e-principe-e-alvorada-de-abril.html>.

O massacre de Batepá, ocorrido em 1953, resultou da resistência à dura política de imposição de trabalho forçado nas colônias. O governo português pretendeu transformar à força os nativos em trabalhadores contratados nas plantações de café e de cacau. No entanto, centenas deles negaram-se a trabalhar sob tais condições nas lavouras e como escravos nas obras públicas.

À época, o governador português que administrava a colônia era Carlos Gorgulho. Em represália à resistência dos nativos, ele desencadeou um autêntico massacre que teve início no centro da ilha de São Tomé, nas zonas de Batepá, em Trindade.

Mas o auge desse massacre deu-se na praia de Fernão Dias, noroeste da ilha de São Tomé, no dia 3 de fevereiro de 1953. Estima-se que, entre fevereiro e março desse ano, houve cerca de 1000 mortos. Registraram-se mortes em cadeiras elétricas, homens lançados ao mar, pessoas asfixiadas, acorrentadas, mulheres violentadas, entre outras atrocidades, conforme se encontra documentado em jornais e fotos no Museu Nacional, que funciona no Forte de São Sebastião.

Para não deixar a história se perder e em honra dos combatentes nativos, é assinalado, a cada 3 de fevereiro, um feriado nacional. Em Fernão Dias, é realizado um ato central com missa solene, deposição de coroa de flores e um discurso do Presidente da República, entre outras atividades.

Dia 4 de janeiro: o dia do rei Amador, feriado nacional

Outra data também importante para o povo santomense é o dia 4 de janeiro, quando, em 1595, houve uma grande revolta de escravos em São Tomé e Príncipe contra os desmandos da coroa portuguesa, sendo liderada por Amador, figura emblemática da história do arquipélago.

Em discurso proferido em comemoração ao dia do rei Amador, Jorge Bom Jesus, ministro da Educação, Cultura e Formação, declarou que todos têm o dever de preservar a memória coletiva, recordando para compreender o passado e se preparar para o futuro.



O feriado nacional do dia 4 de janeiro é em homenagem ao rei Amador, líder da revolta de escravos que se deu em 1595. Gerhard Seibert afirma que

Segundo a mitologia pós-colonial em São Tomé e Príncipe, o Rei Amador, representado nas notas bancárias do país, era rei dos angolares. A todos os visitantes do arquipélago interessados na sua história, conta-se essa lenda, que foi divulgada desde a independência. No pequeno texto “Esboço histórico das Ilhas de S.Tomé e Príncipe”, publicado em 1975 e atribuído ao historiador Carlos Neves, lemos que “A 9 de julho de 1595 o célebre Amador, à frente dos Angolares, levanta o estandarte da revolta, mas é preso e morto em 1596.” (SEIBERT, 2004).

A geografia

A natureza no arquipélago de São Tomé e Príncipe é bastante generosa e exuberante. Segundo um *site* de turismo local,

O arquipélago apresenta um cenário imponente e majestoso resultante da exuberante vegetação tropical que constitui a sua principal referência paisagística, encontrando-se, por entre a

imensidão do verde, inúmeros vales, rios e riachos com cenários de rara beleza.

O relevo é muito acidentado, com altitudes que ultrapassam os mil metros, atingindo mesmo cerca de 2024 m de altitude no pico de S. Tomé, o ponto mais alto do arquipélago, região na qual se destacam ainda outros picos, como o Calvário, Cabumbé, Cão Grande e o Pico do Príncipe. (SOBRE São Tomé e Príncipe, 20--).

As bases cultural e econômica

A cultura de São Tomé e Príncipe é oriunda de um mosaico de referências, sendo, consequentemente, bastante rica. A população santomense resulta da miscigenação entre portugueses e nativos oriundos da costa do Golfo da Guiné, Angola, Cabo Verde e Moçambique. Sua riqueza cultural advém daí e se manifesta no folclore, na língua, na dança, na música, no seu ritual e na gastronomia, por exemplo.



Figura 7.4: O cacau, principal matéria-prima de exportação das ilhas de São Tomé e Príncipe.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Theobroma_cacao-frutos.jpeg

O cacau de São Tomé e Príncipe é, na opinião de muitos especialistas, o melhor do mundo. Alguns dos melhores chocolates do mundo usam esse cacau!

A demografia

Segundo dados pesquisados no *site* do Observatório dos Países de Língua Oficial Portuguesa, o arquipélago de São Tomé e Príncipe, desde sua independência, em 1975, realizou três recenseamentos. No ano de 2013, o Instituto Nacional de Estatísticas (INE) divulgou os dados do IV Recenseamento Geral, realizado em maio de 2012. Ao longo de 2013, o INE apurou e avaliou os dados coletados no ano anterior, chegando à conclusão de que a população atual do país era de 178.739 habitantes. Os novos números indicavam também, no geral, uma melhoria nas condições de vida da população santomense.

Segundo os dados apresentados, dos 178.379 habitantes, 89.872 são mulheres e 88.867 são homens. Em relação também aos dados de 2001, 47,7% das famílias tinham acesso à energia elétrica. Agora, o número subiu para 57,9%.

[...]

No que concerne ao âmbito do trabalho, São Tomé e Príncipe alcançou ligeira melhora em relação aos números anteriores. Segundo o recenseamento realizado em 2001, a taxa de desemprego era de 14,5%. No censo referente a 2012, a taxa alcançou a marca de 13,8%.

[...]

No campo religioso, a maioria esmagadora ainda é vinculada ao catolicismo, com 57,7% da população. 4,1% afirmam pertencer à igreja Adventista e 3,4% professam a fé na Assembleia de Deus. Mas 21,2% declararam não ter nenhuma religião. (OBSERVATÓRIO DOS PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA, 2013).

A constituição política

“A 12 de Julho de 1975, sob a direção do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), o povo santomense alcançou a sua Independência Nacional e proclamou a República Democrática de São Tomé e Príncipe”. Assim começa o texto da Constituição da República de São Tomé e Príncipe. Observe-se que ela faz referência ao Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe, que se organizou ainda no regime colonial, com vistas à independência da colônia.

O sistema de governo local é uma república semipresidencialista democrática representativa. Nesse sistema, o presidente é o chefe de estado e o primeiro-ministro é o chefe de governo.



Figura 7.5: Localizado na capital, São Tomé, temos o Palácio Presidencial de São Tomé e Príncipe, residência oficial do presidente da república.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sao_tome_palace.jpg?uselang=pt-br

A Constituição de 2003 é a principal lei do país, tendo sido adotada pela Lei nº1/03, de 29 de janeiro.

Segundo a legislação denominada “Lei da Divisão Administrativa”, de 21 de Novembro de 1980, que definiu a organização territorial do país, com fins políticos e administrativos, este ficou dividido em sete distritos (Água Grande, Cantagalo, Caué, Lembá, Lobata, Mé-Zochi, Pague), sendo seis para São Tomé, e um para o Príncipe, com órgãos administrativos próprios (Câmaras Distritais). A ilha do Príncipe atualmente possui um estatuto de Região Autônoma. Cada distrito subdivide-se em aglomerações (cidades e vilas) e estas em localidades (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 20--).

Leia, a seguir, com atenção, a letra do hino nacional da República Democrática de São Tomé e Príncipe:

Independência total

Independência total
Glorioso canto do povo
Independência total
Hino sagrado combate
Dinamismo
Na luta nacional
Juramento eterno
No país soberano
De São Tomé e Príncipe
Guerrilheiro da guerra sem armas na mão
Chama viva na alma do povo
Congregando os filhos das ilhas
Em redor da Pátria Imortal
Independência total, total e completa
Construindo no progresso e na paz
A Nação mais ditosa da terra
Com os braços heroicos do povo
Independência total
Glorioso canto do povo
Independência total
Hino sagrado combate
Trabalhando, lutando e vencendo
Caminhamos a passos gigantes
Na cruzada dos povos africanos
Hasteando a bandeira nacional
Voz do povo, presente, presente em conjunto
Vibra rijo no coro da esperança
Ser herói na hora do perigo
Ser herói no ressurgir do país
Independência total
Glorioso canto do povo
Independência total
Hino sagrado combate
Dinamismo
Na luta nacional
Juramento eterno
No país soberano
De São Tomé e Príncipe

Disponível em: <<http://letras.mus.br/hinos-de-cidades/136763/>>.

Acesso em: 5 set. 2014.



Alda do Espírito Santo (1926-2010)

Poetisa santomense, também conhecida por Alda Graça. Recebeu educação escolar em Portugal, onde chegou a frequentar a universidade, que acabou por abandonar, em parte devido às suas atividades políticas, mas também por motivos econômicos. Regressada a S. Tomé, veio a trabalhar como professora. Foi uma das mais conhecidas poetisas africanas de língua portuguesa, tendo ocupado cargos de relevo nos governos de São Tomé e Príncipe, como o de Ministra da Educação e Cultura, Ministra da Informação e Cultura, tendo sido igualmente deputada (OCEANO DE LETRAS, 2012).

O hino “Independência total”, de São Tomé e Príncipe, foi escrito pela poetisa **Alda do Espírito Santo**, com música de Heitor Villa-Lobos.

A babel linguística

Com a diversidade populacional que caracterizou a ocupação do arquipélago de São Tomé e Príncipe, era natural que ali houvesse uma notável diversidade linguística. Assim, mesmo com espaço geográfico limitado e reduzido número de habitantes, as ilhas de São Tomé e Príncipe são autênticas ilhas de Babel. Além da língua oficial, o português, com maior ou menor variação local, são igualmente faladas três línguas crioulas autóctones, designadamente o *Santome* ou *Forro* (língua de S. Tomé) e o *Angolar* (língua dos angolares), ambos falados na ilha de S. Tomé, e o *Lung'ie* (língua da ilha), falado na ilha do Príncipe, bem como o *crioulo de Cabo Verde*, o *português dos tongas* e resquícios de línguas do grupo *bantu* (BAPTISTA, 2013).

Segundo Patrícia Ribeiro,

a diversidade linguística do país insular decorre, basicamente, de dois momentos históricos: o primeiro tem início em 1493 com a habitação e o povoamento definitivo, estendendo-se até 1520 com a exploração da cana-de-açúcar; o segundo momento vai de 1520 e alonga-se até o fim do século XVI, quando o açúcar entra em declínio. No período de povoamento, com a vinda dos escravos africanos surgiram as línguas crioulas. Devido às atividades econômicas, houve aproximação entre os portugueses e os contratados africanos, que, pela necessidade de comunicação, aprenderam a língua dos colonizadores (RIBEIRO, 2009).

Atividade 2

Atende aos objetivos 1 e 2

Até aqui, vimos apresentando o território de São Tomé e Príncipe, de modo que você compreenda sua configuração geográfica, histórica e política. Sem retornar ao texto, redija o que vem a sua cabeça sobre esse país quando você observa os itens abaixo:

- geografia de São Tomé e Príncipe;

- mito do rei Amador;

- aspectos linguísticos do arquipélago.

Resposta comentada

Vamos começar lembrando a geografia de São Tomé e Príncipe. Como falamos ao longo desta aula, o país é um arquipélago formado por duas ilhas que estão juntas à linha do Equador, a cerca de 300 km do continente africano, rodeadas por pequenos ilhéus, sendo estes quase desabitados. A ilha de São Tomé está coberta por plantações de cacau, além de uma selva espessa e montanhosa, enquanto a ilha do Príncipe está revestida por uma floresta tropical e suas costas possuem numerosos recortes curvilíneos e sinuosos.

Quanto ao mito do rei Amador, lembremo-nos de que, para a mitologia pós-colonial, este era o rei dos angolares – descendentes de escravos angolanos vítimas do naufrágio de um navio negreiro –, que foi o líder da revolta dos escravos em 1595. Em sua homenagem, é decretado feriado nacional no dia 4 de janeiro.

E para concluir nossa atividade, recordemos os aspectos linguísticos desse arquipélago. Sua língua oficial é o português, mas também são faladas três outras línguas crioulas: o santome ou forro, o angolar, ambos

em São Tomé, e o lung'ie, falado na ilha do Príncipe. São muitos falares para um país tão pequeno, sinal de sua riqueza cultural, não é mesmo?

Breve panorama literário de São Tomé e Príncipe

Os primeiros indícios das literaturas africanas de língua portuguesa vêm de meados do século XIX na maior parte das ex-colônias portuguesas em África:

Em relação a São Tomé e Príncipe, há que considerar a existência de dispersos do poeta de expressão dialetal (forro), Francisco Stockler. [...] de qualquer modo, pode afirmar-se, isso sim, que as cinco literaturas surgem, com expressão verdadeiramente autónoma, no século XX. Mas ainda aqui haveria que definir etapas cronológicas diferenciadas para cada uma delas. (FERREIRA, 1979, p. 39-40).

Manuel Ferreira (1979) argumenta, ainda, que, nos espaços africanos colonizados pelos portugueses, a produção literária passa por alguns momentos e isso é notável, como não poderia deixar de ser, na literatura santomense. Ferreira destaca que, em um primeiro momento, o escritor está em estado absoluto de alienação. Os seus textos poderiam ter sido produzidos em qualquer outra parte do mundo: é o momento da alienação cultural. Ao segundo momento corresponde a fase em que o escritor manifesta a percepção da realidade. O seu discurso revela a influência do meio, bem como os primeiros sinais de sentimento nacional: a dor de ser negro, o negrismo e o indigenismo.

Primeiro momento da literatura

No final do século XIX, graças ao advento jornalístico, a literatura santomense concebeu suas primeiras letras. Nas páginas dos periódicos *O Africano*, *A voz d'África*, *O Negro*, *A Verdade*, *Correio d'África*, encontravam-se poemas dispersos.

As primeiras publicações surgiram na década de 1880. Em crioulo, apareceram poemas como “Forro”, de Francisco Stockler, enquanto em

obras como *História etnográfica da ilha de São Tomé*, de **Almada Negreiros**, exaltava-se a beleza da flora e da fauna local.

O livro *Equatoriais* (1896), de Almada Negreiros, contém uma poesia que realça um memorialismo vivido pelo artista, quando vivia em São Tomé. O ensaísta e estudioso Manuel Ferreira aponta a obra poética *Equatoriais* como a mais antiga obra literária relacionada com o arquipélago de São Tomé e Príncipe.

Foi com Caetano da Costa Alegre que o sistema literário de São Tomé e Príncipe se iniciou. Apesar de valorizar a cor negra, Costa Alegre foi portador de uma voz exótica, típica do negrismo literário, que abarcava o tema do negro sem, no entanto, dar-lhe voz. Em sua temática, o mar também foi abordado, ainda que sob a perspectiva eurocêntrica. A língua e a forma dos versos assemelhavam-se à moda lusitana.

A literatura colonial exalta o homem europeu como o herói mítico, desbravador das terras inóspitas, portador de uma cultura superior. Em São Tomé e Príncipe, usam-se duas línguas: a portuguesa e a crioula. Cabe ressaltar que o crioulo falado em São Tomé e Príncipe era, à época, e ainda hoje é chamado de forro – denominação dada tanto à língua quanto aos naturais da terra – por ser usado primeiramente pelas camadas mais pobres e iletradas, já que a língua portuguesa era falada apenas pela burguesia mestiça ou negra que lá se formava. Após a independência, o crioulo adquiriu autonomia e passou a ser valorizado e falado em todas as camadas sociais de São Tomé e Príncipe. (FERREIRA, 1979, p. 42).

Francisco Stockler

Francisco Stockler, filho de Ignácio Garção Stockler (natural da Bahia) e de Lourença Graça Costa, nasceu em 1834, na ilha de São Tomé e foi educado em Lisboa. Concluiu o curso do Liceu Nacional e matriculou-se na Escola Politécnica. Foi nomeado professor público e teve de regressar à sua pátria para tomar posse desse cargo. Veio a falecer no dia 2 de janeiro de 1881 em São Tomé, com apenas 47 anos de idade (PONTES, 2008).

Stockler filia-se à escola ultrarromântica portuguesa dos finais do século XIX, segundo alguns críticos. Em seus espólios, foram encontrados poemas dispersos, alguns escritos em crioulo-forro – dialeto usado na ilha de São Tomé –, que foram publicados no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, nos anos 1880. Outros escritos foram

José Sobral de Almada Negreiros (1893-1970)

Um dos vultos do modernismo português, Almada Negreiros nasceu em Trindade (São Tomé e Príncipe) e morreu em Lisboa. Passou seus primeiros anos no arquipélago, mas, em razão do trabalho de seu pai, foi bem novo para Lisboa, onde permaneceu internado no Colégio Jesuíta de Campolide até cerca de 1910. Foi pintor, poeta, dramaturgo, conferencista, desenhador, vitralista, romancista e ensaísta. Além disso, foi um dos fundadores da revista *Orpheu* (1915), veículo de introdução do modernismo em Portugal, país onde conviveu com Fernando Pessoa, Sá-Carneiro, entre outros.

publicados ainda na *História etnográfica da ilha de São Tomé*, em 1895, de autoria de Almada Negreiros.

Os poemas de Stockler exaltam a vegetação e a fauna da ilha de São Tomé, além de mostrarem também a sensibilidade do poeta diante dos desconcertos da vida e do mundo.

Leia, com atenção, um desses poemas:

Ó beleza d'Ultramar
Do Eterno almo primor!
Quem pode sem te adorar,
Ver-te assim... sonora flor!
Quem pode ver a expressão
Do teu peregrino olhar...
Sem sentir o coração
De cego amor palpitar?

Ó rainha do equador
Mimosa filha de Deus!
És d'África o esplendor
A estrela dos líbios céus!
Teu rosto que o Criador,
Formou com tão sábia mão,
Embora de baça cor
É o primor da criação.

(STOCKLER apud PONTES, 2008, p. 4).

Atividade 3

Atende ao objetivo 2

Observe a imagem de beleza realçada no poema apresentado de Francisco Stockler e compare-o à beleza camoniana.

Resposta comentada

A beleza aqui realçada destoa da beleza camoniana, branca. O poema destaca a beleza ultramarina/africana. Nesse sentido, autentica-se a beleza

africana, identificando África como aquela que é singular desde o momento de sua criação.

Francisco Stockler também escreveu em prosa. Dessa modalidade escrita, destacam-se os trabalhos: *A chegada de S. Ex.º o governador da província*; *Pais de família*; *Os angolares*; *O povo dos angolares*.

Caetano da Costa Alegre

É com Caetano da Costa Alegre (1864-1890), cujos versos haviam sido publicados dispersamente nos últimos anos do século XIX, no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, que as manifestações literárias de São Tomé e Príncipe começam a delinear-se como sistema literário. Costa Alegre nasceu no seio de uma família crioula em São Tomé e, em 1888, mudou-se para Lisboa, a fim de frequentar a escola de Medicina.

O escritor é considerado o primeiro poeta importante do arquipélago, justamente por ter incorporado em sua poesia o negrismo da literatura africana de língua portuguesa.

O negrismo na obra poética de Costa Alegre é a expressão de uma alienação do autor diante da forte carga racista da sua época. Ele produz uma poesia influenciada pelo racismo de que era vítima. Por ser negro e viver numa sociedade com elevado índice de racismo, o poeta forja, na sua obra, temas sobre o racismo como argumentos de defesa.

Se o negrismo de Costa Alegre era a expressão de submissão do negro ao racismo, a negritude surge no sentido oposto, ou seja, trata-se da valorização e exaltação dos valores e, sobretudo, do homem negro.

96 dos poemas de Costa Alegre foram publicados após a sua morte por Artur da Cruz Magalhães, em 1916, com o título de *Versos*.

Segundo Manuel Ferreira, “*Versos* fica como o primeiro e único texto em que o problema da cor da pele atua como motivo – e de uma forma obsessivamente dramática” (1977). Conforme comenta Inocência Mata,

é uma obra que já indica uma incipiente percepção das diferenças ráticas, estruturada em metáforas antitéticas, com uma dimensão autocontemplativa e de pendor nativista (pela valorização da cor negra). (MATA, 1995, p. 336).

Como se pode observar, a obra poética de Costa Alegre marca o início de uma produção literária tipicamente santomense. Embora tenha partido cedo, seu legado poético foi marcante para a literatura do país.

Vejamos agora dois poemas de Caetano da Costa Alegre:

A negra

Negra gentil, carvão mimoso e lindo
Donde o diamante sai,
Filha do sol, estrela requeimada,
Pelo calor do Pai,

Encosta o rosto, cândido e formoso,
Aqui no peito meu,
Dorme, donzela, rola abandonada,
Porque te velo eu.

Não chores mais, criança, enxuga o pranto,
Sorri-te para mim,
Deixa-me ver as pérolas brilhantes,
Os dentes de marfim.

No teu divino seio existe oculta
Mal sabes quanta luz,
Que absorve a tua escurecida pele,
Que tanto me seduz.

Eu gosto de te ver a negra e meiga
E acetinada cor,
Porque me lembro, ó Pomba, que és queimada
Pelas chamas do amor;
[...]

Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/s_tome_principe/caetano_de_costa.html>. Acesso em: 14 abr. 2015.

Cantares santomenses

(A meu tio Jerônimo José da Costa)

Branca a espuma e negra a rocha,
Qual mais constante há-de ser,
A espuma indo e voltando,
A rocha sem se mexer?

Não creias que em teu jazigo
Alguém parta o coração,
No mundo quem morre, morre,

Quem cá fica come pão.

Não me dizem quanto tempo
Tenho ainda que viver,
Ficava ao menos sabendo
Quando finda o meu sofrer.

Se eu me casasse contigo,
Fazia um voto de ferro,
De deixar-te unicamente
No dia do meu enterro.

Todos me dizem: “esquece
Essa paixão, que te abrasa”.
Que serve fechar a porta
Ao fogo que tenho em casa?

Não havia tanta cara
De asno, de tolo e pedante,
Se falasse, quem censura,
Com um espelho adiante.

[...]

Por teu desdém não me mato,
Não faço tamanha asneira,
Se o meu amor tu não queres,
Há muita gente que o queira.

Quem pode num campo vasto
O joio apartar dos trigos?
Quem conhece dentre os falsos
Os verdadeiros amigos?

Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/s_tome_principe/caetano_de_costa.html>. Acesso em: 14 abr. 2015.

Segundo momento da literatura

Num segundo momento do panorama literário de São Tomé, já na primeira metade do século XX, aparece Marcelo da Veiga, poeta cujos versos percorreram várias fases dessa literatura. Nos anos 1920, seus primeiros poemas eram líricos, ultrarromânticos. Enfocavam a saudade, o amor, a mulher, a natureza, o mar. Entre 1930-40, sua produção buscou a identidade cultural das ilhas. Seu discurso foi patriota, defensor exímio da africanidade. Usou a palavra como denúncia da exploração dos negros, da violação do solo insular, do colonialismo.

Marcelo da Veiga

Cantando as vivências culturais das ilhas, assim como as paisagens e as linguagens nativas, Marcelo da Veiga abriu caminho para outros poetas, tais como Francisco José Tenreiro, Alda do Espírito Santo, Tomás Medeiros e Maria Manuela Margarido.

Esses poetas vincularam sua poesia a uma ideologia estética que intentava a construção de uma identidade cultural a nível nacional. Para isso, sustentavam um discurso de combate social, contrário ao colonialismo, denunciador da exploração desse sistema, da precariedade socioeconômica devida à monocultura do cacau e do café, do regime do contrato e do drama dos contratados.

Vejamos um poema de Marcelo da Veiga em que a negritude já desponta.

Epicédio

‘Filhos! a pé! a pé! que é já manhã!
Esta África em que quem quer dá coò pé
Esta negra África escarumba, olé!
Não a qèremos mais sob o jugo de alguém,
Ela é nossa mãe!

(VEIGA apud FERREIRA, 1977).

Francisco José Tenreiro

Francisco José Tenreiro nasceu em São Tomé, no ano de 1921. Em 1942, é publicada a sua obra *Ilha de nome santo*, considerada um dos marcos da poesia santomense. Muitos críticos apontam a importância da poética de Tenreiro e o consideram o primeiro poeta a imprimir a ideia da negritude na poesia africana de língua portuguesa.

Esse tema, na obra em questão, orienta uma produção poética voltada para as realidades de vida do homem africano, esteja ele em seu solo nativo ou deslocado de seu espaço natural, mas sempre vivendo com o “coração em África”.

O poeta Francisco José Tenreiro foi considerado o primeiro poeta da Negritude de língua portuguesa. Coube a ele, junto ao angolano Mário Pinto de Andrade, a publicação do *Caderno de poesia negra de expressão portuguesa*, em 1953, pela Casa dos Estudantes do Império, que se localizava em Lisboa. Esta obra marcou o

início da produção poética africana em língua portuguesa. Seu primeiro livro, *Ilha de nome santo*, data de 1942. A poética de Tenreiro percorre várias temáticas: a da contestação social; a do discurso pátrio mestiço; a da negritude, em que em grande parte denuncia a discriminação negra. (FERREIRA, 1979, p. 43).

Vejamos, a seguir, um fragmento do poema “Coração em África”, no qual a temática da negritude está presente.

Coração em África

Caminhos trilhados na Europa
de coração em África.
Saudades longas de palmeiras vermelhas verdes amarelas
tons fortes da paleta cubista
que o sol sensual pintou na paisagem;
saudade sentida de coração em África

ao atravessar estes campos do trigo sem bocas
das ruas sem alegria com casas cariadas
pela metralha míope da Europa e da América
da Europa trilhada por mim negro de coração em África.
[...]

Caminhos trilhados na Europa
de coração em África.
De coração em África com o grito seiva bruta dos poemas de Guillén
de coração em África com a impetuosidade viril de I too am America
[...]

De coração em África trilho estas ruas nevoentas da cidade
de África no coração e um ritmo de be bop be nos lábios
enquanto que à minha volta sussura olha o preto (que bom) olha
um negro (ótimo) olha um mulato (tanto faz) olha um moreno
(ridículo)
e procuro no horizonte cerrado da beira-mar
cheiro de maresias distantes e areias distantes
com silhuetas de coqueiros conversando baixinho à brisa da tarde
De coração em África na mão deste Negro enrodilhado e sujo
de beira-cais
vendendo cautelas com a incisão do caminho da cubata perdida
na carapinha alvinitente;
de coração em África com as mãos e os pés trambolhos disformes
e deformados como os quadros de Portinari dos estivadores do mar
e dos meninos ranhosos viciados pelas olheiras fundas as fomes
de Pomar

vou cogitando na pretidão do mundo que ultrapassa a própria
cor da pele
dos homens brancos amarelos negros ou às riscas
e o coração entristece à beira-mar da Europa
da Europa por mim trilhada de coração em África;
e chora fino na arritmia de um relógio cuja corda vai estalar
soluça a indignação que fez os homens escravos dos homens
mulheres escravas de homens crianças escravas de homens ne-
gros escravos dos homens
[...]
(TENREIRO, 1982, p. 124).



Francisco José Tenreiro, em parceria com o angolano Mário Pinto de Andrade, organizou o célebre *Caderno de poesia negra de expressão portuguesa*, lançado em Lisboa, em 1953. A publicação, uma pequena antologia de poetas de Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe, conta com um poema do cubano Nicolás Guillén, a quem o caderno é dedicado, e tem como objetivo fundamental propor uma reflexão sobre o que se deveria entender por negritude na África sob dominação portuguesa.
[...]

A obra poética de Tenreiro foi, desde sempre, uma leitura obrigatória para todos que participaram dos movimentos sociais, políticos e literários que geraram, em Lisboa, sobretudo a partir da década de 1950, organizações como a Casa dos Estudantes do Império (CEI) e o Centro de Estudos Africanos, de que Tenreiro foi um dos fundadores, em 1951. (FONSECA; MOREIRA, 20--).

Atividade 4

Atende aos objetivos 2 e 3

A partir da leitura do fragmento de “Coração em África”, de Francisco José Tenreiro, e das informações básicas sobre esse poeta, diga qual sua grande preocupação nesse poema.

[illegible]**Resposta comentada**

Podemos observar, no poema apresentado, uma grande preocupação do autor em trazer para a literatura a questão dos negros e mestiços, que são retrato de uma África de várias formas e perspectivas etnoculturais. Além disso, o poeta direciona seus conhecimentos e esforços para pensar a identidade da África, mudando a visão racial que se tinha até então do continente e posicionando-se contra a opressão sofrida pelos colonizados perante os europeus.

Leia agora, atentamente, mais um poema de Francisco José Tenreiro, este de 1942.

Canção do mestiço

Mestiço

Nasci do negro e do branco
e quem olhar para mim
é como que se olhasse
para um tabuleiro de xadrez:
a vista passando depressa
fica baralhando cor
no olho alumbrado de quem me vê.

Mestiço!

E tenho no peito uma alma grande
uma alma feita de adição.

Foi por isso que um dia
o branco cheio de raiva
contou os dedos das mãos
fez uma tabuada e falou grosso:
– mestiço!
a tua conta está errada.
Teu lugar é ao pé do negro.

Ah!
Mas eu não me danei...
e muito calminho
arrepanhei o meu cabelo para trás
fiz saltar fumo do meu cigarro
cantei alto
a minha gargalhada livre
que encheu o branco de calor!...

Mestiço!
[...]

(TENREIRO apud COLLETI, 2006, p. 20-21).

Leia, agora, a citação de Hussel Hamilton, a respeito da poética do escritor em questão:

Ocupando uma posição simultaneamente contestatória e conciliatória, Tenreiro, como africano, intelectual e poeta (também contista), defendia a negritude como uma espécie de metáfora. A metáfora na sua forma poética e intimista – e o intimismo é uma metáfora pela colectividade – serve como medianeira entre a componente instrumental e o elemento sentimental inerente à consciencialização do colonizado em busca da sua realização dentro dos limites da ordem política. Além do mais, a poesia de Tenreiro serve como medianeira entre a especificidade etnocultural do “filho-da-terra” e o panafricanismo de um indivíduo emaranhado nas teias do supranacionalismo e da macroetnicidade do estado português. (HAMILTON, 1984, p. 249).

Alda do Espírito Santo

Alda do Espírito Santo (Alda Graça) também figura em todas as antologias de poesia africana de língua portuguesa. Seus textos têm a diferença racial e a exploração colonial como pano de fundo. O livro *É nosso o solo sagrado da terra: poesia de protesto e luta* (1978) caracteriza-se por uma grande dose de combatividade e por grande profundidade lírica, além de descrever, com traços sensíveis, a vida dos habitantes de São Tomé.

Leia, com atenção, os dois poemas seguintes de Alda do Espírito Santo.

Para lá da praia

Baía morena da nossa terra
vem beijar os pezinhos agrestes
das nossas praias sedentas,
e canta, baía minha
os ventres inchados
da minha infância,
sonhos meus, ardentes
da minha gente pequena
lançada na areia
da Praia Gamboa morena
gemendo na areia
da Praia Gamboa.

Canta, criança minha
teu sonho gritante
na areia distante
da praia morena.

[...]

– Ai peixe à tardinha
na minha baía...
Mamã minha serena
na venda do peixe.

Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/santo.html>>. Acesso em: 7 set. 2014.

Em torno da minha baía

Aqui, na areia,
Sentada à beira do cais da minha baía
do cais simbólico, dos fardos,
das malas e da chuva
caindo em torrente
sobre o cais desmantelado,
caindo em ruínas
eu queria ver à volta de mim,
nesta hora morna do entardecer
no mormaço tropical
desta terra de África
à beira do cais a desfazer-se em ruínas,
abrigados por um toldo movediço
uma legião de cabecinhas pequenas,
à roda de mim,

num voo magistral em torno do mundo
desenhando na areia
a senda de todos os destinos
[...]
(ESPÍRITO SANTO apud SECCO, 2002, p. 98-99).

Atividade 5

Atende ao objetivo 3

Relacione as palavras da pesquisadora Carmen Tindó Ribeiro Secco, transcritas em seguida, ao poema “Em torno da minha baía”, de Alda do Espírito Santo, destacando palavras e/ou expressões que sinalizem a esperança em um futuro menos sofrido.

Embora a poética da autora seja marcada pelos sonhos e idealize para as crianças um mundo de alegrias e flores, os sujeitos poéticos de diversos poemas seus têm consciência das ruínas da História. E é “sentada à beira do cais da sua baía”, “do cais simbólico a desfazer-se em ruínas”, que a voz enunciativa, assumindo sua condição feminina, reflete sobre a importância de seu povo poder reaprender, depois de séculos de opressão, lições de humanidade. (SECCO, 2008, p. 11).

Resposta comentada

A expressão “uma legião de cabecinhas pequenas” é utilizada pela autora para simbolizar a esperança que trazem as crianças, já que elas iluminam a possibilidade de diferente porvir. Outra imagem singular é identificada pela expressão “uma história bela”, que deveria ser pintada na tela do futuro de São Tomé e Príncipe e que pudesse ser identificada pela humanidade como “uma grande lição”, ainda que nós, leitores, tenhamos consciência dessa utopia.

Alda do Espírito Santo é um importante nome da literatura santomense, não só pelo legado literário, mas pela sua franca atuação na vida pública e política do país. Criou a União dos Escritores e Artistas Santomenses, trabalhou na criação de novos valores para a cultura literária do país, além de ter sido uma figura emblemática da luta pela independência. A poetisa faleceu no ano de 2010, em Luanda, aos 83 anos, vítima de prolongada doença.

Tomás Medeiros

O médico e ativista político António Alves Tomás Medeiros nasceu em São Tomé em 1931, viveu em Angola, Gana, Argélia e finalmente instalou-se em Portugal, onde reside até hoje. Tomás Medeiros se destacou politicamente e, quando jovem, foi dirigente da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, onde dirigiu a *Revista Mensagem*. Sua atuação política levou-o a ser cofundador do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), lutando pela independência dos países africanos colonizados por Portugal.

A poesia de Tomás Medeiros está publicada em várias antologias. Em prosa, ele publicou, em 2003, *O automóvel do engenheiro Dlakamba e A verdadeira morte de Amílcar Cabral*, que é, segundo a sua editora, Althum, uma obra bem documentada, que dá a conhecer as diferentes facetas do fundador do PAIGC [Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde], “o político, o guerrilheiro, o escritor e, sobretudo, o humanista”. (MACHADO, 2012).

Leia, agora, um pequeno fragmento da poesia de Tomás Medeiros:

Meu canto Europa

Agora,

agora que todos os contatos estão feitos,
as linhas dos telefones sintonizadas,
os espaços de morses ensurdecidos,
os mares de barcos violados,
os lábios de risos esfrangalhados,
os filhos incógnitos germinados,
os frutos do solo encarcerados,
os músculos definhados

e o símbolo da escravidão determinado,

[...]

Agora,
agora que me estampaste no rosto
os primores da tua civilização,
eu te pergunto, Europa,
eu te pergunto:
AGORA?

Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/tm01.html>>. Acesso em: 12 maio 2015.

Maria Manuela Margarido

Segundo Inocência Mata, a poesia de Maria Manuela Conceição Carvalho Margarido (1925-2007) é

comprometida com o ideário de luta anticolonial e com a crítica social, embora revele, simultaneamente, a dimensão particularizante da *insula* africana, através da evocação da sua fauna, da flora, da infância e dos usos e costumes. Porém, essa vertente mais lírica da sua poesia já se revelara em *Alto como o silêncio*, de 1957, seu primeiro e único livro. É essa dialética entre a emoção e a razão e a sobreposição de uma visão intimista da realidade que caracteriza a estética da autora, na qual a vertente nacionalista também se faz sentir. (MATA, 2004, p. 242).



Maria Manuela Conceição Carvalho Margarido tenta definir sua nacionalidade, em entrevista a Michel Laban:

Interrogo-me muitas vezes se sou uma escritora portuguesa ou africana. Acho que sou africana, porque os problemas do meu país e de todo o continente africano me interessam enormemente, mas também não sou indiferente ao que se passa em Portugal. Vivi lá muitos anos, passei grande parte da minha infância e a minha juventude em colégios portugueses e religiosos. De maneira que eu mesma me interrogo: “O que é que eu sou?” (LABAN, 2002, p. 119).

Leia, com atenção, o poema “Paisagem”, de Manuela Margarido.

Paisagem

No céu perpassa a angústia austera
da revolta
com suas garras suas ânsias suas certezas.
E uma figura de linhas agrestes
se apodera do tempo e da palavra.

Atividade 6

Atende ao objetivo 3

Associe o poema “Paisagem”, de Manuela Margarido, ao momento histórico em que ele foi produzido, relacionando história e literatura.

Resposta comentada

A natureza (no caso, a paisagem) adquire, na poesia contestatória de Manuela Margarido, uma urgência das certezas, por estarem o tempo e a palavra em poder das linhas agrestes, ou seja, falta a liberdade do tempo e da palavra. Esse é o tempo da luta, não há liberdade ainda.

Conclusão

A partir desse breve resumo sobre os principais nomes da literatura santomense, pode-se observar a riqueza da literatura desse arquipélago e a busca de uma voz própria na escrita ali desenvolvida, especialmente no que concerne à produção poética. Outra característica que se encontra na produção literária santomense é a insularidade como traço fundamental da cultura, ou seja, na afirmação de uma cultura própria, o aspecto insular e a natureza desse pequeno país integram a produção literária mais representativa, desde a poesia até a prosa.

Resumo

São Tomé e Príncipe é um arquipélago constituído por duas ilhas a cerca de 300 km do continente africano. Elas estão rodeadas de vários ilhéus de pequena dimensão.

Em 1470, Portugal iniciou o processo de colonização em São Tomé e Príncipe, mas foi somente em 1493, com as ilhas sendo entregues ao capitão donatário Álvaro Caminha, que se iniciou o povoamento da região. A população atual do arquipélago é predominantemente crioula. Sua língua oficial é o português, que convive com falares crioulos: o forro, o angolano, entre outros.

Devido à existência de poucas mulheres brancas em São Tomé e Príncipe à época do povoamento, os portugueses passaram a relacionar-se com escravas africanas. Isso constituiu o grupo étnico mais importante da ilha de São Tomé: os forros ou filhos da terra. Esses e os angolares são hoje os grupos étnicos existentes do arquipélago.

A colonização em São Tomé e Príncipe se iniciou com plantações de cana-de-açúcar. A criação de engenhos para essas plantações trouxe a necessidade de mão de obra, suprida com negros escravizados.

O mercado de escravos foi intensamente explorado no arquipélago desde 1500 até meados do século XIX. As ilhas de São Tomé e Príncipe serviram de entreposto aos navios negreiros que iam da África para a América.

O fim da escravidão no Brasil trouxe uma instabilidade econômica para São Tomé e Príncipe. Nesse momento, introduziram-se nas ilhas os cultivos do café e do cacau.

Após 490 anos sob domínio português, os movimentos de independência se fortaleceram. Em 1972, surgiu o Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP). A independência da colônia foi negociada em 1974 e sua autonomia nacional foi obtida em 1975, quando se proclamou, em 12 de julho daquele ano, a independência.

Além da língua oficial, o português, são igualmente faladas três línguas crioulas autóctones, designadamente o *santome* ou *forro* (língua de S. Tomé) e o *angolar* (língua dos angolares), ambos falados em S. Tomé, e o *lung'ie* (língua da ilha), falado na ilha do Príncipe, bem como o *crioulo de Cabo Verde*, o *português dos tongas* e resquícios de línguas do grupo *bantu*.

No final do século XIX, graças ao advento jornalístico, a literatura santomense concebeu suas primeiras letras. Nas páginas dos periódicos *O Africano*, *A voz d'África*, *O Negro*, *A Verdade*, *Correio d'África*, encontravam-se poemas dispersos.

As primeiras publicações surgiram na década de 1880, no século XIX. Em crioulo, apareceram poemas como “Forro”, de Francisco Stockler. Em obras como *História etnográfica da ilha de São Tomé*, de Almada Negreiros, exaltava-se a beleza da flora e da fauna local.

Francisco Stockler nasceu em 1834, na ilha de São Tomé e foi educado em Lisboa. Foram encontrados, em seu espólio, poemas dispersos, alguns escritos em crioulo-forro da ilha de São Tomé, publicados no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, nos anos 1880, do século XIX, e outros, na *História etnográfica da ilha de São Tomé* (1895), de Almada Negreiros. Os poemas dessas obras exaltam a vegetação e a fauna de São Tomé e os desconcertos da sua vida e do mundo em que vive.

Francisco Stockler também escreveu em prosa. Dessa modalidade escrita, destacam-se: *A chegada de S. Ex.º o governador da província*; *Pais de família*; *Os angolares*; *O povo dos angolares*.

É com Caetano da Costa Alegre (1864-1890) que as manifestações literárias das ilhas começam a delinear-se como sistema literário. Costa Alegre tem a distinção de ser o primeiro poeta importante de São Tomé e Príncipe, sendo considerado, ainda, o caso mais evidente de negrismo da literatura africana de expressão portuguesa.

96 dos poemas de Costa Alegre foram publicados após a sua morte por Artur da Cruz Magalhães, em 1916, com o título de *Versos*.

Num segundo momento do panorama literário de São Tomé, já na primeira metade do século XX, aparece Marcelo da Veiga. Entre 1930-40, sua produção buscou a identidade cultural das ilhas. Seu discurso foi patriota, defensor exímio da africanidade. Usou a palavra como denúncia da exploração dos negros, da violação do solo insular, do colonialismo.

Francisco José Tenreiro foi considerado o primeiro poeta da negritude de língua portuguesa. Seu primeiro livro, *Ilha de nome santo*, data de 1942. A poética de Tenreiro percorre várias temáticas: a da contestação social, a do discurso pátrio mestiço e a da negritude, em que em grande parte denuncia a discriminação negra.

Alda do Espírito Santo (Alda Graça) também figura em todas as antologias de poesia africana de língua portuguesa. Sua poesia tem a diferen-

ça racial e a exploração colonial como pano de fundo. Trata-se de um importante nome da literatura santomense, não só pelo legado literário, mas pela sua franca atuação na vida pública e política do país. Alda do Espírito Santo criou a União dos Escritores e Artistas Santomenses e trabalhou na criação de novos valores para a cultura literária santomense.

O médico e ativista político António Alves Tomás Medeiros nasceu em São Tomé em 1931, viveu em Angola, Gana, na Argélia e finalmente instalou-se em Portugal, onde até hoje reside. Sua poesia está publicada em várias antologias; em prosa, ele publicou, em 2003, *O automóvel do engenheiro Dlakamba* e *A verdadeira morte de Amílcar Cabral*.

A poesia de Maria Manuela Conceição Carvalho Margarido (1925-2007) é comprometida com o ideário de luta anticolonial e com a crítica social, embora revele, simultaneamente, a dimensão particularizante da *insula* africana, através da evocação de sua fauna, flora, de seus usos e costumes, e da infância vivida ali.

Sites recomendados

ARQUIVO HISTÓRICO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. Disponível em: <<http://ahstp.org/>>. Acesso em: 12 maio 2015.

ASSEMBLEIA NACIONAL DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE. *Constituição da república democrática de São Tomé e Príncipe*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/saotomeeprincipe/constituicao/constituicao-da-republica-democratica-de-s.tome-e>>. Acesso em: 12 maio 2015.

EMBAIXADA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE EM PORTUGAL. Disponível em: <www.emb-saotomeprincipe.pt>. Acesso em: 12 maio 2015.

GOVERNO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. Disponível em: <<http://www.gov.st/>>. Acesso em: 12 maio 2015.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE DIGITAL. Disponível em: <<http://www.stp-digital.net/>>. Acesso em: 12 maio 2015.

Aula 8

Oratura: relações entre oralidade e literatura nos países africanos de língua portuguesa

*Claudia Amorim
Mayara Matos*

Meta

Apresentar a importância da oralidade na sociedade africana e sua relevância nas manifestações literárias dos países africanos de língua portuguesa.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. estabelecer relações entre oralidade, memória, história e culturas africanas;
2. reconhecer a importância dos mais velhos nas literaturas do continente africano;
3. identificar as manifestações literárias de tradição oral nos países africanos de língua portuguesa, em especial Angola e Moçambique.

A oralidade na sociedade tradicional africana



Figura 8.1: A interação entre os velhos e os jovens.

Na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima.

Amadou Hampâté Bâ (1901-1990), historiador e etnólogo.

A tradição oral esteve presente em todas as sociedades. Os antigos gregos, por exemplo, a usaram através dos *aedos* e *rapsodos*, que eram os cantores e recitadores das composições épicas e religiosas.

Essa tradição esteve e, de certo modo, ainda está presente na realidade de muitos povos africanos. Em suas culturas, tudo é história e, mesmo hoje, quando várias sociedades na África já não são mais **ágrafas**, a tradição oral continua a ter a importância de um rito que deve sempre ser respeitado.

É a palavra que diz o que é, sendo o que diz. A palavra é um bem. A fala é vida, é ação. É sopro que transforma. A fala faz acontecer o que preexiste em potência em cada movimento do universo. No universo africano, tudo fala, e pela palavra tudo ganha força, forma, sentido e orientação para a vida. Nessas culturas, percebe-se a história a partir da compreensão da oralidade. É através da oralidade que os mitos e os modos de organização dos rituais são transmitidos.

Nas palavras de Celso Sisto (2010),

Ágrafo

Sem escrita. Uma língua ágrafa é aquela que não tem representação gráfica, apenas sonora. Ela existe na fala de seu povo, mas não na escrita.

As histórias orais revelam a expressão cultural daquele povo; a sobrevivência das tradições desaparecidas, a sabedoria antiga (há quem chame isso de folclore); o reflexo da sociedade tradicional (e da contemporânea também), sua maneira de ensinar e transmitir valores ao grupo (etnologia); maneiras de expressar os problemas psicológicos (a possibilidade de uma leitura psicanalítica).

É comum que, nas sociedades de tradição oral, a relação entre o homem e a palavra seja marcada pelo sagrado, pois a palavra, nessas sociedades, tem origem divina. Como observou Regiane Mattos,

a fala é um dom, não podendo ser utilizada de forma imprudente, leviana, de qualquer jeito ou sem critério. Ela tem o poder de criar, mas também o de conservar e destruir. Uma única palavra pode causar uma guerra ou proporcionar a paz. (MATTOS apud A IMPORTÂNCIA da oralidade nas sociedades africanas, 8 out. 2009).

Amadou Hampâté Bâ (1900-1991)

Nasceu no atual Mali em uma família aristocrática do povo fula. Escritor, etnólogo, filósofo, historiador, poeta e contador, foi da primeira geração local que recebeu educação ocidental francesa. Procurou o reconhecimento da oralidade como fonte legítima de conhecimento histórico. Para isso, recolheu, transcreveu e explicou os tesouros da literatura oral do oeste da África para o restante do mundo. Como membro do Conselho Executivo da Unesco desde 1962, chamou a atenção para a fragilidade dessa cultura oral. (Disponível em: <<http://marciadib.blogspot.com.br/2009/06/tradicao-oral-amadou-hampate-ba.html>>. Acesso em: 14 abril).

Um dos grandes estudiosos das culturas africanas, o escritor malinês **Amadou Hampâté Bâ** dedicou-se a pensar a importância da oralidade para esses povos. Nos fragmentos a seguir, constatamos como, desde os primeiros anos de vida, o homem africano aprende a observar a natureza e a significar o mundo através da palavra oral. A oralidade africana hoje é reconhecida como fonte legítima de conhecimento histórico, graças também ao trabalho desse estudioso.

Nas tradições africanas – pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda a região de savana ao sul do Saara –, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência. [...]

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com

as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (BÂ, 2010, p. 169).



Os grandes depositários da herança oral na África são os chamados *tradicionalistas*. Memória viva da África, eles são as melhores testemunhas da história dos povos.

Assim, contar histórias faz parte da história de todos os povos, desde os tempos ancestrais. Antes da escrita, havia a palavra, instauradora dos significados. A palavra institui leis, organiza as sociedades, resguarda a história dos povos, transmitida através da própria palavra. Assim, história e memória se perpetuam através da palavra transmitida. Nas sociedades ágrafas, a palavra dos mais velhos tem autoridade porque todos reconhecem o saber que ela contém.



Figura 8.2: Em algumas sociedades, a palavra dos mais velhos é reconhecida pelo saber que contém.

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Old_Man_\(Imagicity_967\).jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Old_Man_(Imagicity_967).jpg)

Nas sociedades africanas, o contador de histórias é um iniciador de um rito do qual participam crianças, jovens e até adultos. A palavra ins-

Ethos

Palavra de origem grega que se refere à identidade cultural de um povo, seu modo de ser e de existir no mundo.

taura a iniciação para a vida. As histórias, os mitos, os provérbios são contados e recontados e orientam os mais jovens na arte da convivência, nas escolhas, nas atitudes perante a vida. A palavra transmitida tem uma competência de iniciação e de ensinamento. Além disso, esse saber transmitido oralmente revela o **ethos** de um povo ou grupo étnico.

Essas histórias, oriundas da tradição oral, dão origem a uma literatura também oral, composta por histórias míticas que contam o início do mundo, histórias mágicas, além de cantigas, provérbios e manifestações populares. A literatura oral apresenta versões diferenciadas. Passando oralmente de geração a geração, esse gênero é reproduzido pela memória e enriquecido e consagrado por sua construção e atuação coletivas.

Consideremos o que nos diz o estudioso Nei Lopes sobre tal assunto: “A Literatura Oral é o conjunto de manifestações literárias de uma sociedade ou civilização preservadas por meio da palavra falada e/ou cantada” (LOPES, 2004, p. 392).

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Sabemos que inúmeros círculos culturais, de modo geral, viveram um período de analfabetismo e de oralidade, antes da introdução da escrita. E essa oralidade respondeu, durante séculos, pela transmissão dos conhecimentos e das informações numa comunidade. (SISTO, 2010).

A partir do trecho citado, descreva como as histórias transmitidas pela oralidade contribuíram para a formação da identidade do povo africano.

Resposta comentada

No início desta aula, vimos que a tradição oral esteve e ainda está presente na realidade de muitos povos africanos. As histórias transmitidas pela

palavra, que dão origem à literatura oral, vão se modificando ao longo do tempo. Passando de geração a geração, esse gênero é reproduzido pela memória e é enriquecido e consagrado por sua construção e atuação coletivas, contribuindo para a formação da identidade de um povo.

Os mais velhos na sociedade africana

Nas sociedades africanas, os mais velhos são os guardiões das tradições. Toda a cultura transmitida por eles é uma obra coletiva e, como tal, pertence à tradição.

Os velhos são lugar de memória para muitos povos africanos. Nas sociedades ocidentais há também essa visão sobre eles, contudo, não gozam do mesmo lugar de destaque que têm nas sociedades africanas. Nessas últimas, são os velhos que conservam o passado, interligando-o ao presente, no que diz respeito à transmissão dos conhecimentos aos mais novos, e contribuindo, assim, com a formação identitária do grupo. O velho possui esta função social: trazer o passado à memória dos mais novos, aconselhar, servindo como um elo entre o passado e o porvir.



Figura 8.3: Os mais velhos trazem o passado para o presente através da memória.

Já nas sociedades capitalistas modernas, a velhice – por não ser produtiva do ponto de vista do sistema – é oprimida. Os velhos não têm importância e a memória oral – em relação à escrita – assume valor secundário, uma vez que se valoriza o que está escrito e não o que se diz. Já há algum tempo, os historiadores do Ocidente procuram resgatar a importância da memória oral e da transmissão da História pelos mais velhos, revalorizando o saber e a memória da velhice na sociedade.

Segundo afirma Bosi (2004, p. 82), nos povos africanos, o ancião cumpre “a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente, alargando suas margens”. Os velhos são, então, os pilares das tradições da comunidade; pelo ancião, uma diversidade de conhecimentos e histórias chega aos mais novos, corroborando a força de sua experiência e de sua memória.



As palavras *velho* e *mais velho*, na acepção africana, não dizem respeito necessariamente à idade, mas ao acúmulo de conhecimento.

Sobre o mais velho e o *griot*

Griot é uma palavra da língua francesa, que foi aportuguesada para *griô*, e significa, segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, “o poeta, cantor e músico ambulante pertencente a uma casta especial que, além de cronista e detentor da tradição oral do grupo, frequentemente exerce atribuições mágico-religiosas.” (HOUAISS; VILAR, 2001, p. 1484).

Como transmissor de conhecimentos através da contação de histórias, o *griot* possui destaque em seu grupo social. Sua função é narrar as tradições e os acontecimentos relativos a um povo. Essa transmissão tem caráter ritualístico e, muitas vezes, ocorre embaixo de árvores ou ao redor de fogueiras. Ainda hoje esse rito de contação de histórias tem seu lugar nas sociedades africanas. Os *griots* também atuam como músicos, uma vez que a história – a narrativa – não se separa da música, da mesma forma como para os antigos *aedos* e *rapsodos* gregos. É no Império Mali, por volta do século XIII, que o *griot* adquire importância funda-

mental. A história de base oral é a marca dos antigos povos africanos, e o *griot* tem papel essencial na transmissão dessa história ancestral.



Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mapa_mali-pt.svg

O Império Mali foi um Estado rico que existiu na África Ocidental entre os séculos XIII e XVI, ocupando os territórios dos atuais países Mali, Senegal, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau e Burkina Faso.

Para ser um *griot*, é preciso ser treinado; apenas algumas famílias tinham cantores desse tipo. Além de contadores de histórias e músicos, os *griots* têm a função de oradores públicos, fazem rezas, contam anedotas, profetizam fatos, previnem e aconselham pessoas. Para tanto, possuem uma memória histórica extraordinária.

Um *griot* é especializado, basicamente, em três campos:

- a) discurso (*kuma*), que é o veículo para as narrativas históricas, as genealogias e os provérbios;
- b) canto (*donkili*), que se refere às melodias e letras, as quais são típicas de seus repertórios;
- c) arte de tocar um instrumento (*foli* ou *kosiri*, dependendo da região).

Os *griots* contam, cantam, dançam e, além disso, atuam como juízes em querelas comunitárias, presidem cerimônias de casamento e outros ritos importantes nas sociedades em que atuam.

Atividade 2

Atende ao objetivo 1

A valorização da tradição oral, na África, longe de significar apenas um meio de comunicação, reluz uma maneira de preservar a sabedoria da ancestralidade. A palavra transmitida na oralidade conduz a herança ancestral tão valorizada por esta cultura [africana]. (NASCIMENTO; RAMOS, 2011, p. 457).

Vimos que, na sociedade africana, os *griots* têm papel fundamental na transmissão dos conhecimentos. Descreva como eles desempenham esse papel, considerando a importância da tradição oral em África.

Resposta comentada

Os *griots* desempenham seu papel através da contação de histórias. Sua função é narrar as tradições e os acontecimentos relativos a um povo. Eles também atuam como músicos, uma vez que a história – a narrativa – não se separa da música, como já ocorria com os antigos *aedos* e *rapsodos* gregos. A história de base oral é a marca dos antigos povos africanos, e o *griot* tem papel crucial na transmissão dessa história ancestral.

A representação dos mais velhos nas literaturas africanas de língua portuguesa

Ao dialogar dialeticamente com as culturas africanas, das quais também são originárias, as literaturas africanas de língua portuguesa sempre deram destaque ao lugar do mais velho.

Esse valor nos é mostrado, por exemplo, em três escritores africanos de língua portuguesa contemporâneos, que trazem para sua obra

a cultura em que se formaram. São eles: Uanhenga Xitu (Angola), Ondjaki (Angola) e Mia Couto (Moçambique).

Uanhenga Xitu (1924-2014) é o nome quimbundo do escritor angolano Agostinho André Mendes de Carvalho. Eminente contador de “estórias” populares, a narrativa de Uanhenga Xitu está despida do rigor literário, pois a preocupação primária do autor é estabelecer uma ligação semiótica com o seu povo, que o estimula a escrever. Numa entrevista, o autor afirmou: “o que me preocupa é a situação social do povo”. Em 2006 recebe a distinção do Prêmio de Cultura e Artes na categoria de literatura pela qualidade do conjunto da sua obra literária, causando-lhe uma enorme surpresa. Sendo assim, o homenageado e culto escritor angolano entrou para a lista dos melhores autores da história literária de Angola.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Uanhenga_Xitu>. Acesso em: 17 abr. 2015

Ondjaki (1977-) é o pseudônimo do escritor angolano Ndalu de Almeida. Sua trajetória artística passa também pela atuação teatral e pela pintura. Coursou em Lisboa teatro amador, optando depois por uma especialização profissional. Dedicou-se, ainda, a duas mostras individuais de artes plásticas, uma em Angola, a outra no Brasil. Além de tudo, Ondjaki também é cineasta: autor de roteiros cinematográficos, não deixou passar a oportunidade de codirigir, em 2006, ao lado de Kiluanje Liberdade, um documentário que aborda sua cidade natal, *Oxalá cresçam pitangas - histórias da Luanda*, fruto de uma parceria entre Angola e Portugal.

Formou-se em Sociologia em Lisboa e conquistou, em 2000, a segunda posição no concurso literário angolano António Jacinto, tendo ainda lançado seu primeiro volume poético: *Actu Sanguíneu*. Em 2007, obteve o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco, por sua obra *Os da minha rua*. Na Etiópia foi reconhecido com o prêmio Grinzane de melhor escritor africano de 2008. Seus livros têm sido traduzidos nos mais diversos países, especialmente na França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha e China. Ondjaki foi o único representante africano entre os dez escritores finalistas do Prêmio Portugal Telecom de Literatura em 2008.

Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/ondjaki/>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

Mia Couto (1955-) é o pseudônimo do escritor moçambicano António Emílio Leite Couto. Com 14 anos de idade, teve alguns poemas publicados no jornal *Notícias da Beira* e três anos depois, em 1971, mudou-se para a cidade de Lourenço Marques (Maputo), capital de Moçambique. Iniciou os estudos universitários em Medicina, mas abandonou a área, passando a exercer a profissão de jornalista depois do 25 de Abril de 1974. Trabalhou na *Tribuna* até a destruição das suas instalações, em setembro de 1975, por colonos que se opunham à independência. Foi diretor da revista *Tempo* até 1981 e continuou a carreira no jornal *Notícias* até 1985. Em 1983, publicou o seu primeiro livro de poesia, *Raiz de orvalho*, que, segundo algumas interpretações, inclui poemas contra a propaganda marxista. Dois anos depois, demitiu-se da posição de diretor para continuar os estudos universitários na área de Biologia. Além de ser considerado um dos escritores mais importantes de Moçambique, é também o mais traduzido. Em muitas das suas obras, Mia Couto tenta recriar a língua portuguesa com uma influência moçambicana, utilizando o léxico de várias regiões do país e produzindo um novo modelo de narrativa africana. *Terra Sonâmbula* (1992), seu primeiro romance, ganhou o Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995 e foi considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Em 2013 foi homenageado com o Prêmio Camões.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mia_Couto>. Acesso em: 5 maio 2015.

Nos contos “Vozes na sanzala (Kahitu)”, de Uanhenga Xitu, e “Nas águas do tempo”, de Mia Couto, o leitor se depara com a importância que tais autores dão aos mais velhos.

Observemos, nos trechos a seguir, como essas figuras são representadas nas narrativas:

O mestre era o homem mais informado da sanzala. Estava a par de todas as conversas, até das íntimas. Conhecia a fundo o segredo de algumas famílias. Porque, enquanto os seus contemporâneos faziam da sanzala lugar de transição, ele estava lá desde a nascença. Viu velhos e novos morrerem, e crianças a nascerem. Assitiu a casamentos e divórcios. Conhecia todo o verbo e adágios regionais para conquistar mulheres. Também sabia derrubar um argumentador astucioso. E servia como orientador de muitos rapazes para conquistarem moças, e conselheiro de moças para se escaparem de rapazes com más intenções. (XITU, 1984, p. 61).

[...] era ele quem me conduzia, um passo à frente de mim [...].
O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado
pela novidade de viver. (COUTO, 1996, p. 9).

Em *Terra sonâmbula*, outra obra de Mia Couto, o ponto central da história é o elo entre um velho e um menino – ambos refugiados – que procuram, juntos, escapar da guerra. No romance, inverte-se a tradição: é o menino que, achando alguns cadernos com anotações ao lado de um corpo em um **machimbombo** queimado, conta as histórias que nele encontra para o velho. A contação da história se dá pela decifração de um código linguístico cuja competência o menino desconhecia ter. Em meio à guerra, as histórias encontradas nos cadernos de Kindzu, o rapaz morto, alimentam os sonhos do menino e do velho, que caminham por uma terra que deixou de sonhar. Mia Couto revive a tradição do contador de histórias – o antigo *griot* –, dando-lhe uma nova significação na contemporaneidade.

Machimbombo

Tipo de ônibus, muito
comum em África.

Atividade 3

Atende ao objetivo 2

Ao longo da aula, lemos trechos de obras de dois autores contemporâneos nas literaturas africanas de língua portuguesa, a saber: Uanhenga Xitu e Mia Couto. Retorne a esses trechos e indique como a figura do mais velho é representada, explicitando sua importância para a literatura africana.

Resposta comentada

Em ambos os fragmentos, o mais velho é aquele que guarda um conhecimento importante para todos, é a memória viva e, por isso, embora idoso, é uma pessoa cheia de vivacidade e sabedoria. Longe de serem melancólicos, os mais velhos nas sociedades africanas são o outro lado da infância, no círculo da vida.

As manifestações literárias de tradição oral nos países africanos de língua portuguesa

E agora? Vou passar o meu texto oral para o escrito? Não. É que a partir do momento em que eu o transferir para o espaço da folha branca, ele quase morre. Não tem árvores. Não tem ritual. Não tem as crianças sentadas segundo o quadro comunitário estabelecido. Não tem som. Não tem dança. Não tem braços. Não tem olhos. Não tem bocas. O texto são bocas negras na escrita que quase redundam num mutismo sobre a folha branca. O texto oral tem vezes que só pode ser falado por alguns de nós. E há palavras que só alguns de nós podem ouvir. [...] Como escrever a história, o poema, o provérbio sobre a folha branca? Soltando pura e simplesmente da fala para a escrita e submetendo-me ao rigor do código que a escrita já comporta? Isso não. No texto oral já disse não toco e não deixo minar pela escrita arma que eu conquistei ao outro. Não posso matar o meu texto com a arma do outro. Vou é minar a arma do outro com todos os elementos possíveis do meu texto. Invento outro texto. Interfiro, desescrevo para que conquiste a partir do instrumento escrita um texto escrito meu da minha identidade. (MONTEIRO, 1987, p. 308-310).

Até aqui, vimos que a oralidade possui importância fundamental nas sociedades africanas, mesmo nos dias atuais, sendo a base das literaturas dos povos que habitam hoje os países africanos. Com o aparecimento da escrita – introduzida em muitos desses países durante o período colonial –, a oralidade foi discriminada e reduzida a espaços em que a cultura dominante do colonizador não alcançava. Contudo, conforme abordaremos mais adiante, a introdução de uma linguagem escrita possibilitava maior transmissão de saberes e de ideias entre os povos, universalizando, de certo modo, o saber local.



Dora Pete

Figura 8.4: A escrita facilita a divulgação de informações e, conseqüentemente, o acesso aos saberes de um povo.

Fonte: <http://www.freeimages.com/photo/1445016>

A escrita, entretanto, na língua do colonizador, não levava em conta a cultura local dos nativos africanos. Durante o século XIX e, principalmente, no decorrer do século XX, quando grande parte da África ainda vivia sob o jugo dos países europeus, uma intelectualidade africana, que havia adquirido o saber do colonizador, lutou igualmente pela valorização da cultura local. Obviamente, essa valorização dá-se de modo gradual, mas é um processo que se torna inexorável.

Dessa tensão, nascem os primeiros textos escritos, com a introdução da imprensa nas colônias, que buscam falar do africano e da sua cultura, ainda que timidamente.

Todavia, somente no século XX a oralidade ganha importância e relevo nesses textos, e essa tradição africana é valorizada. A pesquisadora Ana Mafalda Leite, em seu texto “Empréstimos da oralidade na produção e crítica literárias”, comenta esses aspectos tensionais entre a oralidade e a escrita e cita o estudioso Honorat Aguéssy, que observa o seguinte:

Em primeiro lugar, lembramos que uma das características das culturas africanas tradicionais, a sua característica fundamental, é a oralidade. Enquanto, no quadro da escrita, as fontes de valores são os “autores” e as suas obras, o que cria reflexos culturais que levam os pensadores a negar qualquer réstea de pensamento onde não encontrem obras escritas, devemos hoje reconhecer que a oralidade pode produzir obras culturais muito ricas. [...] quando falamos de oralidade como característica do campo cultural africano, pensamos numa dominante e não numa exclusividade. (AGUÉSSY apud LEITE, 1998, p. 17).

A oralidade, segundo Aguéssy, é uma característica dominante nas culturas africanas, mas essas culturas não se expressam exclusivamente de forma oral. A introdução da escrita no continente deve ser valorizada e deve estar conjugada à oralidade. A escrita será importante para fazer circular para lugares mais distantes a cultura de um grupo localizado. Em se tratando das narrativas orais, das histórias ficcionais ou não, a escrita pode “fixá-las”, evitando que se percam no tempo.

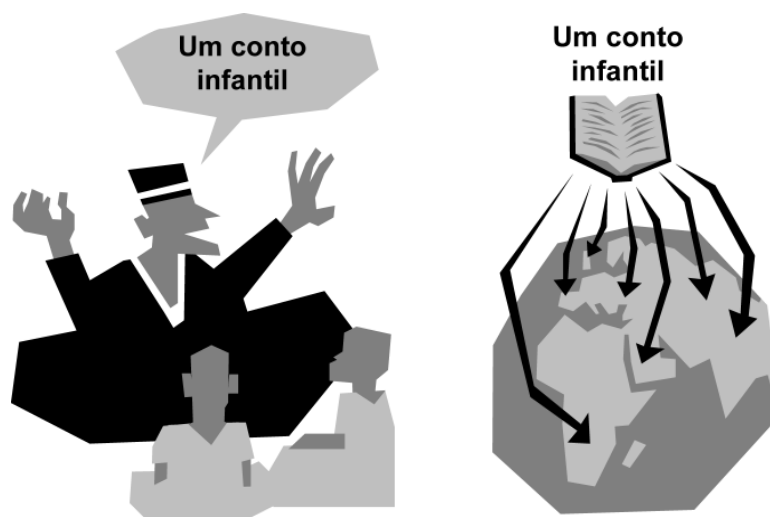


Figura 8.5: A escrita permite a disseminação de histórias de forma mais ampla que a oralidade.

A escrita dissemina histórias por outros povos e regiões. Na verdade, ela não faz ou não deve fazer morrer a tradição oral, devendo conviver com a oralidade e dando início à oratura.



O vocábulo *oratura* foi proposto pelo linguista ugandês Pio Zirimu, na década de 1960. O termo – também conhecido pelo nome de *oralitura* – foi criado para diferenciar-se da expressão *literatura oral*. A oratura busca designar um conjunto de formas verbais orais, artísticas ou não. Já a literatura oral aponta para a palavra articulada, para a oralidade, associando-se àquilo que se cria com intenção artística.

Agora que já examinamos algumas características das sociedades marcadas pela tradição oral, pela conjugação da oralidade e da escrita e pela introdução da oratura, passemos a estudar a oralidade nas literaturas de Angola e Moçambique.

Angola

Em Angola, especificamente, há uma grande tentativa, iniciada no século XX, de se recuperar na escrita as tradições orais, tão caras ao espaço africano de língua portuguesa. Assim, escritores importantes como Luandino Vieira, Uanhenga Xitu, Pepetela, Ondjaki, Ana Paula Tavares, entre outros, são fundamentais para a constituição do cânone literário.

Em *Mestre Tamoda e Kahitu*, Uanhenga Xitu retrata, por meio de alguns personagens, os costumes tradicionais, como as canções do dia a dia na senzala e a convivência das línguas, a portuguesa e as africanas originárias. As marcas da oralidade são incluídas e isso permite pensar em vozes da sabedoria ancestral. É o que se percebe no trecho a seguir:

Fiquem já avisados – dizia a professora, dirigindo-se para os alunos. – Não quero palavras do português do Tamoda cá dentro e nem lá fora. [...] Nada do português do Tamoda. Em vez de estudarem a matéria da escola passam o tempo a decorarem disparates!... (XITU, 1984, p. 14).

Uanhenga Xitu realiza, assim, tanto na caracterização de Tamoda, personagem principal da narrativa, quanto no trabalho com a linguagem do texto, a apropriação da oratura, o que estreita o caminho entre voz e letra.

Lembramo-nos, assim, do que escreve a estudiosa Laura Padilha, em seu livro *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*: “a milenar arte da oralidade difunde as vozes ancestrais, procura manter a lei do grupo, fazendo-se, por isso, um exercício de sabedoria.” (PADILHA, 1995, p. 15).

Acrescenta ainda a pesquisadora brasileira:

Com os mitos ou histórias míticas, a cosmovisão das culturas africanas insere informações que propiciam reflexões e lembranças das memórias e do complexo simbólico que envolve a ideia de origem do mundo, do autoconhecimento, da organização social e de relações interpessoais. (PADILHA, 1995, p. 15).

Também sobre a importância da oralidade nas literaturas africanas, temos a entrevista de Ana Paula Tavares, escritora angolana:

Continua a escrever com o mesmo objetivo? Se sim, quais são os medos da Ana Paula Tavares adulta?

A escrita tem muitos sentidos. Vastos os enunciados. Não estou fechada na concha do medo. Agora há angústias: não consigo suportar a partida dos amigos, o sofrimento de alguns deles. O medo de estar longe, demasiadamente longe, a ideia de perder a voz e a vez da poesia.

[...]

Trabalhou muito na recolha de tradição oral em Angola. Há quem diga que os seus textos podem ser lidos em voz alta, que não perdem a força nem se “perdem pelo caminho”.

A oralidade é meu culto. As mães embalam os filhos cantando ou dizendo palavras nas nossas línguas todas. Se os meus textos puderem ser lidos em voz alta fico muito contente. (TAVARES, 2010).

Outro autor angolano em cuja obra a oralidade se faz presente é Ondjaki. Seus livros infantis, por exemplo, trazem a oralidade que se encontra na cultura do povo africano.

Leiamos, agora, uma entrevista com o escritor, para quem a oralidade e a contação de histórias foram decisivas no seu processo de criação narrativa:

Sou uma pessoa que gosta muito de histórias. Sempre gostei de ouvir histórias e contar também. Acho que a partir dessa oralidade da história que cheguei à escrita, que comecei a escrever contos. Luanda é uma cidade cheia de histórias. Tu não consegues combinar uma coisa com uma pessoa, se ela chega atrasada, ao invés de simplesmente se desculpar, vai contar uma história. Normalmente vai inventar uma história: “Por que chegou atrasada?” É uma cidade onde as pessoas estão viciadas em histórias, há uma teatralidade muito grande.

Acho que Luanda é de facto uma cidade de histórias, uma cidade onde normalmente a própria realidade escreve melhor que os escritores. E são os escritores que seguem a realidade tentando entender um pouco de como poderão trazer essa realidade às histórias. Uma cidade de ficção, uma cidade de fantasia. O povo angolano sofreu muito por várias razões – a guerra e outras privações –, mas nunca perdeu essa capacidade de sonhar. Isso que é interessante num povo: sempre capaz de sorrir no meio da desgraça, sempre capaz de sobrepor o riso aos aspectos menos positivos. Isso é incrível,

influencia aos escritores. E pessoalmente, não posso falar pelos outros, a minha tendência é escrever sobre coisas positivas. Posso me referir a alguns aspectos “menos bons”, mas a minha tendência é dar relevo aos aspectos positivos da sociedade angolana. (MELLO, 2009).

Moçambique

Em Moçambique, temos como figura importante José Craveirinha, que, com a obra poética *Karingana ua Karingana*, cria uma poesia narrativa que restaura a oralidade a partir da escrita.

Em aulas posteriores, estudaremos mais de perto a obra poética desse importante escritor moçambicano, mas já podemos conhecê-lo um pouco, a partir das informações a seguir.



José João Craveirinha (1922-2003) é considerado, hoje, o poeta maior de Moçambique. Em 1991, tornou-se o primeiro autor africano galardoado com o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa. Como jornalista, colaborou nos periódicos moçambicanos *O Brado Africano*, *Notícias*, *Tribuna*, *Notícias da Tarde*, *Voz de Moçambique*, *Notícias da Beira*, *Diário de Moçambique* e *Voz Africana*. Utilizou os seguintes pseudônimos: Mário Vieira, J.C., J. Cravo, José Cravo, Jesuíno Cravo e Abílio Cossa. Foi presidente da Associação Africana, na década de 1950. Durante o período da guerra pela independência, foi preso entre os anos de 1965 e 1969, por fazer parte da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). Após a independência, foi o primeiro presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos (Aemo). Em sua homenagem, a Aemo, em parceria com a HCB (Hidroeléctrica de Cahora Bassa), instituiu em 2003, o Prêmio José Craveirinha de Literatura. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Craveirinha>. Acesso em: 17 abr. 2015.

José Craveirinha foi, de fato, um importante difusor da oralidade africana. Segundo alguns de seus estudiosos, sua poética pode ser dividida em quatro fases, sendo a primeira delas a fase do neorrealismo; a segunda, a da negritude; a terceira, conhecida como fase da moçambicanidade ou identidade nacional – da qual faz parte a obra *Karingana ua karingana* – e, finalmente, a quarta e última, é conhecida como fase da libertação.

Na terceira fase de sua obra, é possível perceber a tradição narrativizada que marca sua poética e que está presente, por exemplo, no título do livro de poemas *Karingana ua karingana* – expressão africana que significa *Era uma vez*. A primeira parte desse livro é intitulada “Fabulário”. Os poemas têm versos curtos e cada um é como um pequeno quadro pictórico (uma cena, um ambiente etc.).

A expressão *Karingana ua karingana* é o mote com que se introduzem as histórias orais, o mote de abertura da contação de histórias. Ela remete ao caráter mágico da instauração das histórias orais pelos *griots*.

O “Fabulário” alude [...] à tradição popular, ancestral, tribal, de contar fábulas, aqui com *personagens* humanas dentro, emersas em dramas sociais e pessoais. Há uma denúncia em moldes alusivos, expositivos, em linguagem descarnada, contida, não propriamente contundente. Por outro lado, a composição do tema, a imagética, porque voltadas para uma finalidade unívoca, baseadas em meios simples, apresentam-se sem grande elaboração, denunciando uma fase cronológica ainda algo incipiente, privilegiando a mensagem sobre os meios expressivos. (JOSÉ CRAVEIRINHA, ca2007, grifo original).

O fragmento do poema em destaque a seguir, também retirado do *site* Lusofonia, é um exemplo da narrativização da poética de Craveirinha. Observe-o com atenção.

Cântico a um deus de alcatrão

Ao António Bronze

Máquina começou trabalhar
com sol
com chuva
com farinha e feijão
máquina começou abrir chão.

Lua escondeu coração
saiu ouro
saiu pedra de lapidação
saiu barco cheio de máquina gente no porão
saiu notícia de menino morto boneco de carvão
saiu Cadillac novo de patrão.

[...]

Máquina começou trabalhar
máquina está trabalhar
até um dia enraivar
com farinha de pilão!...

Disponível em: <<http://lusofonia.com.sapo.pt/craveirinha.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

Outro autor moçambicano extremamente importante na arte de contar histórias e de retomar a tradição africana do *griot* é o já mencionado Mia Couto.

Sobre as características de sua escrita, diz o conhecido escritor:

A minha aposta [...] é recriar esse momento mágico em que, ainda menino, escutava os contadores de estórias nos subúrbios negros de minha cidade. [...] havia uma magia que nos roubava do mundo [...] levitando por lugares que a religiosidade daqueles encontros construía. Não sou mais que isso: um contador de estórias trabalhando na tentativa de recriar essa magia [...] O fascínio pelas histórias resulta dessa necessidade absoluta de brincar. [...] Como um gato perante o novelo, assim estamos ante o texto que nos encanta. (COUTO, 1997, p. 59).

Em busca dessa perspectiva, Mia Couto cria em seus romances o ambiente próprio da narração (contação de histórias), nos quais não faltam personagens que simbolizam o mais velho, como no romance *Terra sonâmbula*, por exemplo.

Esse romance divide-se em dois tipos de gêneros orais da cultura africana: conto e provérbio. Seus capítulos, embora possam ser lidos separadamente, estão inter-relacionados. São, sobretudo, os mais velhos que produzem os principais provérbios, e o velho simboliza, no texto, a sabedoria na tradição oral. Os provérbios funcionam como uma síntese narrativa da obra.

Em outra obra de Mia Couto, *A varanda do frangipani*, Navaia Caetano, personagem da narrativa, ao falar dos velhos, adverte:

Olhe para estes velhos, inspector. Eles todos estão morrendo... Estes velhos não são apenas pessoas. São o quê então? São guardiões de um mundo. É todo esse mundo que está sendo morto... O verdadeiro crime que está a ser cometido aqui é que estão a matar o antigamente... [...] Estão a matar as últimas raízes que poderão impedir que fiquemos como o senhor... esses velhos estão morrendo dentro de nós. (COUTO, 1996, p. 59-60).

Conclusão

A relação entre a oralidade e a escrita literária é fundamental na afirmação das literaturas dos cinco países africanos de língua portuguesa. Embora tenhamos optado por destacar, em nossa aula, os espaços de Angola e Moçambique, em todos os países de língua portuguesa a oralidade se faz presente, convivendo hoje com a afirmação da escrita.

Só será possível compreender a oralidade africana se pensarmos que, nessas sociedades, o homem e a natureza, a vida e o mito, o sagrado e o profano estão indissociavelmente ligados. E a oralidade serve para propagar essa ideia.

Atividade final

Atende ao objetivo 3

Ao longo desta aula, abordamos como a oralidade teve influência nas manifestações literárias dos países africanos de língua portuguesa. Observe abaixo alguns fragmentos dos autores que apresentamos e diga como é possível observar essas manifestações em suas obras.

– Não quero palavras do português do Tamoda cá dentro e nem lá fora. [...] Nada do português do Tamoda. Em vez de estudarem a matéria da escola passam o tempo a decorarem disparates!... (XITU, 1984, p. 14)

Máquina começou trabalhar
máquina está trabalhar
até um dia enraivar
com farinha de pilão!...

Disponível em: <<http://lusofonia.com.sapo.pt/craveirinha.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

Olhe para estes velhos, inspector. Eles todos estão morrendo...
[...] O verdadeiro crime que está a ser cometido aqui é que estão a matar o antigamente... (COUTO, 1996, p. 59-60)

Resposta comentada

Tanto no fragmento poético, como nos fragmentos em prosa, a oralidade está presente no modo de construção textual. No poema, o recurso à oralidade é mais visível, com o sintagma nominal que se repete (máquina), sem a utilização de recursos coesivos, o que imprime a ideia de uma máquina que aniquila. Porque o substantivo se repete, a máquina se faz aniquiladoramente presente, desumanizando o homem.

Nos fragmentos narrativos, a utilização de construções pouco comuns, como “matar o antigamente” (transformação do advérbio em substantivo), no segundo exemplo, e a fala popular do personagem, exemplificada, por exemplo, na expressão “nem cá dentro, nem lá fora”, sublinham como a oralidade é importante na prosa literária.

Resumo

Nesta aula, vimos que a tradição oral é a grande escola da maioria dos povos africanos, cujas culturas não são isoladas da vida: aprende-se observando a natureza, aprende-se ouvindo e contando histórias. A literatura oral é composta por histórias míticas que contam o início do mundo, histórias mágicas, além de cantigas, provérbios e manifestações populares. Passando oralmente de geração a geração, esse gênero é reproduzido pela memória e é enriquecido e consagrado por sua construção e atuação coletivas.

O contador de histórias, nessa tradição, é um mestre, um iniciador da criança, do jovem e até do adulto, preparando-os para a vida.

Os velhos são os guardiões das tradições. São o lugar da memória para muitos povos africanos. Eles possuem esta função social: trazer o passado à memória dos mais novos e aconselhar, servindo como um elo entre o passado e o porvir.

Ao dialogar dialeticamente com as culturas africanas das quais também são originárias, as literaturas africanas de língua portuguesa sempre deram destaque ao lugar do mais velho.

Uma figura de muita importância nas culturas africanas é o *griot*. Ele se destaca como transmissor de conhecimentos através da contação de histórias, possuindo uma função especial, que é a de narrar as tradições e os acontecimentos de um povo. O costume de sentar-se embaixo de árvores ou ao redor de fogueiras, para ouvir as histórias e os cantos, perdura até hoje.

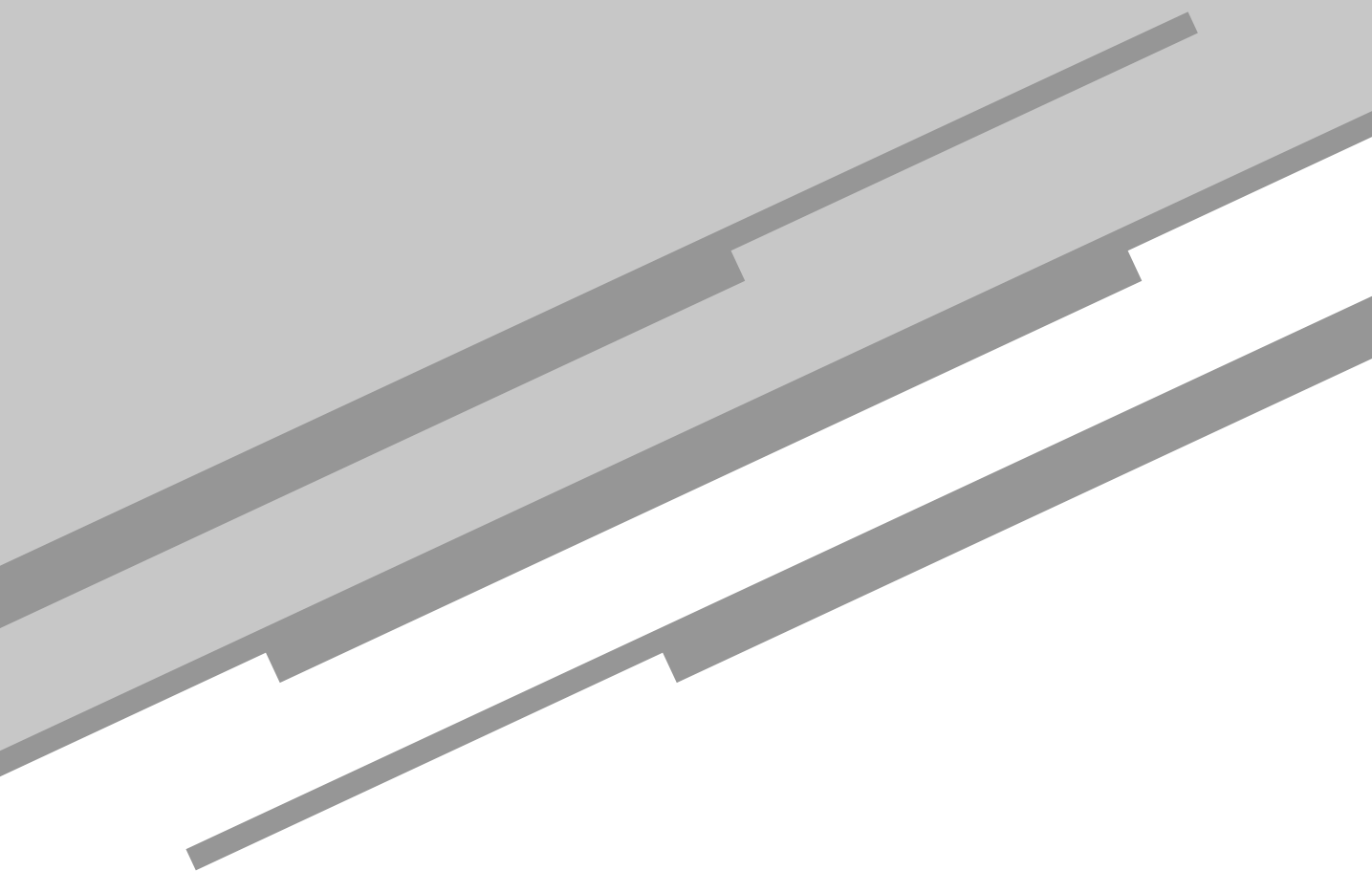
Os *griots* se especializam em três campos basicamente: discurso (*kuma*), que é o veículo para as narrativas históricas, as genealogias e os provérbios; canto (*donkili*), que se refere às melodias e letras, as quais são típicas de seus repertórios; e, por fim, à arte de tocar um instrumento (*foli* ou *kosiri*, dependendo da região). Eles não só contam, como também cantam e dançam.

Ainda que no passado tenham exercido mais funções que atualmente, os *griots* detêm um reconhecimento e um respeito que os obriga, ainda hoje, de algum modo, a atuar como juízes em querelas comunitárias, a presidir cerimônias de casamento e nomeação ou a servir de memória viva para seus povos.

Em Angola, especificamente, há uma grande tentativa de recuperar, na escrita, as tradições orais, tão caras ao espaço africano de língua portuguesa. Assim, escritores importantes, como Luandino Vieira, Uanhenga Xitu, Pepetela, Ondjaki, Ana Paula Tavares, entre outros, são fundamentais para a constituição do cânone literário.

Em Moçambique, temos como figura importante o grande José Craveirinha, que com *Karingana ua Karingana*, considerada uma obra de interrogação dos valores da identidade moçambicana, cria uma poesia narrativa que busca proximidade com a oralidade. Ainda, Mía Couto constrói em seus romances o ambiente próprio da narração (contação de histórias), nos quais não faltam personagens que simbolizam o mais velho, como no romance *Terra sonâmbula*.

Referências



Aula 1

DÁSKALOS, Maria Alexandre; BARBEITOS, Arlindo; APA, Livia (Org.) *Poesia africana de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2003.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução geral. In: _____ (Ed.). *História geral da África: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. v. 1. p. XXXI-LVII.

PEREIRA, Dulce. Crioulos de base portuguesa. In: CASTRO, Ivo (Dir.). *História da língua portuguesa em linha*. Centro Virtual Camões, 20--. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/geografia/crioulosdebaseport.html>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

SEMEDO, Odete. *Djênia*. Bissau: Inep, 2000.

SILA, Abdulai. *Mistida (Trilogia)*. Praia: Centro Cultural Português, 2002.

VIEIRA, Luandino. *Luuanda*. São Paulo: Ática, 1982.

Aula 2

AMORIM, Cláudia; PALADINO, Mariana. *Cultura e literatura africana e indígena*. Curitiba: IESDE Brasil, 2010.

BOAHEN, Albert Adu. *História geral da África: África sob dominação colonial, 1880-1935*. v. 7. São Paulo: Cortez, 2010.

CAPELLO, Rui Grilo. *História de Portugal em datas*. Lisboa: Temas e Debates, 2000.

CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS. *História de Angola*. Porto: Afrontamento, 1975.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

_____. *Diário de um retorno ao país natal*. São Paulo: Edusp, 2012.

DELGADO, Ralph. *História de Angola: Primeiro e segundo períodos, de 1482 a 1648*. Benguela: Tipografia do Jornal de Benguela, 1948.

ENDERS, Armelle. *História da África lusófona*. Trad. Mário Matos e Lemos. Lisboa: Editorial Inquérito, 1997.

LARANJEIRA, Pires. *Ensaaios afro-literários*. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2005.

MAZRUI, A.; WONDJI, Christopher. *História geral da África: África desde 1935*. v. 8. Brasília: Cortez, 2010.

MELO, A. Borges de. *História da imprensa de Angola*. Queimados: Semana Ilustrada Editorial, 1993.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.

PIRES, António Machado. *O século XIX em Portugal*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1975.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANCHES, Manuela R. *Malhas que os impérios tecem*. Lisboa: Edições 70, 2012.

Aula 3

AGOSTINHO NETO, António. *Poemas de Angola*. Rio de Janeiro: Codecri, 1976.

ASSIS JÚNIOR, António de. *O segredo da morta*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BÂ, Amadou Hampâté. *Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS. *História de Angola*. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

CRUZ, José Ribeiro. *Notas de etnografia de Angola*. Lisboa: Sociedade Industrial Tipográfica, 1940.

JACINTO, António. *Colectânea de poemas*. Lisboa, s. n., 1961.

MONTEIRO, Manuel Rui. Eu e o outro, o invasor: In: MEDINA, Cremilda de Araújo (Org.). *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopeia, 1987.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.

SOROMENHO, Castro. *Histórias da terra negra*. Lisboa: Editorial Gleba, 1960.

Aula 4

ALVES, Castro. Navio Negreiro. In: GOMES, Eugênio (Org.). *Poesia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980. p. 74-83

AMORIM, Cláudia; PALADINO, Mariana. *Cultura e literatura africana e indígena*. Curitiba: IESDE Brasil, 2010.

APPIAH, Kwame. *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

PORTUGAL, Francisco Salinas. *Entre Próspero e Caliban: literaturas africanas de língua portuguesa*. Santiago de Compostela: Laiovento, 1999.

OLIVEIRA, Campos. O Pescador de Moçambique. In: FERREIRA, Manuel (Org.) *O mancebo e trovador Campos Oliveira*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.

NORONHA, Rui de. África Surge et Ambula. In: NORONHA, Elsa de (Org.). *África Surge et Ambula: Rui de Noronha poeta moçambicano*. Lisboa: Espaço Rui de Noronha; Associação Edições, 2006.

SOUSA, Noémia de. *Sangue negro*. Moçambique: Associação de Escritores Moçambicanos, 1988.

Aula 5

AMORIM, Cláudia; PALADINO, Mariana. *Cultura e literatura africana e indígena*. Curitiba: IESDE Brasil, 2010.

CABRAL, Vasco. A luta é a minha primavera. In: FERREIRA, Manuel. *50 poetas africanos*. Lisboa: Plátano, 1989.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa I*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. (Biblioteca Breve, Série Literatura, v. 6).

_____. *Literaturas africanas de expressão portuguesa II*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. (Biblioteca Breve, Série Literatura, v. 6).

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

PEREIRA, Aristides. *Guiné Bissau e Cabo Verde: uma luta, um partido, dois países*. Lisboa: Notícias Editorial, 2002.

Aula 6

AMORIM, Cláudia; PALADINO, Mariana. *Cultura e literatura africana e indígena*. Curitiba: IESDE Brasil, 2010.

BARBOSA, Jorge. *Arquipélago*. Cabo Verde: Editorial Claridade, 1935.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa I*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. (Biblioteca Breve, Série Literatura, v. 6).

_____. *Literaturas africanas de expressão portuguesa II*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. (Biblioteca Breve, Série Literatura, v. 6).

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. São Vicente, Cabo Verde: Edições Claridade, 1947.

MARTINS, Ovídio. *Caminhada*. Lisboa: Editorial Minerva, 1962.

Revista Claridade, S. Vicente, Cabo Verde, n. 8, 1958.

Revista Claridade - edição comemorativa. Maia, Portugal: Maia-douro, 1990.

SILVEIRA, Onésimo. *Consciencialização da literatura cabo-verdiana*. Lisboa: Editorial Minerva, 1963.

Aula 7

ALEGRE, Caetano da Costa. *A negra*. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/s_tome_princepe/caetano_de_costa.html>. Acesso em: 14 abr. 2015.

_____. *Cantares santomenses*. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/s_tome_princepe/caetano_de_costa.html>. Acesso em: 14 abr. 2015.

BAPTISTA, Gabriela. *São Tomé e Príncipe*. 2013. Disponível em: <<http://prezi.com/70x2oec336pm/sao-tome-e-principe/>>. Acesso em: 5 set. 2014.

COLETTI, Leticia R. Breve comentário sobre Francisco José Tenreiro e sua “Canção do mestiço”. *Versão Beta*, São Carlos, v. 42, p. 15-22, 2006. Disponível em: <<http://www.versaobeta.ufscar.br/index.php/vb/article/viewFile/10/5>>. Acesso em: 12 maio 2015.

ESPÍRITO SANTO, Alda do. *É nosso o solo sagrado da terra*. Lisboa: Ulmeiro, 1978.

_____. *Ilha nua*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/santo.html>>. Acesso em: 5 set. 2014.

_____. *Para lá da praia*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/santo.html>>. Acesso em: 7 set. 2014.

_____. *Onde estão os homens caçados neste vento de loucura*. Disponível em: <<https://caminhosdamemoria.wordpress.com/2009/02/04/o-massacre-de-batepa/>>. Acesso em: 12 maio 2015.

FARIA, António. *A Casa dos Estudantes do Império*: itinerário histórico. Lisboa: Edição Câmara Municipal de Lisboa, 1995.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa I*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. (Biblioteca Breve, Série Literatura, v. 6).

_____. Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA, 7., 1979, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 1979. p. 39-47.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Tabor. *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*. 20---. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2015.

HAMILTON, Russel. *Literatura africana – literatura necessária: Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições 70, 1984. v. 2.

HINO de São Tomé e Príncipe. Disponível em: <<http://letras.mus.br/hinos-de-cidades/136763/>>. Acesso em: 5 set. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *O país*. 20---. Disponível em: <<http://www.ine.st/pais.html>>. Acesso em: 5 set. 2014.

LABAN, Michel. *S. Tomé e Príncipe: encontro com escritores*. Porto: Fundação Eng. António Almeida, 2002.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MACHADO, Isabel Pinto. “A verdadeira morte de Amílcar Cabral” de Tomás Medeiros. Disponível em: <<http://www.portugues.rfi.fr/africa/20121011-verdadeira-morte-de-amicar-cabral-do-escriptor-saotomense-tomas-medeiros>>. Acesso em: 12 maio 2015.

MATA, Inocência. Manuela Margarido: uma poetisa lírica entre o cânone e a margem. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 240-252, 2004. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta15/Conteudo/N15_Parte03_art03.pdf>. Acesso em: 12 maio 2015.

_____. São Tomé e Príncipe. In: LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. p. 336.

MEDEIROS, Tomás. *Meu canto Europa*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/tm01.html>>. Acesso em: 12 maio 2015.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

OBSERVATÓRIO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. *IV recenseamento geral em São Tomé e Príncipe*. 8 out. 2013. Disponível em: <<http://www.oplop.uff.br/boletim/2730/iv-recenseamento-geral-em-sao-tome-principe>>. Acesso em: 5 set. 2014.

OCEANO DE LETRAS. *Alda do Espírito Santo (1926-2010)*. 2012. Disponível em: <<http://nuhtaradahab.wordpress.com/2012/09/02/alda-do-espirito-santo-1926-2010/>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

PONTES, Jerónimo Xavier de Sousa. *Sum Fâchiku Stockler no contexto da poesia são-tomense no século XIX*. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2008. Disponível em: <http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/WP_2008_02.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2015.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *Onde canta o ossobó: vozes literárias femininas do arquipélago de São Tomé e Príncipe*. 2008. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/320-onde-canta-o-ossobó-vozes-literárias-femininas-do-arquipélago-de-são-tomé-e-príncipe>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

RIBEIRO, Patrícia. O intricado jogo entre a pátria e a língua na poesia de Conceição Lima. *Revista África e Africanidades*, Belford Roxo, ano 2, n. 6, ago. 2009. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/O_intricado_jogo_entre_a_patria_e_a_lingua.pdf>. Acesso em: 5 set. 2014.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Dona Alda e Conceição Lima: uma geografia de paixões, afetos e memórias. In: _____ (Coord.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa: Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ; Setor de Literaturas Africanas da Faculdade de Letras da UFRJ, 1999. p. 146-151.

_____. Travessias e rotas das literaturas africanas de língua portuguesa: das profecias libertárias às distopias contemporâneas. *Légua e meia: revista de literatura e diversidade cultura*, Feira de Santana, n. 1, p. 91-113, 2002.

_____. No útero da ilha: o sonho e a vigília. In: TUTIKIAN, Jane; ASSIS BRASIL, Luís Antônio (Org.). *Mar horizonte: literaturas insulares lusófonas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 135-153.

_____. São Tomé e Príncipe. set. 2012. Disponível em: <http://nmjds.zip.net/arch2012-09-02_2012-09-08.html>. Acesso em: 5 set. 2014.

SEIBERT, George. *A verdadeira origem do célebre Rei Amador, líder da revolta dos escravos em 1595*. 2004. Disponível em: <<http://www.joaodorio.com/Arquivo/2006/04,05/amador.htm>>. Acesso em: 5 set. 2014.

SOBRE São Tomé e Príncipe: geografia. 20---. Disponível em: <<http://www.stptourism.st/geografia.htm>>. Acesso em: 5 set. 2014.

TENREIRO, Francisco José. *Coração em África*. Prefácio de J. B. Martinho. Lisboa: África, 1982.

Aula 8

A IMPORTÂNCIA da oralidade nas sociedades africanas subsaarianas. *História e cultura africana/afro-brasileira/indígena*. 8 out. 2009. Disponível em: <<http://histafricanafrobrasindigena.blogspot.com.br/2009/10/importancia-da-oralidade-nas-sociedades.html>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel, o menino fula*. Tradução Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003.

_____. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). *História geral da África.: Metodologia e pré-história da África*. v. 1. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. p. 167-212.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COUTO, Mia. *A varanda do frangipani*. Lisboa: Caminho, 1996.

_____. Nas águas do tempo. In: _____. *Estórias abensonhadas: contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. O gato e o novelo. Auto-retratos. *Jornal de Letras*, Lisboa, 704, 8-21 out. 1997. p. 59.

_____. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CRAVEIRINHA, José. *Cântico a um deus de alcatrão*. Disponível em: <<http://lusofonia.com.sapo.pt/craveirinha.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

GRIÔ. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1484

JOSÉ Craveirinha. ca2007. Disponível em: <<http://lusofonia.com.sapo.pt/craveirinha.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

LEITE, Ana Mafalda. Empréstimos da oralidade na produção e crítica literárias africanas. In: _____. *Oralidades e escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Colibri, 1998. p. 11-36.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MELLO, Ramon. Ondjaki e a oralidade africana. *Saraiva*. 23 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/materias/post/10079>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

MONTEIRO, Manuel Rui. Eu e o outro, o invasor: In: MEDINA, Cremilda de Araújo (Org.). *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopeia, 1987.

NASCIMENTO, Lidianes Alves do; RAMOS, Marilúcia Mendes. A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras. *Crítica Cultural*, Palhoça, v. 6, n. 2, p. 453-467, jul./dez. 2011.

ONDJAKI. Manga verde e o sal também. In: _____. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. *A narrativa africana de expressão oral: transcrita em português*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Luanda: Angolê, 1989. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/A-narrativa-africana-de-expressao-oral.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

SISTO, Celso. O conto popular africano: a oralidade que atravessa o tempo, atravessa o mundo, atravessa o homem. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_especial/pdf/artigo_nespecial_01.pdf>. Acesso em: 22 maio 2015.

TAVARES, Ana Paula. A oralidade é meu culto: entrevista a Ana Paula Tavares, por Pedro Cardoso. *Pambazuka News*, 15 nov. 2010. Escritores africanos. Disponível em: <http://www.pambazuka.org/pt/category/African_Writers/68757>. Acesso em: jul. 2014.

XITU, Uanhenga. *Mestre Tamoda e Kahitu*. São Paulo: Ática, 1984.